

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SUELLEN CAROLYNE PRECINOTTO

SUDAN NOTES AND RECORDS E A PRÁTICA ETNOGRÁFICA NO SUDÃO: A OBRA
DE EDWARD EVANS-PRITCHARD PARA A REVISTA E SUA RELAÇÃO COM A
POLÍTICA COLONIAL BRITÂNICA (1928-1956)

CURITIBA

2020

SUELLEN CAROLYNE PRECINOTTO

SUDAN NOTES AND RECORDS E A PRÁTICA ETNOGRÁFICA NO SUDÃO: A OBRA
DE EDWARD EVANS-PRITCHARD PARA A REVISTA E SUA RELAÇÃO COM A
POLÍTICA COLONIAL BRITÂNICA (1928-1956)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Hector Guerra Hernandez.

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÍFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR ã
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanuella Nogueira ãCRB 9/1607

Precinotto, Suellen Carolyne

Sudan Notes and Records e a prática etnográfica no Sudão : a obra de Edward Evans-Pritchard para a revista e sua relação com a política colonial britânica (1928 ã1956). / Suellen Carolyne Precinotto. Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em História) ãSetor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná .

Orientador : Prof. Dr. Héctor Guerra Hernandez

1. Evans-Pritchard, E. E. (Edward Evan), 1902 - 1973 ãCrítica e interpretação. 2. Sudão ãEtnologia. 3. Sudão ãHistória. I. Guerra Hernandez, Héctor, 1969 -. II. Título.

CDD ã801



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **SUELLEN CAROLYNE PRECINOTTO** intitulada: ***Sudan notes and records e a prática etnográfica no Sudão: a obra de edward evans-pritchard para a revista e sua relação com a política colonial britânica (1928-1956)***, sob orientação do Prof. Dr. HECTOR ROLANDO GUERRA HERNANDEZ, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Março de 2020.

Assinatura Eletrônica

31/03/2020 16:52:45.0

HECTOR ROLANDO GUERRA HERNANDEZ

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

31/03/2020 18:25:27.0

RAQUEL GRYSZCZENKO ALVES GOMES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica

31/03/2020 17:34:29.0

PATRICIA TEIXEIRA SANTOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO)

*E pouco a pouco as dores viram água,
viram memória.
As memórias vão com o tempo,
se desfazem.
Mas algumas não encontram consolo,
só algum alívio nas pequenas brechas
da poesia.
Você, é minha memória inconsolável,
feita de pedra e de sombra.
E é dela que tudo nasce... e dança".
(Elena, Petra Costa)
E à minha mãe, Alice.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Hector, pela confiança em mim depositada e pelos ensinamentos dos últimos seis anos. Às e aos técnicos, às terceirizadas e aos terceirizados, que em meio à precarização da universidade pública a mantêm em bom funcionamento. Às professoras Patricia e Raquel, pelas críticas e sugestões na banca de qualificação e por aceitarem nosso convite. À minha mãe Alice, pelo provimento das condições materiais e emocionais para que eu possa estudar, e por estar sempre ao meu lado. Ao Hec, por ser meu melhor amigo, não importa o tempo lá fora. Às minhas irmãs, sobrinhas e cunhados, pela ajuda e pelos momentos de diversão. À minha turma de Seminário de linha, em especial Mariana e Brenda pela parceria e pelas reclamações compartilhadas. Ao grupo Uhuru, pelas discussões teóricas, pelas mesas de bar e comilanças veganas. À professora Martha pelas sugestões quando da elaboração do projeto, e ao professor Rafael pelas provocações e pelo livro emprestado há mais de dois anos. Às minhas amigas de infância, alento no caos cotidiano. Às amigas e amigos pela honra de compartilhar a vida comigo, sempre. À Cice e ao Salem, por serem os melhores companheiros de escrita. À CAPES, pelo financiamento deste trabalho. Muito obrigada!

*“As narrativas históricas necessariamente produzem
silêncios que são, por eles mesmos, significativos.”*

Michel-Rolph Trouillot
(em *Silencing the past:
power and the production of history*).

RESUMO

A dissertação analisa os trabalhos etnográficos do antropólogo britânico Edward Evan Evans-Pritchard (1902-1973) para o periódico *Sudan Notes and Records*, publicados entre 1928 – início da recorrência de suas publicações, até 1956, contexto de fim do condomínio anglo-egípcio no Sudão. Evans-Pritchard foi figura de destaque na criação de um novo paradigma na antropologia social britânica (KUPER, 1996, apud. FARDON, 2001, p. 28) pela sistematização do trabalho de campo, através da amálgama crítica dos trabalhos de seus mestres Malinowski e Radcliffe-Brown. A pesquisa foca então no posicionamento do *antropólogo-etnógrafo* a respeito dos povos sudaneses nuer e azande por meio desse novo paradigma, buscando historicizar o contexto da produção antropológica de Evans-Pritchard, e da própria *Sudan Notes and Records*, como possíveis veículos de disseminação de um saber colonial, ao mesmo tempo que compartilha o momento de consolidação da antropologia como pensamento acadêmico hegemônico e notório. Pensamos o lugar de Evans-Pritchard no cenário do condomínio enquanto homem do império, refletindo a respeito de seus privilégios e interesses quando do trabalho de campo. Esses conceitos também perpassam a discussão a respeito da *Sudan Notes and Records*, na medida em que contribuiu para a elaboração de uma perspectiva político-intelectual a respeito do Sudão. A discussão exige ainda uma análise do passado da produção de conhecimento sobre o Sudão, pensando a especificidade do país, uma vez que foi o único caso de um condomínio durante o colonialismo em África. Para tanto, discutimos as raízes históricas da disciplina, focando no período da *Mahdiyya* e no trabalho de missionários que passaram pela região durante esse momento. Com isso, procuramos perceber a origem de processos de *racialização* que posteriormente seriam reciclados pela *Sudan Political Service* na administração do condomínio, assim como pelos etnógrafos amadores que escreviam a respeito da região. Ainda analisamos a estruturação e consolidação do que ficaria conhecido como “antropologia britânica moderna” em consonância com a produção de conhecimento acerca do Sudão, refletindo sobre o papel dos institutos de pesquisa, como o *Laura Spelman Rockefeller Memorial* na criação de redes de possibilidades para o *antropólogo-etnógrafo* em questão.

Palavras-chave: Evans-Pritchard. *Sudan Notes and Records*. Sudão colonial. Condomínio anglo-egípcio.

ABSTRACT

The essay analyzes the ethnographic work of the British anthropologist Edward Evan Evans-Pritchard (1902-1973) for the journal *Sudan Notes and Records*, published between 1928 – the beginning of the recurrence of his publications, until 1956, the end of the Anglo-Egyptian Condominium context in Sudan. Evans-Pritchard was a prominent figure in the creation of a new paradigm in British social anthropology (KUPER, 1996, apud. FARDON, 2001, p. 28) for the fieldwork systematization, through the critical amalgamation of the works of his masters Malinowski and Radcliffe-Brown. The research focuses on the *anthropologist-ethnographer* position regarding the Sudanese Nuer and Azande peoples through this new paradigm, seeking to historicize the context of Evans-Pritchard's anthropological production, and *Sudan Notes and Records* itself, as possible vehicles for the dissemination of a colonial knowledge, while sharing the moment of consolidation of anthropology as hegemonic and notorious academic thought. We think of Evans-Pritchard's place in the condominium scene as a man of the empire, reflecting on his privileges and interests when working in the field. These concepts also permeate the discussion regarding *Sudan Notes and Records*, as it contributed to the political-intellectual perspective about Sudan. The discussion also requires an analysis of the past of knowledge production about Sudan, thinking the specificity of the country, since it was the only case of a condominium during colonialism in Africa. To this end, we discuss the historical roots of the discipline, focusing on the *Mahdiyya* period and on the work of missionaries who passed through the region during that time. With this, we try to understand the origin of *racialization* processes that would later be recycled by *Sudan Political Service* in the administration issues of the condominium, as well as by the amateur ethnographers who wrote about the region. We still analyze the structuring and the consolidation of what would become known as “modern British anthropology” in line with the production of knowledge about Sudan, reflecting on the role of research institutes, such as the *Laura Spelman Rockefeller Memorial* in creating networks of possibilities for the *anthropologist-ethnographer* in question.

Keywords: Evans-Pritchard. *Sudan Notes and Records*. Colonial Sudan. Anglo-Egyptian Condominium.

LISTA DE SIGLAS

ASA	<i>Association of Social Anthropologists of the British Commonwealth</i>
E-P	Evans-Pritchard
IAI	<i>International Anthropological Institute</i>
IIALC	<i>International Institute of African Languages and Cultures</i>
LSE	<i>London School of Economics</i>
LSRM	<i>Laura Spelman Rockefeller Memorial</i>
RLI	<i>Rhodes-Livingstone Institute</i>
SIR	<i>Sudan Intelligence Reports</i>
SNR	<i>Sudan Notes and Records</i>
SPS	<i>Sudan Political Service</i>

NOTA INTRODUTÓRIA

Para a realização deste trabalho, foi utilizado um extenso corpo bibliográfico em inglês. Optamos por utilizar a tradução livre desse material no corpo do texto, a fim de possibilitar a leitura a não-falantes da língua, além de conceder maior fluidez e dinâmica à leitura. Os textos originais constam nas notas de rodapé para eventuais consultas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Volumes ordenados por ano de publicação e número de páginas, listados com o respectivo patrono e presidente do Comitê Editorial.....	26
Tabela 2: Número de entradas por seção.....	30
Tabela 3: Área do conhecimento e número de ocorrências na seção de artigos.....	31
Tabela 4: Artigos dedicados à antropologia/etnografia escritos por especialistas.....	32
Tabela 5: Artigos de Evans-Pritchard para a SNR, organizados por ano e volume de publicação.....	34
Tabela 6: Fontes: artigos organizados por ano, volume da publicação e grupo étnico correspondente.....	51
Tabela 7: Artigos dedicados à antropologia/etnografia independente da formação profissional do autor.....	119

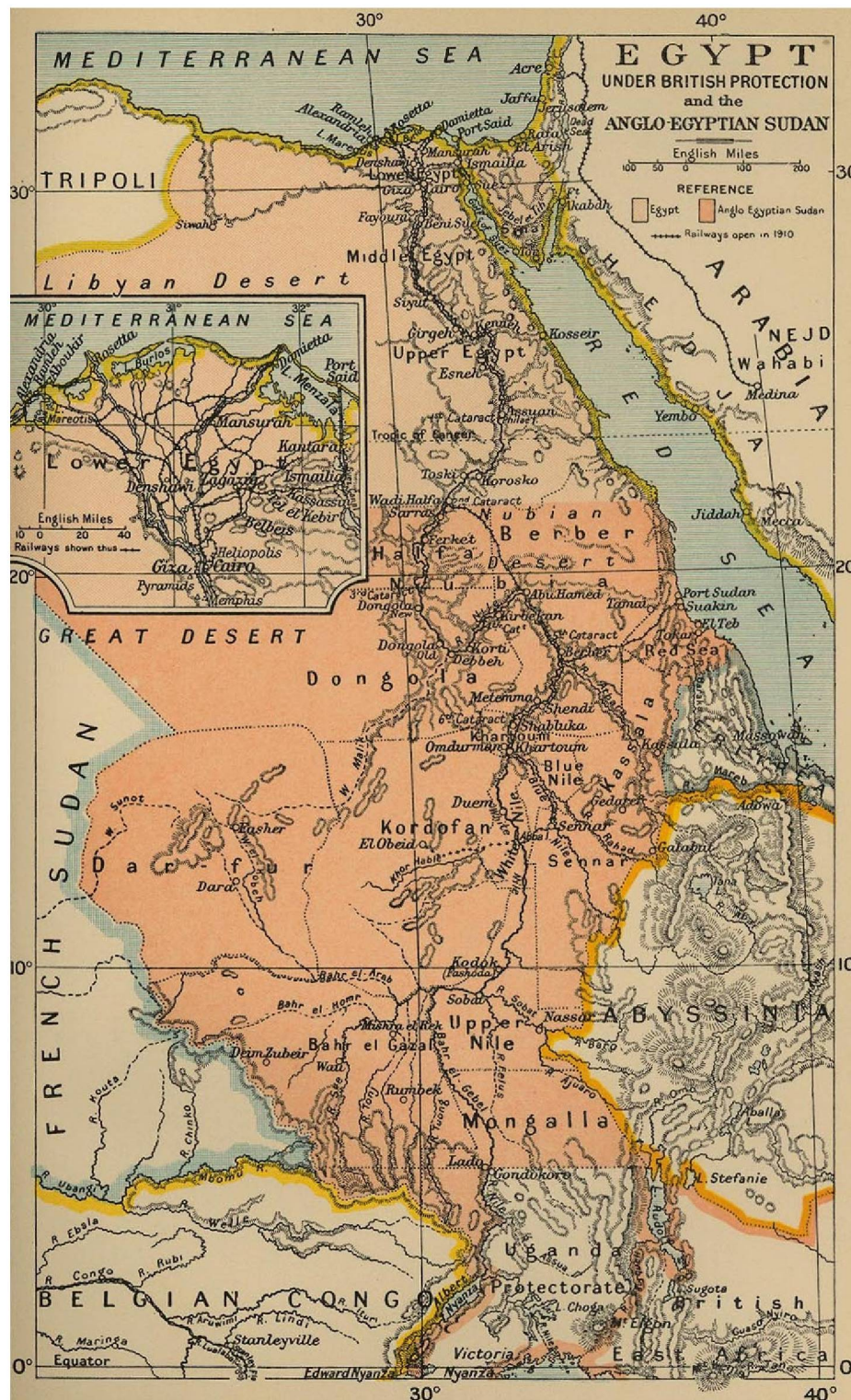
LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Sudão durante o condomínio anglo-egípcio (1898-1956).....	15
Figura 2: Mapa dos percursos de Evans-Pritchard entre 1926 e 1936.....	42
Figura 3: Tribos azande indicadas por Evans-Pritchard.....	52
Figura 4: Os grupos nuer indicados por Evans-Pritchard.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1. A <i>SUDAN NOTES AND RECORDS</i> COMO VEÍCULO DO DISCURSO ETNOGRÁFICO NO CONTEXTO DO CONDOMÍNIO ANGLO-EGÍPCIO.....	24
1.1. O ADVENTO DE UM NOVO OLHAR: A <i>SUDAN NOTES AND RECORDS</i> E A PERSPECTIVA POLÍTICO-INTELLECTUAL SOBRE O SUDÃO.....	24
1.2. DIÁLOGOS ENTRE ANTROPOLOGIA E A VIDA DE EDWARD EVANS-PRITCHARD.....	36
CAPÍTULO 2. EVANS-PRITCHARD E A <i>SUDAN NOTES AND RECORDS</i> (1928-1938)	47
2.1. UMA LEITURA DO DISCURSO ETNOGRÁFICO A PARTIR DOS ARTIGOS DE EVANS-PRITCHARD (1928-1938).....	48
2.1.1. OS AZANDE ENTRE BRUXARIA, ORÁCULOS, MAGIA E CONTROLE SOCIAL.....	48
2.1.2. OS NUER ENTRE IDIOMA BOVINO, TEMPO ECOLÓGICO E INSTITUIÇÕES POLÍTICAS.....	56
2.2. EVANS-PRITCHARD E A FORÇA DO CONVENCIMENTO: OS PRIVILÉGIOS DE UM HOMEM DO IMPÉRIO.....	65
CAPÍTULO 3. O PASSADO DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O SUDÃO: RAÍZES HISTÓRICAS DE UMA DISCIPLINA E SUAS CONEXÕES COM O “PRESENTE ETNOGRÁFICO”.....	71
3.1. O PROCESSO DE <i>RACIALIZAÇÃO</i> DURANTE O PERÍODO MAHDISTA (1881-1889).....	74
3.2. A <i>MAHDIYYA</i> E O MISSIONARISMO: AS SOMBRAS DO <i>MAHDI</i> E DO ACÚMULO RELIGIOSO DE CONHECIMENTO SOBRE O SUDÃO.....	77
3.3. O SUDÃO COMO PEÇA DO <i>REPERTÓRIO IMPERIAL</i> BRITÂNICO.....	79
3.4. <i>SUDAN POLITICAL SERVICE</i> E <i>SUDAN NOTES AND RECORDS</i> NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO COLONIAL: ENTRE INOVAÇÃO E APROPRIAÇÃO.....	81
CAPÍTULO 4. A ORGANIZAÇÃO DA “ANTROPOLOGIA BRITÂNICA”, A FORMAÇÃO DA FIGURA DO ANTROPÓLOGO E A CONSOLIDAÇÃO DA ANTROPOLOGIA COMO ÁREA FORMAL DO CONHECIMENTO.....	87

4.1. A ESTRUTURAÇÃO DA “ANTROPOLOGIA BRITÂNICA” NAS DÉCADAS DE 1910 E 1920 E A AUTORIDADE DO <i>ANTROPÓLOGO-ETNÓGRAFO</i>	90
4.2. A CONSOLIDAÇÃO DA DISCIPLINA ANTROPOLÓGICA COMO ÁREA FORMAL DO CONHECIMENTO.....	95
4.3. OS INSTITUTOS DE PESQUISA E O FINANCIAMENTO DE UMA ETNOGRAFIA AFRICANISTA EM CONTEXTO: A REDE DE POSSIBILIDADES DE EVANS-PRITCHARD.....	98
CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO DISCURSO ETNOGRÁFICO DO MACHO IMPERIAL.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
FONTES.....	116
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	116
ANEXOS.....	124



INTRODUÇÃO

Este trabalho teve seus primeiros suspiros ainda no ano de 2016, no momento da escrita do trabalho de conclusão da graduação em História, já na Universidade Federal do Paraná. Fascinada pela escrita de Mahmood Mamdani em seu *Saviours and Survivors*, e por que não admitir, perdida com a complexidade do tema que havia escolhido para trabalhar na monografia, me deparei com um nome ainda novo para mim: a *Sudan Notes and Records* (SNR). Fui despertada pela curiosidade inicial do encontro com esse título e, honestamente, por se tratar de uma possível rica fonte de informações (afinal, percebi de início que se tratava de um periódico, e para minha alegria, continha a palavra-chave mais desejada pela proto pesquisadora que agora eu era: Sudão!)

Não imaginei a fartura de conteúdo que eu estava prestes a descobrir: as poucas notas dedicadas por Mamdani a discutir questões ligadas à SNR não me pareceram dignas da importância que posteriormente atribuí ao periódico em questão. Uma rápida pesquisa me auxiliou no que se tornaria objeto de estudo para os próximos três anos. Todos os exemplares conhecidos da SNR foram digitalizados e encontravam-se online no endereço da *Section française de la direction des antiquités du Soudan*.¹ A leitura das primeiras páginas do primeiro exemplar, publicado em 1918, foi a responsável imediata pela inflexão metodológica que meus estudos tomariam. Nele, o general Sir F. Reginald Wingate, então Alto-Comissário do Egito, nos conta que

Foi com a maior satisfação e prazer que eu soube que a proposta de estabelecer uma revista científica para o Sudão havia amadurecido. Há uma real necessidade de publicações deste tipo, e o campo para os seus estudos será amplo e, em grande medida, em solo virgem. Digo isso sem qualquer depreciação do verdadeiramente admirável trabalho realizado por indivíduos (os nomes de muitos dos quais fico feliz em ver na Equipe Editorial do novo periódico): mas, tendo em vista a extensão do Sudão e os obstáculos à pesquisa sistemática, admitimos que nossos conhecimentos sobre o país e seus povos requerem ser expandidos em muitas direções. Conhecimento é poder, na África e em qualquer lugar, e se, como eu confiantemente espero, essa revista provir os meios de registrar e disseminar informações que conduzam a um olhar mais claro a respeito do país e um melhor entendimento sobre seus nativos, seu passado histórico, suas condições sociais e desenvolvimento futuro, isso possibilitará um benefício duradouro não só àqueles responsáveis pelo Governo mas também à comunidade como um todo. Há, penso eu, poucos ramos de pesquisa que exijam mais tempo e paciência, mais tato e aplicação consciente, do que este: nem em vista da rápida disseminação de novas ideias, com condições modificadas e avanço material, é um ramo de estudo que pode ser diferido com segurança indefinidamente. Os membros do Comitê Editorial dão a garantia segura de que nenhum esforço será poupado para fazer da *Sudan Notes and Records* uma

¹ Os exemplares encontram-se no seguinte endereço: <http://sfdas.com/publications/ouvrages-specialises-en-ligne-ouvrages/article/sudan-notes-and-records-131?lang=en>. Acesso em: 22 fev. 2020.

valiosa publicação e eu, como todos aqueles interessados no país, desejo todo sucesso possível agora e no futuro.²

Ao ler este prefácio, me interessei em olhar através das lentes pelas quais eu vinha observando meu objeto de estudo. Pela primeira vez, tive curiosidade por entender a partir de que lugar a episteme científica postulava suas demonstrações. Nisso, me encontrei novamente com a figura do antropólogo britânico Edward Evans-Pritchard (também grafado como E-P), com quem já havia tido contato – especialmente com sua obra *Os muer*, no decorrer da escrita da monografia. A ideia inicial partia do diagnóstico da alta recorrência de artigos e notas do autor na SNR, sendo melhor elaborada no decorrer das leituras primárias, como procuro demonstrar nas páginas que seguem. Nasceu, desse pequeno estalo, a ideia para o projeto que a partir de agora vos apresento na intenção de contribuir, ainda que minimamente, para as discussões a respeito da história da antropologia, história do Sudão colonial, entre outros temas que convergem entre si no desenvolvimento deste trabalho.

Atravessando o trabalho, temos a tese de que a opinião geral ocidental acerca da África é cheia de preconceitos e racismos, dotada de um “grande desinteresse em conhecer as raízes históricas de sociedades consideradas exóticas”,³ fundamental para a desconstrução das categorias de análise priorizadas pelo discurso etnográfico. Esse desinteresse gera imagens que vitimizam o continente africano, além de reforçar e reproduzir, devido ao desconhecimento, categorias previamente dadas e construídas. Por si só, o apontamento já torna necessário o estudo da História da África, especialmente no contexto brasileiro – que não difere muito de outras sociedades ditas “ocidentais” –, no qual o pensamento político conservador ganha destaque na percepção do continente africano como “sem história” e “atrasado”. No que se refere ao recorte espacial, especificamente, os “conflitos recentes”

² WINGATE, F. R. Foreword. In: **Sudan Notes and Records**, n. 1, v. 1, 1918, pp. 01-02. Do original: “It was with the liveliest satisfaction and pleasure that I learned that the proposal to establish a scientific journal for the Sudan had matured. The need of such a publication is a very real one and the field of its study will be wide and, in a great measure, virgin soil. I say this without any disparagement of the really admirable work already performed by individuals (the names of several of whom I am glad to see on the Editorial Staff of the new journal): but, having regard to the extent of the Sudan and to the obstacles to systematic research, it will be admitted that our knowledge of the country and its people requires to be extended in many directions. Knowledge is power, in Africa and elsewhere, and if, as I confidently hope, this journal will be the means of recording and disseminating information that will conduce to a clearer outlook on the country and a better understanding of its natives, their past history, social conditions and future development, it will confer a lasting benefit not solely on those responsible for Government but also on the community at large. There are, I think, few branches of research requiring more time and patience, more tact and conscientious application than this: nor in view of the rapid spread of new ideas, with changed conditions and material advancement, is it a branch of study of which can safely be deferred indefinitely. The membership of the Editorial Committee gives satisfactory assurance that no pains will be spared to render Sudan Notes and Records a really valuable publication and I, with all those interested in the country, wish it every possible success now and in the future.”

³ BAYART, J. F. **El estado en África: la política del vientre**. Barcelona: Edim, 1999, p. 21.

observados em regiões dos atuais Sudão e Sudão do Sul fazem parte de “estruturas persistentes”,⁴ referindo-se a situações de conflito e sua ligação com o processo histórico da região. Muito da história do Sudão que permanece em evidência até os dias de hoje foi modelada durante o período colonial anglo-egípcio, a partir de narrativas que remontam ao período do *Mahdi*, no século XIX, vindas de viajantes europeus que escreviam “às sombras do comércio de escravos transatlântico”.⁵

Essa construção – baseada nos processos de colonização da região – e seus consequentes processos de exploração e controle – criaram inúmeras divisões, algumas baseadas em organizações cotidianas dos grupos sudaneses, outras pautadas unicamente nos interesses do projeto colonial. Pode-se afirmar que os poderes externos acabaram por potencializar causas para a reprodução de conflitos no Sudão, assim como por reproduzir o ingrediente da *identidade tribal*, não constituindo por si só suas únicas causas.⁶ A diferenciação entre grupos depende mais de processos de exclusão e incorporação do que de isolamento e ausência de mobilidade nesses grupos, denotando a possibilidade de que suas fronteiras sejam mais fluidas do que seus *status* dicotomizados preveem.⁷ Desta forma, se reafirma a necessidade de investigar as construções a respeito dos grupos étnicos e a natureza das fronteiras entre eles, considerando as questões empíricas da etnografia para entendê-las.

Além de terem como base a gestão e o controle de grupos de pessoas, as relações imperialistas nas colônias africanas expressaram a ideia de *fazer morrer e deixar viver*,⁸ inaugurando características precisas de governo em estado de exceção e de sítio, no qual a raça torna-se fator determinante, mostrando que os estados europeus não tinham interesse em governar esses territórios da mesma forma que governavam suas próprias populações.⁹ O controle colonial revelou um novo potencial de violência, executado pela criação da ideia de

⁴*Conflitos recentes, estruturas persistentes* é o título do artigo da antropóloga Beatriz Perrone-Moisés, que relaciona as estruturas políticas de diferentes grupos do Sudão às análises de Evans-Pritchard.

⁵ MAMDANI, M. **Saviours and survivors: Darfur, politics and the War on Terror**. Cidade do Cabo: HSRC Press, 2009, pp. 76-77.

⁶ *Ibid.*, passim.

⁷ BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: _____. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000, pp. 25-27.

⁸ MBEMBE, A. **Necropolítica**. Espanha: Editorial Melusina, 2011, p. 14.

⁹ *Ibid.*, p. 35.

uma “racionalidade ocidental” em oposição à suposta selvageria do “Outro”,¹⁰ justificando a ausência de regras do governo em benefício da “civilização”.¹¹

Levando em consideração a noção de que a visão “ocidental” sobre a África seja um produto da imaginação desses mesmos “ocidentais”, as tentações comparativas se colocam imediatamente à mesa do africanista – daí as noções de “civilizado”/“incivilizado”, entre outras.¹² Pensamos, então, até que ponto essas categorias comparativas respondem a um grau de abstração, e conseqüentemente até onde a abstração no trabalho etnográfico é politicamente legitimada em detrimento da história.¹³ A crítica à antropologia e à etnografia, desde a década de 1980, as acusa de *fetichização* da diferença cultural, o que notadamente deve ser discutido quando se trata do fazer antropológico.¹⁴ E a tradição antropológica, como ciência favorita do colonialismo, encorpa uma série de oposições inerentes ou historicamente embebidas da tradição intelectual “ocidental”, quais sejam, empirismo/apriorismo, biológico/cultural, nomotético/idiográfico, racista/igualitário, progressista/primitivista, entre outras. Assim, há de se observar as diferenças substanciais entre antropólogos e sua produção, seja em relação à tradição nacional, à metrópole/periferia, ou a seus lugares dentro de uma escala de conhecimento e poder.¹⁵

Com base no exposto, a dissertação procura discutir a importância da antropologia no momento de escrita de Evans-Pritchard, e o contexto da virada metodológica ocorrida neste período, especialmente a partir da década de 1920. Partimos das discussões a respeito da visão

¹⁰ Nossa discussão a respeito dos binômios reforçados pelo colonialismo na África, a exemplo da dicotomia “nós”/“outro”, passa pela crítica feita por alguns autores, como Eve Powell e Johannes Fabian, ao conceito de *orientalismo* de Edward Said. Powell aponta o sucesso da teoria de Said ao demonstrar a profundidade que os temas do conhecimento e do poder tiveram ao se enraizarem nos imaginários dos homens que construíam o império britânico em suas colônias no “Oriente”, e de que forma esse imaginário contribuiu para a criação de uma distância abismal das visões políticas entre aquilo que é “familiar” (Europa, ocidente, nós) e o “estranho” (o oriente, o leste, eles). Por outro lado, denuncia que Said teria caído em sua própria armadilha dos binários, congelando historicamente esses povos chamados de “orientais”, dando-lhes não mais que um papel de passividade no dinâmico cenário colonial. Cabe ressaltar aqui que, embora atestemos a especificidade do contexto retratado, não partilhamos das oposições binárias reforçadas pelos agentes no cenário discutido, e que as menções a essas polarizações duais vão no sentido de explicitar as visões dos agentes que enunciamos. POWELL, E. **A different shade of colonialism: Egypt, Great Britain and the mastery of Sudan**. California: University of California Press, 2003, p. 09.

¹¹ MBEMBE, op. cit., p. 39.

¹² CHABAL, P. Violence, Power and Rationality: A Political Analysis of Conflict in Contemporary Africa. In: _____. et al. **Is violence inevitable in Africa? Theories of Conflict and Approaches to Conflict Prevention**. Leiden: Brill Academic Publisher, 2005, pp. 68-69.

¹³ ROSA, F. O fantasma de Evans-Pritchard: diálogos da antropologia com a sua história. In: **Etnográfica**, v. 15, n. 2, 2011, pp. 358-359.

¹⁴ COMAROFF E COMAROFF. **Ethnography and the historical imagination**. Estados Unidos: Westview Press, 1992, p. 07.

¹⁵ STOCKING JR, G. Introduction. In: _____. **Functionalism Historicized: Essays on british social Anthropology**, v. 2. Estados Unidos: The University of Wisconsin Press, 1984, p. 05.

da antropologia como disciplina “herdeira do colonialismo”, realizadas dentro do próprio meio após as conquistas das lutas anticoloniais, e do antropólogo enquanto “homem do império”, figura indissociável dos cenários coloniais. A discussão pautada em Evans-Pritchard e na SNR atravessa a expressa dualidade dos antropólogos entre admitir o domínio colonial como necessário ou criticar os efeitos do colonialismo, o que culminou, direta ou indiretamente, na “contaminação” de seus trabalhos.¹⁶ Além disso, havia certa resistência por parte dos antropólogos em assumirem que se encontravam dentro de uma estrutura de poder.¹⁷

Procuramos indicar como as relações do colonialismo expressam a reprodução das margens e hierarquias construídas pelo aparelho colonial, tais como critérios de raça e gênero, principalmente, centralizando o homem branco e europeu como figura central do imperialismo.¹⁸ Conjuntamente ao processo colonial de construção de margens, a elaboração do objeto da antropologia se deu, em grande parte, através de conceitos e dispositivos criados como um ato político – o “selvagem”, o “primitivo”, o “Outro”.¹⁹ Enquanto episteme, a antropologia foi capaz de generalizar e universalizar a tradição judaico-cristã, e a oposição entre essa tradição e aquelas que se encontram fora dela passou a ser realizada como forma de reafirmar uma diferença criada.²⁰ Logo, há de se pensar até que ponto esses dispositivos foram ou não elaborados em função da relação direta com o colonialismo, pois é certo que contribuíram para sua justificação intelectual, de acordo com apropriações por parte da agência colonial ou do trabalho encomendado de antropólogos.²¹

Ainda sob o viés da relação entre antropologia e colonialismo, assumimos a importância da obra de Evans-Pritchard como objeto de estudo porque no contexto descrito, o etnógrafo defendeu a autonomia teórica da disciplina, e a realização de uma etnografia que não favorecesse diretamente a administração colonial.²² No entanto, de forma ironicamente contraditória, como veremos no desenvolvimento da dissertação, é sabido que o antropólogo em questão realizou trabalhos encomendados e financiados pelo governo do condomínio

¹⁶ KUPER, H. Function, History, Biography: Reflections on fifty years in the british anthropological tradition. In: STOCKING JR, G. **Functionalism Historicized: Essays on british social anthropology**, v. 2. Estados Unidos: The University of Wisconsin Press, 1984, p. 207.

¹⁷ ASAD, T. Introduction. In: ASAD, T. **Anthropology and the colonial encounter**. Estados Unidos: Ithaca Press, 1975, p. 17.

¹⁸ MCCLINTOCK, M. **Imperial leather: Race, gender and sexuality in the colonial contest**. Nova York: Routledge, 1995, p. 06.

¹⁹ FABIAN, J. **Time and the Other: How Anthropology makes its objects**. Estados Unidos: Columbia University Press, 1983, p. 01.

²⁰ *Ibid.*, p. 10.

²¹ *Ibid.*, pp. 16-17.

²² TAMBASCIA, C. **Estrutura e sentido no africanismo de Mary Douglas: A etnografia no Congo belga e o campo acadêmico britânico**. 2010. Tese. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010, p. 65.

anglo-egípcio como veremos. Essas informações devem nos fazer reconsiderar até que ponto é válida a pureza disciplinar defendida por E-P.

Além disso, sua importância epistêmica se deve ao fato de que E-P inaugurou uma metodologia sistemática de descrição de instituições sudanesas,²³ pois as formas de análise existentes até então foram consideradas por ele como insuficientes por não suprirem as demandas que surgiram a partir de seu encontro com o totemismo e a magia, por exemplo, como ilustra o caso de sua análise do sistema político nuer.²⁴ Propunha, assim, um método que comparasse os objetos de maneira equivalente, explorando os efeitos da dimensão social do comportamento, e que não reproduzisse a oposição estanque entre irracionalidade e racionalidade,²⁵ estereótipos que figuram entre os favoritos das ciências modernas no que diz respeito ao contato com povos “não-ocidentais”.

O contexto do trabalho de campo de E-P é, no entanto, bastante particular. O caso do condomínio anglo-egípcio,²⁶ estabelecido no Sudão através de um acordo entre Inglaterra e Egito, na passagem de 1898 para 1899, após a derrota do *Mahdi*,²⁷ vigorava ainda no período em que o antropólogo realizou suas viagens ao Sudão. A especificidade sudanesa e todos os desdobramentos históricos que essa particularidade gerou são fundamentais para a análise da construção do discurso etnográfico sobre a região. Com base nisso, a pesquisa procura analisar as interpretações realizadas por Evans-Pritchard sobre o Sudão anglo-egípcio como exemplo do processo descrito acima, na imbricação entre a consolidação do fazer antropológico sob os moldes do funcionalismo estrutural – e sua relação com seus pares profissionais – e a prática de governo colonial.

Vemos que no processo de defesa de um discurso as condições sociais do emissor são fundamentais para a elaboração dos argumentos a respeito de um objeto, e a natureza do *auditório* também é fundamental para o convencimento. De tal maneira, a institucionalização

²³ DOUGLAS, M. **Edward Evans-Pritchard**. Great Britain: Fontana Paperbacks, 2003, pp. 03-04.

²⁴ Em seu livro *Os Nuer*, publicado originalmente em 1940, Evans-Pritchard aponta que o estilo de vida nuer revela as limitações das nossas categorias, uma vez que as instituições nuer não são visíveis. Observa-as, então, como um sistema, no qual o conjunto de relações – como a garantia da propriedade, do gado e da vida – contribuem para a manutenção do todo (apud. DOUGLAS, 2003, p. 61).

²⁵ DOUGLAS, op. cit., pp. 20-21.

²⁶ O termo condomínio anglo-egípcio se refere ao nome dado ao território hoje referente a partes do Sudão e do Sudão do Sul durante o período de 1899 a 1955. Em tese, Egito e Inglaterra deveriam governar em conjunto, mas na prática foi a Inglaterra quem governou, e o Egito ficou responsável pelo provimento de força militar. In: FLUEHR-LOBBAN, C.; LOBBAN-JR, R.; VOLL, J. **Historical dictionary of the Sudan**. London: Scarecrow Press, 1992, pp. 17-18.

²⁷ Muhammad Ahmad, conhecido popularmente como *al-Mahdi*, foi o líder da revolução mahdista ao proclamar a necessidade de uma reforma islâmica da sociedade sudanesa de fins do século XIX. Esse período será discutido adiante. Para mais a respeito desse contexto, ver o livro de Patricia Teixeira Santos, **Fé, guerra e escravidão: uma história da conquista colonial do Sudão (1881-1898)**.

dos discursos é preponderante nos resultados que a argumentação atinge.²⁸ A *Sudan Notes and Records* é, portanto, um exemplo da maneira sistemática com que a produção intelectual foi organizada – contribuindo para compreender categorias de análise elaboradas a partir dela. Deste modo, procuramos analisar a elaboração do discurso etnográfico de E-P entendendo-o diante do aparelho colonial anglo-egípcio no Sudão, diagnosticando as diferentes nuances que tal discurso assume em cada momento de sua escrita. Partimos da ideia de que a SNR funcionou para Evans-Pritchard como uma plataforma de testes de suas teorias, antes de lançá-las ao grande público, fosse ele especializado ou não. De tal modo, a SNR aparece como um importante instrumento tanto para este autor em específico como para a ciência britânica em geral, posto que foi, durante um longo período, o único periódico publicado no contexto colonial sudanês. Averiguamos ainda a relevância da etnografia como ferramenta de aquisição de notoriedade e hegemonia nos círculos antropológicos acadêmicos, além de avaliar o papel político do *antropólogo-etnógrafo* no contexto colonial e as possíveis interseções entre ambos, em suas relações com e como agentes coloniais.

No que diz respeito ao recorte temporal, balizamos a análise através de dois eixos: primeiro, o período de trabalho de campo de Evans-Pritchard, definindo a década que vai de 1928 a 1938 como foco de estudo, uma vez que os artigos escolhidos como fontes estão dentro desse lapso de tempo. Por outro lado, estendemos a discussão até o ano de 1956, data do fim do condomínio anglo-egípcio, início da administração independente do Sudão. Esse segundo eixo de análise, que terá espaço nas considerações finais, prioriza as discussões editoriais do periódico, em consonância com a produção pritchardiana, e as possíveis transformações em suas políticas editoriais de acordo com o cenário político internacional, tendo em vista as rápidas e intensas transformações que o período entreguerras e o próprio contexto das grandes guerras mundiais incutiram no mundo imperial britânico. A seguir, elenco sumariamente a que se dedica cada um dos quatro capítulos da dissertação, a fim de organizar didaticamente e de maneira mais clara as discussões que virão a seguir.

O primeiro capítulo se dedica à leitura e interpretação da *Sudan Notes and Records*, em diálogo com o contexto de surgimento do periódico em questão, observando a SNR como um importante veículo do saber etnográfico do período – único se considerarmos apenas aqueles dedicados ao Sudão do condomínio anglo-egípcio. Discute ainda os diálogos entre a antropologia e a vida de Edward Evans-Pritchard, maior contribuidor para o periódico e

²⁸ OLBRECHTS-TYTECA, L.; PERELMAN, C. **Tratado da argumentação: A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 16-33.

objeto deste trabalho. O primeiro item deste capítulo versa especificamente a respeito desse transmissor intelectual, a SNR, fazendo um apanhado de áreas do saber, temas, autores e momentos de destaque. O item que segue discute as relações entre a antropologia e a vida E-P, percebendo sua obra intelectual em consonância com sua vida pessoal, sendo uma necessariamente imbricada à outra.

O segundo capítulo discute a obra de E-P para o periódico em questão, em uma análise de seus escritos no período de sua maior participação na SNR, que vai de 1928 a 1938. Focamos nos artigos publicados a respeito dos azande e dos nuer, dividindo-os em subitens a fim de melhor organizar o texto. O segundo item deste capítulo analisa a formação do *antropólogo-etnógrafo* enquanto homem do império, pensando os privilégios desfrutados por E-P no cenário político-intelectual do contexto. Com isso, procuramos entender o que os benefícios que o lugar de E-P tanto no cenário britânico como no contexto colonial possibilitaram, além de discutir a relação desse lugar social com o reforço do caráter de convencimento de seu discurso.

No terceiro capítulo, discutimos o histórico da produção de conhecimento acerca do Sudão. No primeiro item, investigamos o processo de *racialização* da sociedade sudanesa que começou durante o período mahdista, além de suas continuidades no contexto do condomínio. O segundo item se dedica especificamente aos diálogos entre *Mahdi* e missionarismo, atravessando as fronteiras entre essas duas personagens e chegando ao acúmulo histórico do conhecimento a respeito dos povos do Sudão que adentra o período de governo anglo-egípcio. O terceiro item procura debater brevemente o papel do Sudão como personagem do *repertório imperial* britânico, assim como suas relações com outros personagens importantes, como o Egito e a Índia. Esse item caminha no sentido de explanar a especificidade do caso do condomínio anglo-egípcio. O quarto e último item versa a respeito da *Sudan Political Service* e da *Sudan Notes and Records* enquanto veículos de disseminação do conhecimento colonial nesse contexto bastante específico; ao escolher tratar das duas instituições no mesmo subitem, procuramos observar de que modo o fazer administrativo e o fazer intelectual se entrecruzam, possibilitando um diálogo recorrente entre estes dois mundos, presente nas páginas da SNR.

No quarto capítulo, amarramos a relação traçada entre a construção do discurso etnográfico de E-P e a solidificação da autoridade do *antropólogo-etnógrafo* apontando, em especial, o papel que teve a consolidação da antropologia britânica como área formal do conhecimento colonial, e os institutos de pesquisa, responsáveis pelo financiamento de

pesquisas etnográficas em contextos africanos, fundamental para a concretização do conhecimento europeu a respeito do Sudão. O último capítulo, *Considerações a respeito do discurso etnográfico do macho imperial* reúne as conclusões a que chegamos neste trabalho, além de retomar alguns aspectos observados nas fontes, interessantes para o enriquecimento da discussão. Desejamos a todas e todos uma boa leitura!

CAPÍTULO 1. A *SUDAN NOTES AND RECORDS* COMO VEÍCULO DO DISCURSO ETNOGRÁFICO NO CONTEXTO DO CONDOMÍNIO ANGLO-EGÍPCIO

A *Sudan Notes and Records* (SNR) foi um periódico criado em 1918 que, de acordo com um de seus editores, Harold MacMichael,²⁹ procurava construir uma imagem compreensível dos povos sudaneses que pudesse auxiliar no governo dos mesmos.³⁰ Além disso, objetivava promover a coleta, troca e publicação de informações sobre todos os aspectos da história do Sudão, de seu povo e suas instituições, não somente no domínio das ciências sociais, mas também das ciências naturais.³¹ Sua importância no contexto do Sudão colonial é grande, especialmente se levarmos em consideração que até os primeiros anos da década de 1950 foi o único material editado e publicado com certa regularidade no país.³² Foi somente com o advento do periódico arqueológico *Kush*, em 1953, que a SNR perdeu a exclusividade da dedicação ao estudo acadêmico do Sudão.³³

²⁹ Sir Harold MacMichael foi um administrador colonial que cumpriu inúmeras tarefas no Sudão: trabalhou para a *Sudan Political Service* entre 1905 e 1934, sendo Governador de Khartum e Darfur (1915-1925), Inspetor Sênior (1926-1933) e Secretário Civil (1925-1934).

³⁰ BODDY, J. Anthropology and the civilizing mission in colonial Sudan. In: **Association of Social Anthropology**, 2008, p. 06.

³¹ ROSA, F. “Un point de rencontre”: les Sudan Notes and Records entre anthropologie et colonialisme. In: **Bérose**. Paris, 2018, p. 02.

³² HAMAD, B. Sudan Notes and Records and sudanese nationalism, 1918-1956. In: **History in Africa**, v. 22, 2014, p. 239.

³³ SANDERSON, G. Sudan Notes and Records as a vehicle of research on the Sudan. In: **Sudan Notes and Records**, v. 45, 1964, p. 164.

1.1. O ADVENTO DE UM NOVO OLHAR: A *SUDAN NOTES AND RECORDS* E A PERSPECTIVA POLÍTICO-INTELECTUAL SOBRE O SUDÃO

A ideia para a criação de um arquivo científico sobre o Sudão teria surgido pelos anos de 1917, quando o tenente-coronel Milo Talbot sugeriu que “ano após ano muita informação valiosa era perdida ou enterrada em arquivos inacessíveis por não haver nenhum meio de salvá-las e mantê-las no país”.³⁴ Neste sentido, a ideia chegou a John Crowfoot, então diretor do departamento de Educação na colônia, que solicitou uma reunião, na qual foram discutidas questões práticas e logísticas, tal como impressão, financiamento e possível disponibilidade de contribuintes para as publicações. Foi montado um Comitê Geral composto por dez membros, criando-se então a *Sudan Notes and Records*. Dos dez, dois eram militares, dois eram médicos, e o restante eram membros civis da *Sudan Political Service*.³⁵

Anteriormente à criação da SNR, já havia uma pesquisa incipiente no Sudão desde 1903, com o *Wellcome Research Laboratories*, administrado por Henry Wellcome,³⁶ mas esses estudos estavam desvinculados das demandas administrativas.³⁷ Nos anos seguintes e até 1919, o instituto passaria a ser fundamental para o desenvolvimento de pesquisas no novo Sudão imperial. Na década de 1920, que coincide com os primeiros anos da SNR, o governo anglo-egípcio passou a encorajar pesquisas etnográficas, desde que fossem úteis para os objetivos político-administrativos. De acordo com o casal Seligman,

nós mantemos constantemente à nossa frente as necessidades dos oficiais, pois a maior necessidade do administrador é entender a perspectiva político-religiosa da raça em questão: as regras de posse de terra ou os procedimentos criminais são inúteis a menos que haja conhecimento do tecido social e da atitude em relação ao sobrenatural.³⁸

Nos dois primeiros volumes – 1918 e 1919, a publicação foi impressa pelo Instituto Francês de Arqueologia Oriental, no Cairo, por conta dos percalços logísticos causados pela guerra na Europa. Em 1920 a *Sudan Press*, baseada em Khartum, tornou-se responsável pela

³⁴ HAMAD, op. cit., p. 241. Do original: “year by year much valuable information was lost or buried in inaccessible files because there was no convenient medium for recording it in the country.”

³⁵ Idem.

³⁶ Capitalista empresário do ramo farmacêutico. Seu instituto de fomento foi responsável pelo financiamento de pesquisas ligadas às áreas de saúde e tecnologia.

³⁷ BODDY, op. cit., p. 05.

³⁸ Ibid, p. 07. Do original: “We have constatly kept before us the necessities of the official, for the greatest need of the administrator is to understand the political-religious outlook of the subject race: rules of land tenure or criminal procedure are worthless unless there is knowledge of the social fabric and of the attitude towards the supernatural”.

impressão e publicação da SNR.³⁹ Neste momento a falta de materiais a respeito de determinados grupos e povos já é apontada. O prefácio de Reginald Wingate ao primeiro número nos mostra que

Há uma área em particular no vasto campo de pesquisa que eu gostaria de sugerir que uma atenção inicial e cuidadosa fosse dada, para que um valioso material seja resgatado do esquecimento. As crenças – me refiro, é claro, principalmente àquelas partes do país intocadas pela cultura Islâmica – as superstições e o folclore das tribos primitivas são objetos muito interessantes por si só e, a despeito de seu valor antropológico e etnológico, são importantes contribuições à simpática compreensão do povo e sua mentalidade, que é muito essencial para um administrador bem-sucedido.⁴⁰

A partir da crescente utilidade do material intelectual às atividades político-administrativas, em 1922 a SNR passou a ser publicada duas vezes ao ano, e no ano seguinte passou a ser impressa pela *Hadarat al-Sudan Press (Sudan Civilization's Press)*.⁴¹ No final da década de 1920 surge a proposta de contratar um antropólogo permanente para o governo anglo-egípcio. Isso fez com que os números de artigos voltados à antropologia e etnografia tivessem maior destaque no corpo da SNR. Tal dado é apontado também no levantamento estatístico realizado por George Sanderson, o qual indica que durante as quatro primeiras décadas a SNR se voltou aos grupos da região compreendida como o sul do Sudão,⁴² aquelas partes do país “intocadas pela cultura Islâmica”, se retomarmos o dito por Wingate. A década de 1920 marcou o início da entrada dos europeus na região conhecida como “Nuerland”, sendo Henry Fergusson o primeiro britânico documentado a entrar na região, no Bahr el Ghazal, em 1921, contribuindo para a consolidação do controle inglês sobre as terras nuer.⁴³

Com base nisso, os primeiros volumes da SNR estabeleceriam um padrão que prevaleceria durante todo o seu período de existência: a defesa de uma maior cobertura científica.⁴⁴ Aos primeiros artigos sobre o sul do Sudão, seguiram-se coberturas profissionais como as de Seligman e E-P, que se dedicaram a longas pesquisas em campo.⁴⁵ Sabemos que muitos dos contribuidores da SNR eram oficiais de governo britânicos, alocados em cargos

³⁹ Ibid., pp. 241-242.

⁴⁰ WINGATE, op. cit., pp. 01-02. Do original: “There is one corner in particular of the wide field of research to which I suggest early and careful attention should be paid if valuable material is to be rescued from oblivion. The creeds – I refer of course chiefly to those parts of the country untouched by Islamic culture – the superstitions and the folk-lore of primitive tribesmen are subjects of the deepest interest in themselves and, apart from their anthropological and ethnological values, are of importance as contributing to that sympathetic comprehension of the people and their mentality which is so essential to a successful administrator.”

⁴¹ HAMAD, op. cit., p. 248.

⁴² ROSA, op. cit., 2018, p. 01.

⁴³ Ibid., p. 03.

⁴⁴ HAMAD, op. cit., p. 247.

⁴⁵ Ibid., p. 253.

militares ou administrativos, cuja “voca  o etnográfica” podia ser vista nas páginas dos artigos publicados.⁴⁶ Até o final da década de 1930, a maioria dos artigos eram contribui  es de oficiais da *Sudan Political Service*, o que pode ser percebido pela primazia dada a temáticas ligadas    antropologia e etnografia,⁴⁷ qualificada ironicamente como “voca  o”, uma vez que tais oficiais que pouco ou nada tinham em forma  o especializada em antropologia.⁴⁸ Ao ter contato com os artigos em questão, percebemos que são, em sua maioria, relatos de viagens de “explora  o” do território.⁴⁹

A Tabela 1 indica os volumes com seus respectivos anos de publica  o e número de páginas, assinalando ainda o patrono do volume – que comumente era o Governador-Geral do Sudão anglo-egípcio no momento da publica  o –   m do presidente do comitê editorial e seu cargo dentro da *Sudan Political Service*. A ideia aqui    demonstrar como as rela  es político-intelectuais traçadas pelo material convergem de maneira bastante clara com as fun  es no escritório de administra  o colonial.

Tabela 1: Volumes ordenados por ano de publica  o e número de páginas, listados com o respectivo patrono e presidente do Comitê Editorial

VOL	ANO	PGS	PATRONO	PRESIDENTE	CARGO
1	1918	56	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack Secretário Civil (1913-1914); Tenente Coronel (1914-1917); Major-General e Governador-Geral (1917-1924).	J. W. Crowfoot	Arqueólogo brit��nico. Diretor de Educa��o (1903-1908); Departamento de Educa��o (1903-1926); Diretor do Gordon College (1914-1926)
2	1919	313	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
3	1920	302	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
4	1921	231	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
5	1922	240	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
6	1923	258	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	

⁴⁶ ROSA, op. cit., 2018, p. 01.

⁴⁷ SANDERSON, op. cit., p. 164.

⁴⁸ A única referência direta encontrada a respeito da forma  o específica desses contribuidores foi em Adam Kuper, que aponta que os seminários proferidos por Malinowski durante os primeiros anos da década de 1920, em Oxford, eram frequentados por membros do próprio corpo docente da universidade, por estrangeiros, e por administradores e missionários vindos das colônias, de licença do trabalho. KUPER, A. **Antropologia e antropólogos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978, p. 87.

⁴⁹ SANDERSON, op. cit., p. 167.

7	1924	276	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
8	1925	245	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
9	1926	236	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
10	1927	250	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
11	1928	242	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
12	1930	272	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
13	1930	294	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
14	1931	197	Maj. Gal. Sir L. O. F. Stack	J. W. Crowfoot	
15	1932	280	Sir John Maffey Governador-Geral (1926-1933)	Sir H. A. MacMichael	Administrador colonial britânico. SPS (1905-1934); Governador de Khartum e Darfur (1915-1925); Inspetor Sênior (1926-1933); Secretário Civil (1925-1934)
16	1933	188	Sir John Maffey	Sir H. A. MacMichael	
17	1934	274	Ten. Cel. Sir Stewart Symes Governador-Geral (1934-1940)	J. A. Gillan	
18	1935	322	Ten. Cel. Sir Stewart Symes	J. A. Gillan	
19	1936	355	Ten. Cel. Sir Stewart Symes	J. A. Gillan	
20	1937	324	Ten. Cel. Sir Stewart Symes	J. A. Gillan	
21	1938	348	Ten. Cel. Sir Stewart Symes	J. A. Gillan	
22	1939	121	Ten. Cel. Sir Stewart Symes	J. A. Gillan	
23	1940	380	Ten. Cel. Sir Stewart Symes	D. Newbold	Acadêmico britânico. Uppingham College e Oriel College (Oxford)
24	1941	234	Maj. Gal. Sir Hubert Huddleston Governador-Geral (1940-1947)	D. Newbold	
25/1	1942	167	Maj. Gal. Sir Hubert Huddleston	D. Newbold	

25/2	1942	80	Maj. Gal. Sir Hubert Huddleston	D. Newbold	
26	1945	360	Maj. Gal. Sir Hubert Huddleston	D. Newbold	
27	1946	257	Maj. Gal. Sir Hubert Huddleston	A. J. Arkell	Arqueólogo britânico e administrador colonial. SPS em Darfur (1921-1948); Escritório da Secretaria Civil e Suprimentos de Guerra; Comissário de Arqueologia e Antropologia.
28	1947	214	Sir Robert Howe Governador-Geral (1947-1954)	A. J. Arkell	
29	1948	240	Sir Robert Howe	K. D. D. Henderson	Militar e administrador colonial britânico. Comissário de Distrito Civil Khartum (1938-1944); Comissário de Distrito Kassala (1944-1945); Vice-Governador Kassala (1945-1946); Secretário Civil Khartum (1946-1949); Governador de Darfur (1949-1953)
30	1949	290	Sir Robert Howe	Dr J. Smith	Acadêmico britânico. Ministério da Agricultura do Sudão
31	1950	316	Sir Robert Howe	Dr J. Smith	
32	1951	349	Sir Robert Howe	Sir James Robertson	Administrador colonial britânico. SPS (1922-1945); Secretário Civil (1945-1953)
47	1966	179	-	Hussein M. A. Sharfi	Pesquisador
48	1967	188	-	Al-Tigani Saad	Pesquisador

49	1968	200	-	Al-Tigani Saad	
----	------	-----	---	----------------	--

De sua fundação até o final da década de 1940, o editorial da SNR atuou de acordo com orientações políticas bastante definidas,⁵⁰ funcionando como veículo de propagação de diretrizes específicas de acordo com cada momento e objetivo do governo colonial, visto que era uma publicação financiada e controlada pelo governo colonial sudanês.⁵¹ Já a escolha pela disciplina antropológica como fonte de estudo é pautada pela orientação comum de antropólogos e administradores no modo como o Sudão foi analisado e governado em seu período colonial, além da vinculação a institutos de financiamento de pesquisas – que serão discutidos nos próximos capítulos.⁵²

A política editorial da SNR no decorrer da década de 1920 esteve ligada a chefes tribais e figuras notáveis das sociedades sudanesas, como os *sheiks*, que publicavam seus escritos no periódico.⁵³ Além deles, os administradores coloniais e missionários, por exemplo, escreviam a respeito dos territórios para os quais eram enviados, que à altura já haviam sido divididos, por parte da administração colonial, sob uma pretensa “composição étnica”. As divisões políticas e sociais criadas foram tautologicamente reproduzidas pela SNR em seu período de existência que corresponde ao Sudão colonial. Já a inflexão na pesquisa sobre tradições e costumes dos povos sudaneses, pautada a partir do trabalho de campo nesses contextos, para a qual tornou-se necessária uma pesquisa antropológica mais demorada, – além do campo, o processo de “gabinete”, na reescrita das observações de campo.⁵⁴ Com base na solidificação teórico-metodológica, e no apoio e encorajamento do governo, os novos estudos profissionais acabam por formar a base do conhecimento político da administração colonial, direta ou indiretamente, sendo a SNR o primeiro veículo de disseminação da informação sobre os problemas comuns aos administradores.

Na década de 1930, a administração colonial passou a cortejar a *intelligentsia* sudanesa, oferecendo-a maiores oportunidades no serviço civil e educação superior fora do país. A política editorial da SNR passou a favorecer esse grupo intelectual, incluindo Sayyed Abdel Rahman el-Mahdi, o patrono do partido político nacionalista sudanês – a *Ummah*. Até a independência em 1956, a sudanização da contribuição para o jornal se tornou um dos pontos

⁵⁰ HAMAD, op. cit., p. 239.

⁵¹ Ibid., p. 266.

⁵² AHMAD, A. The state of anthropology in the Sudan. In: ASSAL, M.; ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015, p. 26.

⁵³ HAMAD, op. cit., p. 239.

⁵⁴ Ibid., p. 253.

focais das notas editoriais.⁵⁵ Autores como Abdel Ahmad afirmam que uma das táticas que os britânicos utilizaram para separar o Sudão do Egito foi o de fomentar o conceito de nacionalismo entre os sudaneses através da pesquisa arqueológica, sendo a SNR um dos veículos de disseminação desse nacionalismo. Tal política editorial passou a ser questionada, no final da década de 1940, pelo próprio público leitor.⁵⁶

Realizamos um levantamento estatístico com fins de sistematização do periódico. Nos primeiros anos da SNR, a estrutura do material não fica muito clara, tendendo a se consolidar e se tornar constante no decorrer da existência do periódico.⁵⁷ Salvo exceções, temos a seguinte organização: i) artigos, ii) notas, iii) resenhas e iv) correspondências. O inconstante aqui é o número de contribuições em cada seção, podendo variar de maneira bastante radical em cada número e volume. Alguns números contam ainda com índices bibliográficos, sugestões de leitura e obituários. Pode ocorrer, ainda, de não haver alguma das quatro categorias supracitadas. Entretanto, as seções de caráter esporádico, que foram consultadas e serão citadas se for este o caso, e os números que não contam com alguma das categorias aqui consideradas não entram em nossas estatísticas, que priorizam a estrutura em quatro seções, como nomeadas anteriormente. Posto isso, o levantamento geral do número de entradas está demonstrado na Tabela 2.⁵⁸

Tabela 2: Número de entradas por seção

SEÇÃO	QUANTIDADE
Artigos	452
Notas	292
Resenhas	152
Correspondências	135

No que diz respeito à primeira seção, a de artigos, temos as mais variadas temáticas, listadas a seguir de acordo com a quantidade total de ocorrências por área do conhecimento.⁵⁹

⁵⁵ Ibid., p. 239.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Ibid., p. 170.

⁵⁸ No entanto, há de se lembrar que nos anos de 1929 e 1944, e durante o período de 1952 a 1965, os exemplares são desconhecidos pela instituição responsável pelo arquivamento e disponibilização do material. Em consulta à SFDAS – *Section Française de la direction des antiquités du Soudan* – além de ser informada a respeito do desconhecimento a respeito de tais números, fui simpaticamente convidada a ir à Universidade de Khartum e às bibliotecas sudanesas em busca do tesouro perdido. O endereço da Section Française na internet é: <http://sfdas.com>. Último acesso em: 23 fev. 2020.

⁵⁹ É importante ressaltar que não seguimos nosso entendimento conceitual sobre as disciplinas elencadas, mas o propósito do autor do artigo. Lembramos ainda que cada artigo pode ser enquadrado em mais de uma categoria,

Os temas presentes com alta frequência (entre 54 e 251 ocorrências) são: antropologia ou etnografia, história e zoologia. Os de média ocorrência (entre 10 e 33 entradas): arqueologia, geografia, linguística, agricultura, medicina, história natural e religião. Os de baixa ocorrência (entre 2 e 9 entradas): geologia, botânica, literatura, direito, economia, política, astronomia, história militar e numismática. E, por fim, as de baixíssima frequência (uma ocorrência): biografia, cartas, educação, psicologia e química. Todas essas áreas do conhecimento estão listadas em ordem crescente em relação ao número de ocorrências na Tabela 3. Dessas categorias, o que nos vale é que, apesar de seu propósito intelectual e de seu caráter autoproclamado didático, não necessariamente tais artigos provêm de autores especializados nas disciplinas sobre as quais versam, mas muitas vezes somam número à pretensa “vocação” de missionários, administradores e oficiais coloniais, como mencionado anteriormente. Assim sendo, a segunda coluna considera somente o número de ocorrências nas quais os autores são versados na área do saber sobre a qual escreve.

Tabela 3: Área do conhecimento e número de ocorrências na seção de artigos

CATEGORIA	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	AUTORES ESPECIALIZADOS
Antropologia/ Etnografia	251	77
História	133	36
Zoologia	54	21
Arqueologia	33	20
Geografia	33	07
Linguística	20	07
Agricultura	14	01
Medicina	14	12
História natural	11	04
Religião	10	05
Geologia	09	05
Botânica	08	02
Literatura	05	02
Direito	04	
Economia	04	02

como por exemplo a ocorrência de artigos que se encaixaram nas categorias de história e antropologia ao mesmo tempo.

Política	03	
Astronomia	02	01
História militar	02	01
Numismática	02	
Biografia	01	01
Cartas	01	
Educação	01	01
Psicologia	01	01
Química	01	

Com relação aos artigos voltados especificamente à antropologia, independente da formação profissional de seu autor, contamos com os seguintes números: 167 artigos que se enquadram no perfil de estudos sobre antropologia, cujas subdivisões temáticas são: folclore, cultura, crenças, etnografia, costumes, tradições, crônicas, magia, descrições e hábitos alimentares, listados no Anexo 1 (Tabela 7). Na Tabela 4, a título de ilustrar o argumento de Frederico Delgado Rosa, – quando fala da hipotética “vocação” para a antropologia de “antropólogos amadores” na figura de administradores, oficiais militares e missionários, entre outros – indicamos somente os artigos cujo autor possui formação específica em antropologia e ou etnografia, resultando no total de apenas 37 artigos. Nos casos em que não encontramos informações a respeito do autor, ou em que os dados informados nos artigos foram insuficientes para maiores pesquisas no material bibliográfico e na internet, o autor foi considerado como não-especialista.

Tabela 4: Artigos dedicados    antropologia/etnografia escritos por especialistas

N��	AUTOR	ARTIGO
1	Adams, W. Y.	Continuity and change in Nubian cultural history
2	Arkell, A. J.	Throwking-sticks and throwing-knives in Darfur
3	Arkell, A. J.	Beads made in Darfur and Wadai
4	Arkell, A. J.	The Baza festival in Jebel Meidob
5	Crawford, O. G. S.	The strange adventure of Zaga Christ
6	Evans-Pritchard, E. E.	Preliminary account of the Ingassana
7	Evans-Pritchard, E. E.	Oracle-magic of the Azande

8	Evans-Pritchard, E. E.	The Bongo
9	Evans-Pritchard, E. E.	Zande witchcraft
10	Evans-Pritchard, E. E.	The Mberidi and Mbegumba of the Bahr el-Ghazal
11	Evans-Pritchard, E. E.	Mani, a Zande secret society
12	Evans-Pritchard, E. E.	Ethnological observations in Dar Fung
13	Evans-Pritchard, E. E.	The Nuer, tribe and clan part I
14	Evans-Pritchard, E. E.	Nuer, tribe and clan part II
15	Evans-Pritchard, E. E.	Nuer, tribe and clan part III
16	Evans-Pritchard, E. E.	Zande theology
17	Evans-Pritchard, E. E.	The Nuer: age sets
18	Evans-Pritchard, E. E.	Economic life of the Nuer: cattle
19	Evans-Pritchard, E. E.	Economic life of the Nuer: cattle part II
20	Evans-Pritchard, E. E.	Folk stories of the Sudan part I
21	Evans-Pritchard, E. E.	The relationship between the Anuak and the Fori
22	Evans-Pritchard, E. E.	Folk stories of the Sudan part III
23	Evans-Pritchard, E. E.	Further observations on the political system of the Anuak
24	Evans-Pritchard, E. E.	A note on courtship among the Nuer
25	Evans-Pritchard, E. E.	The Nuer family
26	Evans-Pritchard, E. E.	Some Zande texts about family and kin
27	Evans-Pritchard, E. E. e Beaton, A. C.	Folk stories of the Sudan part II
28	Faris, J.	Some aspects of clanship and descent amongst the Nuba of South-Eastern Kordofan
29	Nadel, S. F.	A shaman cult in the Nuba mountains
30	Nadel, S. F.	The hill tribe of Kadero
31	Newbold, D.	A desert odyssey of a thousand miles
32	Newbold, D.	The white Nuba of Jebel Haraza and white races in North Africa
33	Reisner, Prof. G. A.	Outline of the Ancient History of the Sudan part II
34	Resiner, Prof. G. A.	Outline of the Ancient History of the Sudan part I
35	Seligman, C. e B.	Social organization of the Lotuko
36	Seligman, C. e B.	Note on the history and present condition of

		the Beni Amer
37	Seligman, C. G.	Note on dreams

Como dito, do total de 167 artigos voltados à antropologia, apenas 37 foram escritos por autores que consideramos como especialistas, de acordo com os critérios que postulamos acima, o que corresponde a apenas 22,15 por cento do total. Em se tratando de nosso objeto de estudo específico, focaremos na seção de artigos, uma vez que nosso objetivo é analisar a produção de conhecimento de um indivíduo específico a respeito de uma região. Todavia recorreremos às outras seções quando necessário, entendendo que este acréscimo contribuirá para o enriquecimento do trabalho.

Edward Evans-Pritchard é o maior contribuidor em número para a revista, com o total de 22 artigos, seguido por Anthony Arkell,⁶⁰ egíptólogo e administrador colonial, totalizando 17 artigos. Tendo em vista a importância de Evans-Pritchard tanto para a SNR quanto na elaboração de narrativas etnográficas a respeito dos povos sudaneses, que transformou o entendimento sociológico de ditas “sociedades tribais”, além da consideração de que a relação da antropologia contemporânea com os azande e os nuer foi transformada pelo trabalho deste antropólogo,⁶¹ considerado cânone nas escolas de antropologia do mundo todo, o eixo de análise escolhido neste trabalho prioriza o autor, além de focar nesses dois grupos étnicos.

Outro motivo para a escolha reside na consideração do governo colonial pela dificuldade encontrada em efetivar o domínio sobre os grupos nuer – considerados pelo condomínio anglo-egípcio como beligerantes e incontroláveis – o que nos desperta maior interesse a respeito dos grupos ao sul, marginalizados de forma mais sistemática pela administração colonial.⁶² O aumento no número de publicações em antropologia e etnografia se deve à entrada de antropólogos profissionais em cargos da administração colonial, notadamente E-P e Seligman.⁶³ Esse mesmo aspecto contribuiu para que durante os anos de 1930 e 1940 houvesse um maior interesse nas questões históricas do Sudão.⁶⁴ A Tabela 5 mostra os 22 artigos de E-P para a *Sudan Notes and Records*, indicando o ano, título, volume e paginação.

⁶⁰ Arkell foi administrador para a *Sudan Political Service* dos anos de 1920 a 1948, atuando ainda como secretário civil no fornecimento de guerra e como comissário de antropologia e arqueologia.

⁶¹ AHMAD, A. Sir Edward Evans-Pritchard and the Sudan. In: **Sudan Notes and Records**, v. 55, 1974, p. 167.

⁶² Outro importante ponto diz respeito ao estudo do islã no Sudão, que tem sido negligenciado, na SNR e fora dela. Considerado um tema sensível, tem sido evitado para não causar possíveis controvérsias para além do mundo acadêmico. SANDERSON, op. cit., p. 166.

⁶³ SANDERSON, op. cit., p. 165.

⁶⁴ Idem.

Tabela 5: Artigos de Evans-Pritchard para a SNR, organizados por ano e volume de publicação

Nº	ANO	ARTIGO	VOL	PAGINAÇÃO
1	1927	Preliminary account of the Ingassana	10	69-83
2	1928	Oracle-magic of the Azande	11	01-53
3	1930	The Bongo	12	01-61
4	1930	Zande witchcraft	12	163-243
5	1931	The Mberidi and Mbegumba of the Bahr el-Ghazal	14	15-48
6	1931	Mani, a Zande secret society	14	114-157
7	1932	Ethnological observations in Dar Fung	15	01-61
8	1933	The Nuer, tribe and clan part I	16	01-53
9	1934	The Nuer, tribe and clan part II	17	01-57
10	1935	The Nuer, tribe and clan part III	18	37-87
11	1936	Zande theology	19	05-46
12	1936	The Nuer: age sets	19	233-269
13	1937	Economic life of the Nuer: cattle	20	209-245
14	1938	Economic life of the Nuer: cattle II	21	31-77
15	1940	Folk stories of the Sudan	23	55-74
16	1940	The history of Kassala and the Province of Taka	23	271-278
17	1940	The relationship between the Anuak and the Fori	23	337-340
18	1941	Folk stories of the Sudan part II	24	69-84
19	1947	Further observations on the political system of the Anuak	28	62-97
20	1947	A note on courtship among the Nuer	28	115-126
21	1950	The Nuer family	31	21-42
22	1967	Some Zande texts about family and kin	48	99-110

1.2. DIÁLOGOS ENTRE ANTROPOLOGIA E A VIDA DE EDWARD EVANS-PRITCHARD

Procuramos analisar os diálogos dessa antropologia de campo realizada no Sudão de forma relacional à vida de Evans-Pritchard entendendo que as fronteiras entre o *antropólogo-*

etnógrafo – ou o sujeito intelectual – e a vida pessoal do autor (o sujeito individual), não sejam estanques. E-P faz parte de um primeiro estágio de desenvolvimento da antropologia no Sudão, iniciado já na década de 1910, que se encontrava nas mãos de estudiosos estrangeiros, como o já citado Seligman, além de Nadel, Liendhardt e Buxton.⁶⁵ Essa antropologia africanista a respeito do Sudão, através da contribuição de importantes etnógrafos, especialmente até os anos de 1950, é considerada clássica ainda hoje nas escolas de antropologia em escala mundial.

A fim de melhor compreender o papel de E-P no contexto mencionado, faz-se necessária uma análise mais demorada de sua atuação enquanto antropólogo no espaço da academia britânica, tanto em suas relações com seus pares contemporâneos, como com uma tradição antropológica inglesa, há pouco conquistada, principalmente pelos também considerados clássicos Bronislaw Malinowski e Alfred Radcliffe-Brown.⁶⁶ Pensando nisso, procuramos entender, através de uma análise crítica da história da antropologia em questão, de que forma as trajetórias pessoal e intelectual de E-P, e sua colocação enquanto homem do império no contexto colonial, contribuíram para sua consolidação no cânone acadêmico europeu, garantindo a ressonância de suas teorias e métodos durante todo o século XX e ainda no século XXI. O ponto de partida considerado para pensar a produção do *antropólogo-etnógrafo* é o de que em qualquer contexto, os processos de transformações sociais e políticas não são dados *a priori* para a análise antropológica, mas o próprio processo de mudança altera também as formas e possibilidades com que a disciplina o lê.⁶⁷ Para além do contexto, as trajetórias profissional e pessoal do responsável pela leitura é outro importante fator de influência nos resultados de suas pesquisas. Isso em mente, analisamos a vida de E-P de forma relacional à sua profissão, atentos às permanências e inflexões intelectuais, ideológicas e discursivas.

⁶⁵ ASSAL E ABDUL-JALIL **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015, p. 01.

⁶⁶ Malinowski e Radcliffe-Brown foram contemporâneos na *London School of Economics*, por volta de 1910, posteriormente seguindo caminhos distintos. Aproximam-se no que diz respeito ao posicionamento epistemológico e metodológico acerca da Antropologia, procurando aumentar o nível de cientificidade da disciplina, especialmente na condução dos trabalhos etnográficos. Já no que diz respeito às divergências, enquanto Malinowski demonstrava uma atitude mais pragmática no trabalho de campo, Radcliffe-Brown tinha uma posição mais distanciada de seu objeto. Ambos são, ainda, lembrados por romperem com a forma existente até então de tratar os sistemas sociais, contribuindo para a consolidação do funcionalismo na Antropologia, em convergência com o pensamento de Émile Durkheim. PEREIRA, C. Radcliffe-Brown (1881-1955). In: FRID, M; ROCHA, E. (orgs). **Os antropólogos: de Edward Tylor a Pierre Clastres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015, pp. 93-95.

⁶⁷ ASAD, op. cit., p. 09.

Nascido em 1902, em Crowborough, uma pequena cidade do distrito de Sussex, E-P realizou seus primeiros estudos no *Winchester College*. Em 1921, aos 19 anos, iniciou o curso de História Moderna no *Exeter College*, na Universidade de Oxford, onde conheceu Robert Marett – sucessor de Edward Tylor⁶⁸ na cadeira de Antropologia e um dos fundadores da Sociedade Antropológica desta universidade. Marett foi um etnógrafo que viria a exercer grande influência nos estudos iniciais de E-P, especialmente no debate acerca da “moral primitiva” e das origens da religião e da magia.⁶⁹ Recém-saído de Oxford, seguindo conselho de Marett, E-P começou a frequentar os seminários de Antropologia Social de Malinowski⁷⁰ em 1925, na *London School of Economics* (LSE).⁷¹ Lá também conheceu Charles Seligman, seu futuro tutor e grande parceiro nos estudos a respeito do Sudão, especialmente aqueles publicados na *Sudan Notes and Records*. Faziam ainda parte do grupo estudantes como Hortense Powdermaker, Raymond Firth, Isaac Schapera e Audrey Richards, os quais desenvolveram relações pessoais com o professor. Ao lado de Radcliffe-Brown, Malinowski é lembrado pelo esforço de consolidação da escola funcionalista,⁷² e pela renovação da tradição

⁶⁸ Edward Tylor (1832-1917) foi um dos intelectuais representativos da antropologia evolucionista do século XIX. É lembrado por ser um dos primeiros representantes da disciplina da Antropologia, tal como de sua institucionalização na universidade inglesa. Sua posição é lida por alguns autores como muito controversa, uma vez que, por um lado, teve bastante relevância na definição de problemas de pesquisa, de recortes empíricos comparativos e preocupações metodológicas, boa parte do que seria fundamental para a antropologia de fins do século XIX e início do XX. Por outro lado, a antropologia evolucionista é considerada representante de um paradigma ultrapassado, muito criticada pelo que se convencionou chamar de antropologia moderna. Em suma, a teoria evolucionista baseava-se no pensamento filosófico e científico do século XVIII, em particular de seus conceitos de história/homem universais. Os “selvagens” foram transformados em “primitivos”, e suas culturas tornaram-se representativas do passado das sociedades ditas “civilizadas” a ser superado. Entre os principais objetivos dos antropólogos evolucionistas encontrava-se a busca de um eixo sequencial da passagem do “simples/primitivo” ao “complexo/civilizado”. Cabe lembrar o caráter determinista dessa antropologia, cuja raiz teórica e discursiva aproxima-se do racismo científico do século XIX. In: BONTE, P.; IZARD, M. **Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991, p. 271; SILVA, C. Edward Tylor (1832-1917). In: FRID, M; ROCHA, E. (orgs). **Os antropólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015, pp. 17-19.

⁶⁹ STEIL, C; TONIOL, R. Evans-Pritchard (1902-1973). In: FRID, M; ROCHA, E. (orgs). **Os antropólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015, pp. 154-155.

⁷⁰ Os seminários de Malinowski eram frequentados por pouquíssimos estudantes de Antropologia, mas principalmente por membros do corpo docente da LSE, administradores coloniais e missionários vindos das colônias. KUPER, op. cit, 1978, p. 87.

⁷¹ Seria somente em 1927 que a LSE incluiria uma cátedra específica de Antropologia Social, para a qual Malinowski fora nomeado. Permaneceu na instituição até 1938, quando foi para os Estados Unidos em razão de uma licença-prêmio, permanecendo lá devido à deflagração da segunda guerra mundial. MAGNANI, J. Bronislaw Malinowski (1884-1942). In: FRID, M; ROCHA, E. (orgs). **Os antropólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015 p. 108.

⁷² O funcionalismo é uma teoria e método antropológico que se baseia na ideia de que cada parte de uma sociedade interfere nas outras, em sua constituição e integração, com base em funções, formando um mecanismo complexo no todo. As formas de organização se dariam a partir das necessidades físicas e de ordem cultural, como a economia, a ordem social, etc. Tais premissas surgem com a descoberta de que todos os detalhes culturais observados em campo que a princípio pareciam arbitrários fazem sentido tanto em termos de práticas da população local, tanto como meio de sobrevivência ao ambiente. BARTH, F. From the Torres Straits to the Argonauts (1989-1922). In: BARTH, F. et. al. **One discipline, four ways: british, german, french, and american**

inglesa, cunhando a “antropologia moderna” britânica. Posteriormente, Radcliffe-Brown racharia com o posicionamento funcionalista, seguindo sua variante do funcionalismo estrutural,⁷³ determinando uma oposição teórico-intelectual a Malinowski, a qual influenciaria o curso da formação da geração posterior, na qual se inclui E-P.⁷⁴ É provável que uma motivação prévia em seguir os caminhos da etnografia tenham levado E-P a frequentar as aulas de Malinowski, uma vez que à altura este já era considerado o fundador do trabalho de campo intensivo e de observação participante, atraindo os jovens estudantes a estagiar com ele para tal objetivo. A hipótese é corroborada quando observamos que apenas um ano após as aulas de Malinowski E-P começa seus trabalhos de campo no Sudão, a partir da recomendação feita por Charles Seligman.

O encadeamento de crises políticas que o governo colonial enfrentava no Sudão durante o início da década de 1920 – especialmente aquelas que dizem respeito aos conflitos de autoridade com os nuer – fizeram com que a administração passasse a encorajar os estudos etnográficos, principalmente nessas regiões que não possuíam um corpo de informações mais detalhado.⁷⁵ Neste ponto, Seligman foi fundamental: não só introduziu E-P no método etnográfico, como o tornou seu sucessor no trabalho de campo no contexto do Sudão anglo egípcio, além de ser pioneiro na orientação de monografias baseadas em permanência de maior duração em campo, durante toda a década de 1920, na LSE, onde dividia uma sala com Malinowski.⁷⁶ As iniciativas britânicas para documentar as sociedades sudanesas utilizavam-se de métodos investigativos próximos aos da antropologia, o que causou a aproximação entre a política colonial e o saber acadêmico,⁷⁷ como veremos nas publicações da SNR.

Entre 1926 e 1936, E-P realizou seis viagens ao Sudão: a primeira, para cobrir as áreas que faltaram naquele estudo abandonado pelos Seligmans, resultando no livro *Pagan Tribes of the Nilotic Sudan*.⁷⁸ A partir de então, realiza viagens periódicas ao Sudão anglo-egípcio, ao

anthropology. London: The University of Chicago Press, 2005, p. 21.

⁷³ O funcionalismo estrutural parte da análise das sociedades estudadas em termos de estrutura social, dividindo o domínio político/jurídico do familiar/doméstico. Para Radcliffe-Brown, proponente do método, a sociedade era um sistema orgânico de instituições alimentada por inúmeros fatores, conformando a “estrutura”, independente do indivíduo. Surgem daí temas como as relações de parentesco e o totemismo, muito aplicados no estudo da África colonial britânica, revelando, de acordo com seus autores, uma maior complexidade teórica em relação às sociedades do pacífico estudadas pelo funcionalismo de Malinowski, por exemplo. Ibid., p. 34.

⁷⁴ PEREIRA, C. op. cit., pp. 96-97.

⁷⁵ BODDY, op. cit., p. 07.

⁷⁶ KUPER, op. cit., 1978, pp. 154-155. Na LSE, Seligman não possuía grande destaque, devido às disputas com Malinowski, e ao fato de ser o único especialista em África, que tinha trabalhado em parceria com o governo do Sudão anglo egípcio. KUPER, op. cit., 2005, p. 07.

⁷⁷ BODDY, op. cit., pp. 03-04.

⁷⁸ O livro, publicado em 1932, reúne as pesquisas de Charles e Brenda Seligman e os resultados de Edward Evans-Pritchard, e conta com Introdução escrita por Harold MacMichael.

Egito e ao Congo, sendo o período 1926 a 1938 o de maior intensidade nas pesquisas de campo. Em 1927, E-P defende sua tese de PhD em Oxford, a respeito da organização social azande.⁷⁹ Ainda em 1927 realiza sua primeira contribuição para a *Sudan Notes and Records*, com um trabalho que constituía parte de sua tese.⁸⁰ Entre 1927, primeira aparição de E-P na SNR, até o fim do periódico sob controle colonial, é difícil encontrar um volume que não tenha um artigo, nota ou resenha feitas por ele.⁸¹ De 1928 a 1931 E-P atua como *Lecturer* de Antropologia na LSE.⁸² No período de 1932 a 1934 assumiu a cadeira de Sociologia na Universidade de Fuad I, no Cairo. Após esse período, em 1935 foi indicado como *Research Lecturer* de Sociologia Africana na Universidade de Oxford, juntando-se a Marett.⁸³

Posteriormente, Charles Seligman interpretaria novamente um relevante papel na relação de E-P com a antropologia em África e com o aparelho colonial no Sudão. Em 1932, em carta para MacMichael, defende a continuidade dos estudos de E-P a respeito da estrutura social, dos costumes, crenças e modos de pensamento, levando MacMichael a indicar E-P como antropólogo do governo, pedindo a manutenção dos custeios da estadia do pesquisador no Sudão, com a garantia de que E-P forneceria “aconselhamento antropológico” de acordo com as prioridades e necessidades do escritório colonial.⁸⁴ Outra condição para tal possibilidade seria a produção de relatórios periódicos de E-P a respeito de seus estudos, que na década de 1970 formavam três grandes *corpus* documentais na *Sudan Archives*, em Khartum. MacMichael chega a reafirmar a atuação de E-P, apontando que o antropólogo havia vivido entre os nuer, aprendido sua língua e ganhado sua confiança, para benefício do governo.⁸⁵ Apesar do pioneirismo dos Seligmans, seria E-P quem executaria os primeiros e mais importantes estudos considerados modernos no continente africano, junto a Isaac Schapera, principalmente durante a segunda metade da década de 1920 e toda a década de 1930.⁸⁶ Esse material foi base não só para os mais de 150 itens publicados pelo autor a

⁷⁹ A tese, intitulada *The social organization of the azande of the Bahr-el-Ghazal of the anglo egyptian Sudan*, foi fruto das primeiras pesquisas de campo de Evans-Pritchard, entre os azande do norte do atual Sudão do Sul.

⁸⁰ EVANS-PRITCHARD, E. E. Oracle-Magic of the Azande. In: **Sudan Notes and Records**, v. 11, 1928, p. 01-54.

⁸¹ AHMAD, op. cit., 1974, p. 169.

⁸² O cargo de *Lecturer* era uma denominação comum nas hierarquias das academias estrangeiras do período. Seria uma função próxima ao cargo de professor substituto/assistente das Universidades públicas brasileiras, aproximação feita apenas para fins de melhor compreensão da posição assumida por E-P.

⁸³ KUPER, op. cit., 1978, p. 103.

⁸⁴ Ibid., p. 168.

⁸⁵ Ibid., p. 169.

⁸⁶ KUPER, op. cit., 1978, p. 104.

respeito dos povos sudaneses, como também para seus cursos nas universidades em que lecionava.⁸⁷

Ao analisar os percursos de E-P, retraçamos suas rotas de pesquisa de campo, e mapeamos tais trajetos, de maneira a criar uma noção visual diante do tempo cronológico (Figura 2). O estarte para pensar os percursos realizados pelo *antropólogo-etnógrafo* durante seus anos de pesquisa de campo no Sudão anglo-egípcio foi o mapa elaborado por Douglas Johnson em seu trabalho *Evans-Pritchard, the nuer, and the Sudan Political Service*, publicado em 1982 pela revista científica *African Affairs*. Nele, Johnson propõe um roteiro em cinco pontos dos grupos étnicos visitados por E-P no decorrer de seis anos de pesquisa, de 1930 a 1936. Entretanto, seguindo as análises propostas na dissertação, elaboramos os trajetos de forma a integrar os pontos de pesquisa de campo de E-P e sua relação com a administração colonial britânica no Sudão. Diferente de Johnson, deixamos um pouco de lado a análise cartográfica a partir de grupos étnicos para pensar os deslocamentos em si. O principal objetivo dessa relação é tentar entender de que modo a circulação física entre diferentes grupos étnicos pelos quais passou – além das condições nas quais essa circulação se deu – interage com as políticas administrativas coloniais para a antropologia, além de perceber em que nível as condições materiais das pesquisas contribuíram ou não para o direcionamento das mesmas. Para tanto, utilizamo-nos principalmente do texto de Douglas Johnson, assim como outros textos e mapas do próprio Evans-Pritchard, e informações adicionais extraídas de outros autores que tratam da pesquisa em território sudanês para retraçar sua rota, pensando, como apontado, as interações destes percursos com as decisões político-administrativas coloniais. O próprio E-P afirma que o governo colonial do Sudão preferia financiar expedições de antropólogos profissionais, ou bancar pesquisas de curto prazo, com intervalos, sendo esta a forma com que se dava a pesquisa antropológica no Sudão de seu contexto.⁸⁸

No mapa dos percursos de E-P, os empreendimentos estão divididos em momentos, e no texto que segue estes momentos estarão enumerados em ordem cronológica. Durante seu primeiro ano de pesquisa, entre 1927 e 1928, E-P realizou estudos sobre os povos zande do sul do Sudão colonial, localizados na região do atual Congo. Percorreu cerca de 1000 km longitudinalmente, e aproximadamente 450 km em latitude (Momento 1), entre idas e vindas para locais de estabelecimento de diversos grupos, e também seguindo os momentos de fixação e de nomadismo dos grupos zande, de acordo com eventos específicos de cada um

⁸⁷ AHMAD, op. cit., 1974, p. 169.

⁸⁸ EVANS-PRITCHARD, E. E. **Social Anthropology**. Glasgow: The University Press, 1951, p. 111.

deles.⁸⁹ Após esse período, decidiu passar um ano escrevendo os resultados de sua pesquisa em Londres, onde residia.⁹⁰ Neste período, E-P escreve uma carta a Harold MacMichael, então secretário civil do governo britânico no Sudão, fixado em Khartum, informando suas pretensões para os próximos anos, que incluía um retorno às terras zande para finalização da pesquisa. Em resposta, MacMichael informou que havia necessidade de informação a respeito dos povos nuer, considerados belicosos pelo governo inglês. Essa questão acaba por se tornar um imperativo do governo para o financiamento de novas pesquisas de E-P.⁹¹

Neste momento, o governo colonial enfrentava os resultados de um encadeamento de crises políticas iniciadas já no início da década de 1920, fazendo com que a administração passasse a apoiar estudos etnográficos, como apresentado anteriormente.⁹² Assim, no decorrer do ano de 1929, E-P engatou uma série de discussões com vários dos oficiais do governo sudanês em Khartum e na Inglaterra a respeito de sua volta para o território colonial, uma vez que o governo queria mandá-lo para as terras nuer o quanto antes, devido a essa urgência política.⁹³ Após esse período, entram em comum acordo de que o trabalho seria iniciado em 1930, dividindo-se em um período tanto em terras nuer como entre grupos zande.

No entanto, devido a motivos pessoais – seu pai havia adoecido durante a virada do ano – E-P começa seu trabalho na Missão Católica em Yoinyang, no Bahr el Ghazal, onde poderia ter auxílio dos padres alocados na missão, a cerca de 330 km das primeiras regiões zande que havia visitado alguns anos antes (Momento 2). Condições adversas impediram E-P de ficar em Yoinyang: a pessoa designada para auxiliá-lo, o padre Crazzarola, havia se ausentado da missão, e não havia grupos nuer na região naquele momento.⁹⁴ E-P se viu coagido por Coriat, Comissário de Distrito e administrador colonial que o alocava nas regiões sudanesas a serem estudadas, que o envia a um acampamento de gado nuer em Pakur (Momento 3), a 200 km do último campo de E-P. Ainda durante a primeira metade de 1930, Coriat manda E-P ir para Malakal (Momento 4), de onde é redirecionado para Muot Did (Momento 5), para estudar o grupo lou dos nuer.⁹⁵ A região se localiza perto de Yoinyang, a aproximadamente 250 km ao sul de Pakur.

⁸⁹ EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, passim.

⁹⁰ JOHNSON, D. Evans-Pritchard, the nuer and the Sudan Political Service. In: **African Affairs**, 81/323, 1982, p. 231.

⁹¹ *Ibid.*, p. 232.

⁹² BODDY, op. cit., p. 07.

⁹³ JOHNSON, op. cit., 1982, p. 233.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 234.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 236.

Após um episódio violento da polícia colonial contra os lou, E-P parte para o Bahr el Ghazal (Momento 6), depois de apenas três meses de pesquisa, faltando também três meses para completar o período combinado. Na região, ele faz uma rápida visita aos adok, e segue novamente para terras zande, em Yambio (Momento 7), seguindo 360 km ao sul, onde permanece por quatro meses, finalizando o ano de 1930 e adentrando 1931. Em fevereiro vai a Nasir (Momento 8), onde permanece duas semanas com a missão americana, e nos meses seguintes de 1931, entre março e abril, E-P faz sua segunda visita aos lou (Momento 9).⁹⁶ Durante essa última visita, que durou cinco meses, E-P é enviado para o hospital de Malakal com malária severa, e depois disso retorna para a Inglaterra para garantir cuidados com sua saúde.

⁹⁶ Ibid., p. 238.

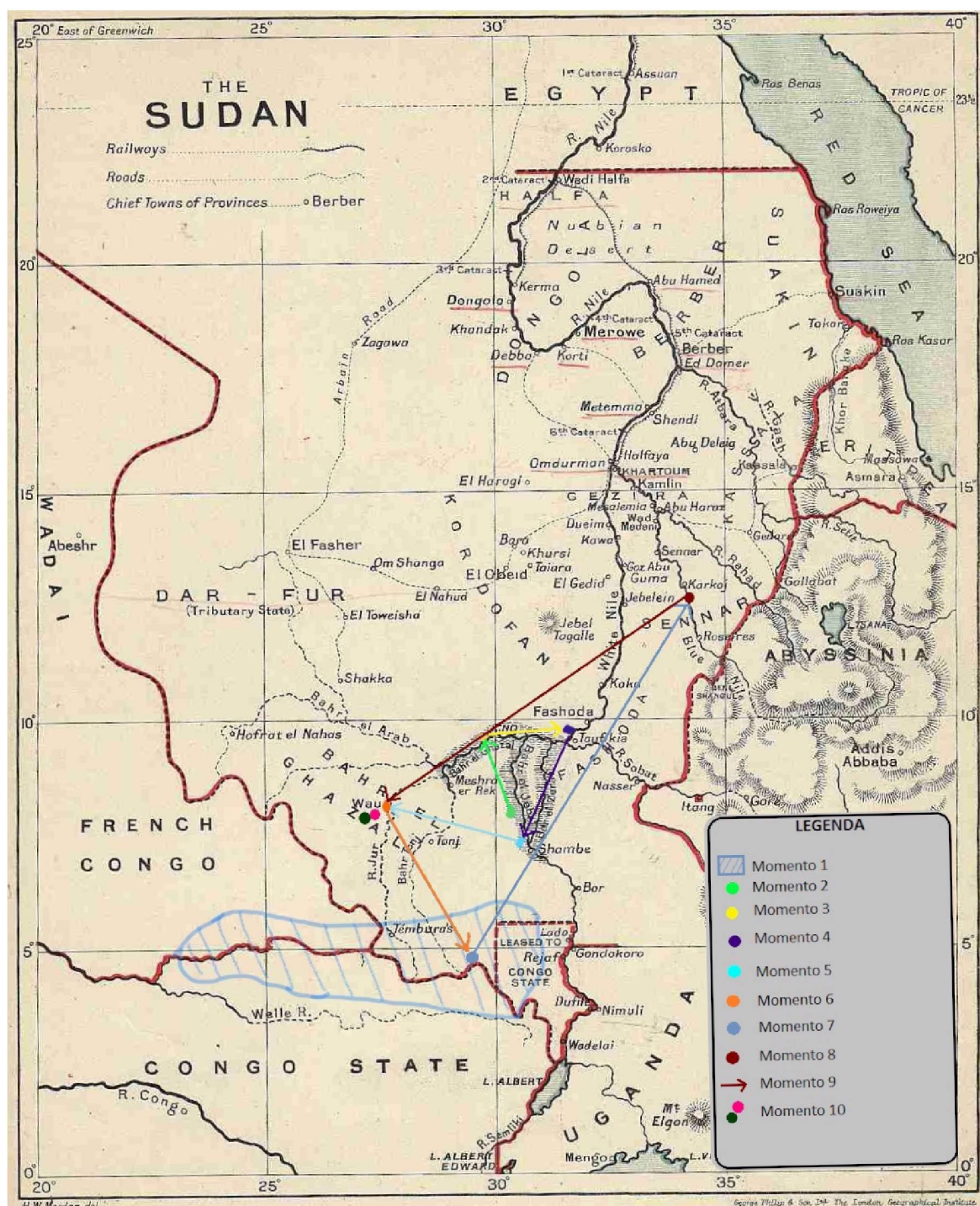


Figura 2: Mapa dos percursos de Evans-Pritchard entre 1926 e 1936

Depois de sua recuperação, E-P enfrentou dificuldades para retomar os estudos a respeito dos nuer especialmente por conta da dificuldade com o financiamento das pesquisas.⁹⁷ Somente em 1935 retorna ao Sudão, quando com uma bolsa de pesquisa da

⁹⁷ Ibid., p. 239.

Leverhulme, passa sete semanas entre os nuer e outras sete semanas já em 1936 (Momento 10), quando de retorno do Quênia, onde havia feito um pequeno estudo.⁹⁸ Finalmente, após esses quase dez anos de pesquisas de campo, e depois de muitos conflitos com a administração enquanto estudando os nuer, especialmente com as tropas militares, E-P passou a assumir uma defesa de distanciamento da antropologia para com a administração colonial, o que coincidiu com sua estreia em Oxford, a partir de 1937.⁹⁹ Vemos, no entanto, essa declaração como conflituosa, uma vez que em sua obra *Social Anthropology*, publicada em 1951, volta a afirmar que a antropologia pode ser uma importante ferramenta para resolver problemas administrativos.¹⁰⁰

As décadas de 1930 e 1940 marcaram com mais intensidade a mudança do foco das pesquisas do Pacífico para a África, e a defrontação com problemas relativamente novos, como as diferenças entre os grupos da Oceania, consideradas microculturas aparentemente simples, e as “grandes sociedades espalhadas e bastante diferentes do continente africano”.¹⁰¹ Em 1940, E-P e Meyer Fortes lançam *African Political Systems*, pautado no viés da antropologia política, e que ia de encontro com as teorias correntes na LSE. Paralelamente, os estudiosos testavam análises etnográficas feitas através de diferentes modos de abstração. Nesse período, observa-se uma mudança nos temas de interesse, indo da família e da magia, por exemplo, para os sistemas políticos e de parentesco, complexificando os focos de estudo.¹⁰² É neste movimento de preocupação com a estrutura social que se insere E-P, junto com Meyer Fortes e Radcliffe-Brown, aqui já à frente de Oxford.¹⁰³

Neste momento, notamos a estreita base institucional sob a qual se sustentava a antropologia britânica, devido ao fato de que o círculo de Oxford girava em torno de Radcliffe-Brown, Evans-Pritchard e Meyer Fortes, este sob o título de auxiliar de ensino em exercício. Mesmo após o conturbado período da segunda guerra mundial, quando E-P assumiu

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Ibid., p. 241.

¹⁰⁰ EVANS-PRITCHARD, op. cit., 1951, p. 123.

¹⁰¹ Ibid., p. 117. Inúmeros fatores contribuíram para a inflexão da atenção antropológica às sociedades africanas. Além da necessidade de se diferenciarem de seus antecessores, que não faziam uso da observação em campo nem de treinamento em antropologia (método necessário para entender a possibilidade de funcionamento de sociedades sem um governo centralizado), essas sociedades consideradas “acéfalas” ainda não haviam sido tema de pesquisa, uma vez que se acreditava que eram imunes à autoridade colonial. Ver: KUCLICK, H. Tribal exemplars: images of political authority in british anthropology, 1885-1945. In: STOCKING JR, G. **Functionalism Historicized**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1984, p. 71. Existe ainda uma contradição velada na escolha dos temas de pesquisa pelos antropólogos, que definiam graus de complexidade com base nos critérios de organização política europeus, para explicar sociedades “sem história”.

¹⁰² Ibid., p. 09.

¹⁰³ Ibid., pp. 102-103.

a chefia de Antropologia, em 1946, o corpo docente reunia somente ele e Fortes.¹⁰⁴ No período, fase de maior proeminência de E-P, a antropologia social britânica entra também em uma expansão considerável, com novos fundos, novos departamentos criados e novos institutos de pesquisa, aumentando consideravelmente a influência de outros círculos, como Cambridge. Foi também nesta fase que antropólogos foram recrutados como administradores coloniais, como E-P e Nadel, e Audrey Richards, chamada para trabalhar no Ministério das Colônias.¹⁰⁵

Na década de 1940, os três principais institutos de Antropologia fora de Londres estavam todos consolidados com base nos pontos de vista de seus professores: em Oxford, E-P se afastava agora das propostas de Radcliffe-Brown, aproximando-se cada vez mais de uma perspectiva historicista, defendendo a tradução de valores culturais dos povos estudados para a linguagem cultural do antropólogo.¹⁰⁶ Para tanto, pautava-se nos clássicos do *L'Année Sociologique*, principalmente em Durkheim. A tendência à defesa de um suposto caráter mais humanista que científico para a antropologia pode estar associada à conversão de muitos dos membros docentes de Oxford (incluindo E-P, em 1944) ao catolicismo durante a década, fato curioso ao pensarmos as origens anglicanas do autor, cujo pai era pastor.¹⁰⁷

Durante a década de 1940, especialmente em sua primeira metade, E-P trabalhou como consultor da administração militar do governo britânico atuando em diversas regiões. A essa altura, a crítica de E-P ao método funcionalista encontrava-se já em um estágio avançado. Considerava-a incapaz de localizar as diferentes variações do político das sociedades africanas. Em 1946, com suas maiores obras já publicadas, ajuda na criação da ASA (*Association of Social Anthropologists of the British Commonwealth*), que de início possuía 20 membros – subindo para mais de 150 em 1962 – tornando-se uma organização profissional de modo a melhor aproveitar as possibilidades de patrocínio para pesquisas, o que persistiria até o início do processo de descolonização.¹⁰⁸

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Ibid., p. 147.

¹⁰⁶ A relação de E-P com a disciplina da História possibilitou importantes contribuições para o desenvolvimento teórico da Antropologia, causando um significativo efeito nas escolas influentes da época. Sua ênfase na utilização da história no fazer etnográfico foi uma grande ruptura teórica com a antropologia corrente. E-P acusava os funcionalistas de faltarem com lógica, evidência factual e até moralidade. AHMAD, A, op. cit., 1974, p. 170.

¹⁰⁷ STEIL E TONIOL, op. cit., p. 154.

¹⁰⁸ ASAD, op. cit., p. 11.

Os trabalhos de Evans-Pritchard contam com mais de 350 itens, incluindo-se cinco grandes obras.¹⁰⁹ Tendo em mente o histórico intelectual e pessoal traçado, observamos que cada uma dessas grandes obras explicita o estilo e o formato do discurso do autor em seu momento de escrita, e aqui buscamos traçar uma breve análise comparativa com sua produção publicada na *Sudan Notes and Records*. Para tanto, procuramos pensar a antropologia como um conjunto de ideias, uma tradição intelectual, ideológica e institucional, integrada em síntese pela dimensão do “trabalho científico”.¹¹⁰

O período de atuação de E-P a que nos referimos, de 1928 a 1956, está inserido no contexto de surgimento da possibilidade de realização de etnografias entre diferentes populações da África. O domínio da etnografia emerge, desde o início do século XX, em um processo gradual, com a passagem do viajante e do explorador para o missionário, o militar, e em seguida para o administrador colonial e o etnógrafo, funções muitas vezes atribuídas a um mesmo indivíduo, como no caso de E-P, e cujas fronteiras entre uma função e outra não se dão de formas muito claras.¹¹¹

CAPÍTULO 2. EVANS-PRITCHARD E A *SUDAN NOTES AND RECORDS* (1928-1938)

Não se pode negar que Evans-Pritchard represente um grande contribuidor para o desenvolvimento teórico da antropologia: com formação inicial na área de história, seus escritos têm efeito significativo nas escolas funcionalista e difusionista, de grande influência à

¹⁰⁹ GEERTZ, C. **Works and lives: the anthropologist as author**. California: Stanford University Press, 1988, p. 50.

¹¹⁰ COPANS, J. **Críticas e políticas da antropologia**. Lisboa: Edições 70, 1974, p. 24.

¹¹¹ GEERTZ, op. cit., pp. 90-92.

sua época.¹¹² Considerado um dos mais influentes antropólogos do século XX, acreditava que o interesse em um objeto fosse, em grande parte, determinado socialmente, valorado pelo grupo social. Estava seguro de que os princípios seletivos estavam nas instituições sociais, e que o trabalho de campo era a forma segura de encontrá-los.¹¹³ O papel do antropólogo seria, então, investigar a coerência dessas ideias coletivas e sua relação com as instituições das sociedades nas quais ocorrem.¹¹⁴ Para tanto, deveria fazer parte da comunidade, dispensando a utilização de informantes treinados, reunindo ele mesmo as informações necessárias, a partir de sua própria experiência em campo.¹¹⁵ Essa possibilidade de uma antropologia comparativa proposta por E-P foi, durante muito tempo, questão de debates e disputas acadêmicas.¹¹⁶ Pensando o papel político do antropólogo como produtor de discursos que extrapolam o ambiente da academia, é importante salientar que apesar da proposta de uma etnografia descompromissada dos interesses coloniais, a análise de E-P sobre a noção de bruxaria, por exemplo, não escapa de uma perspectiva que deveria lidar com as transformações da colonização inglesa, expondo a relevância de uma reconstrução histórica desses fenômenos.¹¹⁷

A questão da racionalidade é outro aspecto importante para a elaboração da análise das fontes. Quando se trata de temas como o da bruxaria, seria necessário compartilhar de uma crença no sobrenatural para ser capaz de compreender os fenômenos estudados.¹¹⁸ O próprio Evans-Pritchard, convertido ao catolicismo durante a segunda guerra mundial, mas visto como um “mau católico”, considerava a apreensão da possibilidade da descrença, pois tinha ele mesmo uma simpatia ao cinismo.¹¹⁹ Por outro lado, mostrava-se aberto às tradições de outras religiões, ao misticismo. Dizia que “eu arriscaria dizer que aprendi mais sobre a natureza de Deus e sobre os dilemas humanos com os Nuer do que aprendi em casa”.¹²⁰

A partir desses critérios, escolhemos o recorte de 1928 a 1938, período de maior produção de E-P para a SNR como eixo de análise, e é através deste recorte que discutiremos a produção do antropólogo-etnógrafo, dando prioridade aos elementos elencados nos itens a seguir.

¹¹² AHMAD, op. cit., 1974, p. 170.

¹¹³ DOUGLAS, op. cit., p. 06.

¹¹⁴ FARDON, R. **Mary Douglas: an intellectual bio.** London: Routledge, 1999, p. 35.

¹¹⁵ DOUGLAS, op. cit., pp. 38-41.

¹¹⁶ FARDON, op. cit., p. 245.

¹¹⁷ TAMBASCIA, op. cit., p. 207.

¹¹⁸ ENGELKE, M. The problem of belief: Evans-Pritchard and Victor Turner on “The Inner Life”. In: **Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, v. 18 n. 6, 2002, p. 03.

¹¹⁹ Ibid., p. 06.

¹²⁰ Idem. Do original: “I would say that I learnt more about the nature of God and our human predicament from the Nuer than I ever learnt at home.”

2.1. UMA LEITURA DO DISCURSO ETNOGRÁFICO A PARTIR DOS ARTIGOS DE EVANS-PRITCHARD (1928-1938)

A leitura da obra de E-P para a *Sudan Notes and Records* priorizará o eixo de estudo do autor a respeito dos grupos étnicos azande e nuer, sob o argumento de que parte desses artigos constituem suas maiores obras, e é também a respeito desses povos que E-P mais escreve para o periódico em questão. Na Tabela 6, listamos os artigos utilizados como fontes para o trabalho de análise do discurso etnográfico pritchardiano.

Tabela 6: Fontes: artigos organizados por ano, volume da publicação e grupo étnico correspondente

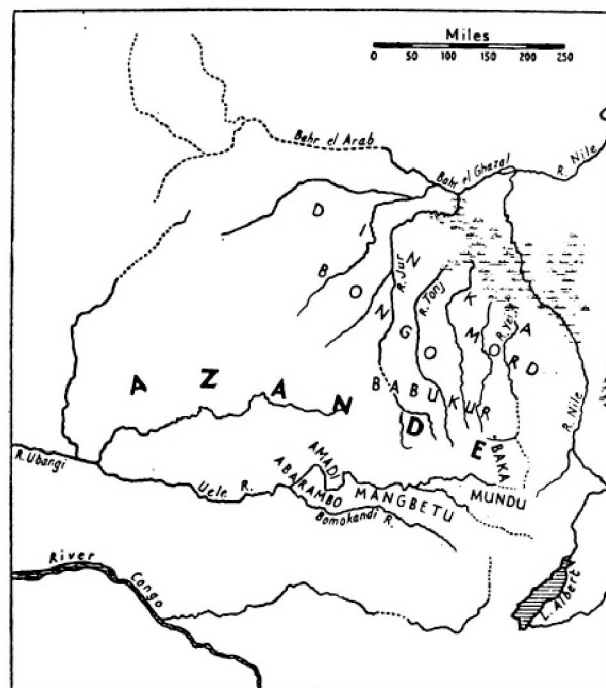
Nº	VOL	ANO	ARTIGO	PÁGS.	GRUPO ÉTNICO
1	11	1928	Oracle-magic of the azande	01-54	Zande
2	12	1930	Zande witchcraft	163-243	Zande
3	16	1933	The Nuer, tribe and clan I	01-53	Nuer
	17	1934	The Nuer, tribe and clan II	01-57	
	18	1935	The Nuer, tribe and clan III	37-87	
4	20	1937	Economic life of the Nuer: Cattle I	209-245	Nuer
	21	1938	Economic life of the Nuer: Cattle II	31-77	

2.1.1. OS AZANDE ENTRE BRUXARIA, ORÁCULOS, MAGIA E CONTROLE SOCIAL

A respeito dos grupos zande, elencamos dois artigos: *Oracle-magic of the azande* (1928) e *Witchcraft (mangu) amongst the a-zande* (1930), publicados na SNR antes da primeira publicação do livro *Bruxaria, oráculos e magia entre os azande* (1937), considerada por nós como uma compilação e interpretação dos dados recolhidos em campo. Em seus segundo e terceiro artigos publicados pela SNR, em 1928 e 1930,¹²¹ o *antropólogo-etnógrafo* faz uma descrição e análise dos oráculos mágicos do povo zande. E-P afirma que o trabalho do casal Seligman, *Pagan tribes of the nilotic Sudan*, publicado em 1932, serviu como base para a maior parte de sua etnografia sobre os azande, quando realizou um campo de cinco

¹²¹ O primeiro havia sido publicado no ano anterior, 1927, e tratava-se de uma descrição dos ingassana, grupo que foge do nosso escopo de pesquisa.

meses.¹²² Depois disso, em mais onze meses entre os anos de 1928 e 1929 e outros quatro meses em 1930, conseguiu finalizar suas pesquisas.¹²³



Situación aproximada de los azande y de las tribus vecinas.

Figura 3: Tribos azande indicadas por Evans-Pritchard

Em uma nota de rodapé para o artigo *Witchcraft (mangu) amongst the azande* (1930), publicado no volume 12, E-P afirma que o material do artigo foi coletado durante duas expedições ao Sudão anglo-egípcio, e que os estudos foram realizados em nome do governo do Sudão com a assistência financeira da *Royal Society* e dos fundos do *Laura Spelman Rockefeller*. Além disso, lembra que

não posso deixar de lembrar os muitos atos de bondade e constante cortesia e ajuda que recebi do major P. M. Larken e a hospitalidade e interesse amigável no meu trabalho que, de tempo em tempo, foi estendida a mim pelo capitão L. N. F. Brown, do reverendo C. Gore, do capitão H. Burges Watson, e do dr. J. R. N. Warburton nos três distritos zande, Meridi, Yambio e Tembura, no Sudão.¹²⁴

¹²² EVANS-PRITCHARD, E. E. Some zande texts. In: SCHAPER, I. **Studies in kinship and marriage**. London: Royal Anthropological Institute, 1963, p. 01.

¹²³ Idem.

¹²⁴EVANS-PRITCHARD, E. Witchcraft (mangu) amongst the azande. In: **Sudan Notes and Records**, v. 12, 1930, p. 163. Do original: "...I cannot refrain from mentioning the constant courtesy and help which I have received from major P. M. Larken and the hospitality and symphatetic interest in my work which have from time to time been extended to me by captain L. N. F. Brown, the reverend. C. Gore, captain H. Burges Watson, and dr. J. R. N. Warburton in the three zande districts, Meridi, Yambio, and Tembura, of the Sudan."

A partir disso, procuramos pensar as considerações de E-P a respeito dos azande em sua relação com seus pares enquanto homens do império britânico em território africano. Em nota de rodapé no artigo *The Bongo* (1930), publicado também no volume 12, E-P afirma que

por mais que sejamos compelidos a usar as descrições de viajantes em compilações etnológicas, no desejo de dados mais confiáveis, e enquanto elas têm a vantagem de que seus escritores fossem observadores imparciais sem nenhum eixo etnológico para seguir, elas são extremamente imprecisas. Elas raramente podem ser invocadas para qualquer descrição além daquelas de cultura material. Elas tem o péssimo hábito de serem cópias acríticas de descrições anteriores.¹²⁵

Consideramos ainda o argumento de E-P de que o único material verdadeiramente confiável no que diz respeito à descrição e análise dos grupos em questão, corroborado pelos comentários feitos pelo *antropólogo-etnógrafo* a respeito da obra de C. R. Lagae, *Les azande on Niam-Niam*. Neles, E-P nos lembra que muitos dos trabalhos sobre o azande foram realizados por viajantes, administradores coloniais e missionários, sendo nessa última categoria que Lagae se inclui, cujo trabalho é considerado por E-P o melhor a respeito desse povo. No entanto, Lagae teria realizado uma leitura estática dos azande, seguindo com a crítica a respeito de diferentes pontos e erros na obra.¹²⁶ Apesar da crítica, E-P aponta os destaques positivos a respeito da obra, afirmando que os administradores coloniais verão no trabalho uma contribuição valorosa sobre os zande, sendo admirada também por missionários, estudantes de etnologia e africanistas, pelo trabalho dispensado por anos, sobre o mais importante povo de uma das menos conhecidas regiões da África.¹²⁷ Procuramos então analisar a etnografia de E-P em consonância com sua crença de que somente a antropologia pudesse ser a ciência dos “povos primitivos”, o que focaliza a centralidade do conhecimento colonial nos etnógrafos. Pensamos também o argumento de que a região dos azande seria a “mais importante” e “menos conhecida” do continente africano.

Publicado pela primeira vez em formato de livro em 1937, *Bruxaria, oráculos e magia entre os azande* viria a se tornar exemplo de descrição e análise etnográfica nas escolas de antropologia de todo o mundo. Aqui, trabalharemos apenas com os apêndices da obra, deixando o foco da análise para os textos publicados a respeito dos azande na SNR. Em sua

¹²⁵ _____. The Bongo. In: **Sudan Notes and Records**, v. 12, 1930, p. 21. Do original: “it must be remembered that though we are compelled to use travellers' accounts in the ethnological compilations for want of more reliable data, and while these have the advantage that their writers were unbiased observers without any ethnological axes to grind, they are extremely inaccurate. They can seldom be relied upon for any descriptions other than those of material culture. They have a bad habit of uncritically copying previous accounts.”

¹²⁶ _____. Review on *Les azande on Niam-Niam* by C. R. Lagae. In: **Sudan Notes and Records**, v. 12, 1930, p. 262.

¹²⁷ Ibid., p. 262.

nota do tradutor à publicação desta etnografia como o livro *Bruxaria*, Eduardo Viveiros de Castro atribui a este livro a inauguração da “etnografia de verdade”.¹²⁸ Apesar de chegar ao campo sem saber a língua zande, e das insistências do governo para que fosse ao território nuer, já em sua primeira viagem reuniu material que considerava relevante, o que fez com que tivesse interesse em outras viagens à mesma região. Entre os azande, encontrou maior resistência no que E-P chamava “viver como um deles”, dificultando o método pelo qual prezava: o de validar seus conhecimentos através da experiência. Além disso, a escolha por esse objeto de estudo foi motivada pela “sofisticação amigável” dos azande, o que fez com que tentasse viver como eles, apesar da resistência do povo em aceitá-lo como um igual.¹²⁹ O ponto de partida para o *antropólogo-etnógrafo* foi o de que o pensamento cotidiano dos azande era baseado em uma teoria do azar causada por bruxaria, e de que todas as outras questões do dia a dia desse povo se traduzia em uma preocupação com a leitura dos oráculos, a fim de identificar a origem da bruxaria e como se vingar dela.¹³⁰ Durante esse curto ano de campo, dificultado por doenças, questões políticas e diplomáticas, E-P aplicou uma nova forma de trabalho, sem a utilização de informantes treinados: o método deveria ser validado justamente pela experiência em campo.

Os dois artigos analisados são *Oracle-magic of the azande*, publicado em 1928, no volume 11, e *Zande witchcraft*, publicado em 1930, no volume 12 da SNR. Tais artigos contam com um total de 53 e 80 páginas, respectivamente. Na primeira nota de rodapé de *Oracle-magic*, E-P confirma que o artigo constitui parte de sua tese de doutorado, apresentada na LSE no ano anterior.¹³¹ Publicado como livro pela primeira vez no final da década seguinte (1937) sob o título *Witchcraft, oracles and magic amongst the azande*, tal documento constitui uma obra considerada canônica no seio da antropologia moderna, ao inaugurar o debate a respeito da racionalidade dos objetos de pesquisa, amarrando a questão à crença em bruxaria e ao azar como meios de controle social. No primeiro artigo, E-P procura mostrar como uma suposta crença irracional dos azande seguia uma lógica própria, que fazia sentido dentro do contexto zande, sendo a crença na bruxaria um veículo para explicar os infortúnios.¹³² Contraditoriamente, percebe a “crença religiosa” com um valor científico, sem

¹²⁸ Viveiros de Castro se refere à inauguração de um campo de investigação que trata das ideias sobre a influência da magia e das práticas divinatórias, campo antes não discutido pela antropologia. VIVEIROS DE CASTRO, E. Nota do tradutor. In: EVANS-PRITCHARD, E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

¹²⁹ DOUGLAS, op. cit., p. 35.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ EVANS-PRITCHARD, op. cit., 1928, p. 03.

¹³² ENGELKE, op. cit., p. 05.

atribuir a ela nenhuma significação metafísica. Já no segundo, fala mais especificamente sobre a bruxaria (*mangu*) e seus portadores.

Oracle-magic traz uma descrição dos quatro tipos de oráculo zande: o *benge* (ou de veneno), *dakpa* (ou de térmitas), *iwa* (de atrito) e *mapingu* (de gravetos), seguida da análise a respeito da função social dos oráculos mágicos, focando no papel dos oráculos enquanto “maquinário legal”. Todos esses oráculos são utilizados, de maneira geral, para identificar a *mangu*, ou bruxaria de origem maligna, causada pela inveja de vizinhos e parentes, gerando doenças, acidentes e nos casos mais graves, a morte. De acordo com E-P,

a bruxaria participa de todos os infortúnios e é o idioma no qual os azande explicam tais infortúnios – é uma classificação de infortúnios na embora diferentes entre si, têm uma característica em comum, a nocividade ao homem.¹³³

E seria justamente essa característica em comum o que garantiria a excepcionalidade da bruxaria na vida azande. No que diz respeito à bruxaria e aos oráculos, E-P se questiona a respeito da validade dos métodos enquanto capazes de explicar o cotidiano zande. Em uma nota de rodapé em seu texto para a SNR, E-P nos expressa seus questionamentos:

já aponte neste trabalho que encontramos uma mistura de opinião racional em conjunto com crenças irracionais, e devo chamar atenção novamente para outro exemplo. Certa vez perguntei a um homem chamado Bagbiyo, um homem considerado por todos como um bruxo, se ele era mesmo ou não. Ele negou, indignado, a acusação, e quando eu perguntei como seus vizinhos estavam sempre mandando pra ele asas das galinhas mortas pelo *benge*,¹³⁴ em afirmação à questão “O Bagbiyo está usando bruxaria contra mim?”, ele respondeu que o motivo para isto era que eles sempre perguntavam para o *benge* sobre ele e não sobre outra pessoa.¹³⁵

Evans-Pritchard questionava e considerava ingênua a capacidade de racionalização dos azande, afirmando que “eles raciocinam de forma excelente no idioma de suas crenças, mas não conseguem raciocinar fora dele, ou contra suas crenças, porque não possuem nenhum outro idioma no qual expressar seus pensamentos”.¹³⁶ Por outro lado, entende tanto a bruxaria

¹³³ EVANS-PRITCHARD apud. MILLS, op. cit., p. 22. Do original: “Witchcraft participates in all misfortunes and is the idiom in which Azande speak about them and in which they explain them. Witchcraft is a classification of misfortunes which while differing from each other in other respects have this single common character, their harmfulness to man.”

¹³⁴ *Benge* é o veneno extraído de uma planta específica da região azande, ministrado a uma galinha depois de cumpridos todos os tabus necessários para o ritual do oráculo. A morte da galinha, como no caso da citação, na primeira pergunta a respeito da dúvida sobre uma pessoa ser bruxa e ter cometido atos contra o mandante do oráculo, confirma positivamente a pergunta. O oráculo de veneno *benge* é o considerado mais assertivo pelos zande.

¹³⁵ EVANS-PRITCHARD, op. cit., 1928, p. 50.

¹³⁶ Ibid., p. 53. Do original: “they reason excellently in the idiom of their beliefs, but they cannot reason outside, or against, their beliefs because they have no other idiom in which to express their thoughts.”

quanto os oráculos como instrumentos de controle político.¹³⁷ As questões sobre a validade ou não dos oráculos enquanto explicadores da vida zande permeiam toda a obra a respeito desse povo. E-P volta a este tema toda vez que a racionalidade ganha centralidade no que diz respeito à coerência das ações dos administradores dos oráculos. Como por exemplo sua dúvida do porquê não são todos que possuem a bruxaria em seu código genético, uma vez que todos os casamentos são endógenos. No entanto, as ponderações de E-P no que diz respeito à bruxaria são contraditórias, uma vez que na própria obra E-P aponta para o entendimento da bruxaria como uma variação do espectro de ação do dia a dia, e não como única forma.¹³⁸

No artigo *Mani, a zande secret society*, E-P faz uma interessante observação ao afirmar que no período de seu trabalho, muitos crimes como os de bruxaria e magia negra não podiam ser punidos pelo maquinário legal, precisando ser vingados por meios mágicos. Além da bruxaria, lembra que o mesmo vale para as obrigações legais no contrato de casamento.¹³⁹ Isso pode estar de acordo com a afirmação de E-P e Meyer Fortes, posteriormente, quando da publicação de *African Political Systems* de que os termos da filosofia política não auxiliam na compreensão das sociedades africanas.¹⁴⁰ Isso se devia ao fato de que o político não é uma prerrogativa dos estado-nação, mas pode ser observado também em outras formas de organização social.¹⁴¹ Deste modo, E-P percebe os termos da bruxaria como limítrofes da autonomia dos zande – determinados males são vistos como resultado de bruxaria somente e se os fenômenos e processos físicos forem considerados incapazes de causar o ocorrido.¹⁴² Para o povo zande, circunstâncias ordinárias do cotidiano não são capazes de causar doença ou matar uma pessoa. Portanto, não há soberania para as causas físicas.¹⁴³ A soberania nas ações de um indivíduo é interrompida na medida em que um bruxo – o ser social incapaz de manter as barreiras morais apropriadas à interação humana – decide intervir magicamente contra aquele indivíduo. Para E-P o oráculo é, portanto, um instrumento de controle social.

E-P questiona o motivo de nem todos os zande possuírem a bruxaria em seu código genético, uma vez que os casamentos são todos endógenos – atribuindo a esse fato uma falha no sistema de pensamento azande, e não nos termos com que a etnografia interpreta formas de pensamento alheias à tradição científica ocidental. Essa mostra fica marcada na afirmação de

¹³⁷ Ibid., p. 46.

¹³⁸ MILLS, op. cit., p. 18.

¹³⁹ EVANS, PRITCHARD, E. E. Mani, a zande secret society. In: **Sudan Notes and Records**, v. 14, 1931, p. 145.

¹⁴⁰ EVANS-PRITCHARD, E. E.; FORTES, M. apud. STEIL E TONIOL, op. cit., p. 160.

¹⁴¹ Ibid., p. 161.

¹⁴² MILLS, op. cit., p. 24.

¹⁴³ Ibid., p. 25.

que “eles raciocinam de maneira excelente no idioma de suas crenças, mas não conseguem racionalizar fora dela – ou contra, porque eles não têm nenhum outro idioma no qual expressar seus pensamentos”.¹⁴⁴ O “problema da racionalidade” acaba por não ser suportado pelo trabalho de E-P, uma vez que as discussões sobre a crença em bruxaria podem ser erráticas como tradições específicas – como aconteceu com as formas de dominação colonial, por se encontrarem fora do nível lógico ocidental.¹⁴⁵ Ao fim do artigo, E-P conclui que o trabalho de campo é insuficiente, pois a religião entra no nível do pessoal: “se a religião é essencialmente parte da vida interior, segue-se que ela pode ser verdadeiramente compreendida somente de dentro”.¹⁴⁶ Ao entender a bruxaria, os oráculos e a magia como um elemento central da vida zande, a convicção religiosa (a vida interior) se torna uma ferramenta na antropologia de E-P, uma maneira de superar a distância conceitual entre o antropólogo e seu Outro.¹⁴⁷

O segundo artigo, *Witchcraft (mangu) amongst the A-zande* (1930), se dedica especialmente a discutir aspectos da bruxaria: seus atributos; seu papel na vida social e econômica, como forma de controle social; o aspecto moral e a lei nativa; além do caráter psicológico que ela desempenha, entre outras questões mais pontuais. Nele, uma preocupação constante de E-P é a tradução dos termos vernaculares, como ele mesmo preferia chamá-los. A exemplo do termo *mangu*, que traduz como *witchcraft*, bruxaria. Relata que a palavra *witchcraft*/bruxaria não consegue compreender todas as noções místicas envolvidas na palavra zande *mangu*, uma vez que a utilizam para descrever tanto as partes físicas da “substância-bruxaria” do *benge* (a planta e seu extrato venenoso) e também para descrever o que está dentro da barriga de um bruxo.¹⁴⁸ O mesmo vale para a descrição dos sonhos e do caráter psicológico que a bruxaria assume nesse momento. Apesar da preocupação na equivalência de termos, vemos que o processo de *tradução*, tanto de termos quanto da realidade descrita, acaba por borrar significações importantes para o povo em questão. Um exemplo desse processo, na versão publicada em 1937, editada como livro, E-P dedica um apêndice inteiro, com cerca de dez páginas, a um glossário com os termos em língua zande e a tradução

¹⁴⁴ WERNER, R. Comment on The opposite of Evans-Pritchard. In: **Journal of the Royal Anthropological Institute**, n. 19, 2013, p. 653. Do original: “they reason excellently in the idiom of their beliefs, but they cannot reason outside, or against, their beliefs because they have no other idiom in which to express their thoughts.”

¹⁴⁵ MILLS, op. cit., p. 31.

¹⁴⁶ ENGELKE, op. cit., p. 06. Do original: “if religion is essentially of the inner life, it follows that it can truly be grasped only from within.” Para além da questão da racionalidade da religião, Engelke lê essa afirmação como uma crítica aos antropólogos ateístas.

¹⁴⁷ Ibid., p. 08.

¹⁴⁸ WERNER, op. cit., p. 651.

escolhida para chegar mais perto do significado real e da correspondência dos termos na língua inglesa. A escolha da correspondência de palavras esbarra ainda em outro aspecto de importância central: a questão psicológica. E-P afirma que esse é o maior problema relacionado à bruxaria.¹⁴⁹ Para ele, a bruxaria é, indubitavelmente, uma prática imaginária – não real – entre os azande. De acordo com E-P, o sumário daquilo que seria a bruxaria poderia se resumir em algo como “excrecência abdominal”.¹⁵⁰ Sua função da bruxaria na vida prática, econômica e social, E-P chega à conclusão de que a crença em bruxaria não diminui a preocupação, nem o conhecimento ou a indústria azande, mas preenche as lacunas que o conhecimento acumulado e a experiência pragmática não chegam, e consequentemente dá a eles confiança face ao desconhecido ao assegurar que o zande pode reagir à bruxaria, com a feitiçaria, ou magia, sua contraparte boa. Compara, ainda, essa situação ao conceito de sorte nas “mais bem desenvolvidas civilizações”.¹⁵¹

O último apêndice de *Bruxaria, oráculos e magia entre os azande* é dedicado a reflexões de E-P a respeito do trabalho de campo. No início, o autor faz um resgate de conselhos que recebeu quando era um jovem pesquisador de campo, dentre os quais estavam manter conversas de no máximo vinte minutos (Westermarck), ser cavalheiro (Haddon), tomar quinino e ficar longe das mulheres (Seligman), adquirir imunidade contra a água suja (Petrie), e não ser um idiota (Malinowski).¹⁵² A partir disso, se adianta ele mesmo em dar conselhos que eventualmente possam ser úteis aos seus leitores. Afirma que os fatos só têm significado se possuírem determinado grau de generalidade, e que isso se torna mais fácil quanto maior a experiência.¹⁵³ E-P percebe o antropólogo enquanto um indivíduo duplamente marginal,¹⁵⁴ pois não é visto com bons olhos nem pelos administradores nem pelos nativos. Ainda afirma que a necessidade de maior importância é a de falar a língua nativa, e que os informantes geralmente não enganam os antropólogos, como é dito por muitos.¹⁵⁵

¹⁴⁹ EVANS-PRITCHARD, E. Zande witchcraft. In: **Sudan Notes and Records**, v. 12, 1930, p. 249.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 246.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 247.

¹⁵² EVANS-PRITCHARD, op. cit., 2005, p. 243.

¹⁵³ *Ibid.*, pp. 244-245.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 246.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 249.

2.1.2. OS NUER ENTRE IDIOMA BOVINO, TEMPO ECOLÓGICO E INSTITUIÇÕES POLÍTICAS

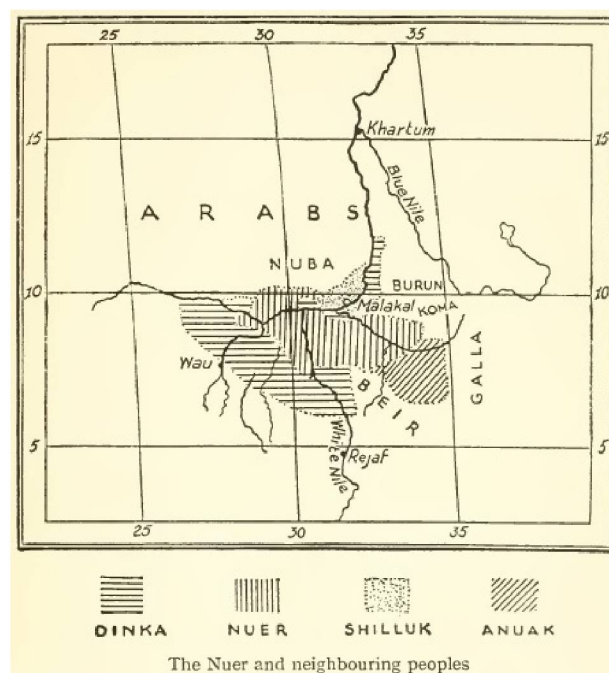


Figura 4: Os grupos nuer indicados por Evans-Pritchard

Parte da primeira publicação de *Os Nuer* foi feita em uma sequência de três artigos na SNR,¹⁵⁶ publicados entre 1933 e 1935, intitulados *The nuer, tribe and clan*. Alguns anos após essa publicação, E-P contribuiu novamente de maneira mais extensiva com um artigo publicado em duas etapas, chamado *Economic life of the Nuer: cattle*, nos anos de 1937 e 1938. Serão esses os artigos considerados para a análise de fontes a respeito desse grupo étnico. Dentre os nuer, o estilo de vida assumido por E-P foi completamente oposto àquele entre os azande. E-P afirmava que vivia como um deles, pois eles não permitiam que fosse diferente. O autor observa a vida do grupo em questão como um sistema político no qual a questão religiosa não tem centralidade, como tinha para os azande. Esse sistema político teria como aspectos centrais a garantia de três coisas: a vida, o gado e a propriedade.¹⁵⁷ O período de campo de E-P entre os nuer foi tão prolífico que até mesmo uma coleção de espécies de gramíneas e plantas o antropólogo fez, enviando-as para catalogação e identificação pela *Royal Botanical Gardens Kew*.¹⁵⁸

¹⁵⁶ ROSA, op. cit., 2018, p. 02.

¹⁵⁷ DOUGLAS, op. cit., 1980, p. 61.

¹⁵⁸ EVANS-PRITCHARD, E. E. Correspondence. In: **Sudan Notes and Records**, v. 31, 1950, op. 160-161.

O principal aspecto para o qual chamaremos atenção aqui é a noção de “idioma bovino” e “relógio de gado” que E-P afirma fazer parte da vida nuer. Isto seria o que os Comaroff chamam de ponte entre as condições ecológicas e a significação da vida coletiva.¹⁵⁹ Nosso interesse pela temática das representações do tempo surgiu a partir da reflexão acerca das relações entre colonialismo e antropologia. O principal objetivo de *Os Nuer*, segundo o próprio Evans-Pritchard, é descrever os modos de subsistência e as instituições políticas do povo nilota nuer, que se estende pelos dois lados do Rio Nilo, ao sul de sua ligação com Sobat e Bahr el Ghazal, no então Sudão anglo-egípcio. E-P contabiliza os nuer em “aproximadamente duzentas mil almas” que vivem em “pântanos e savanas planas”.¹⁶⁰ Descreve os nuer com as frequentes características dos relatos etnográficos e diários de viagem do período, cuja herança evolucionista se faz perceber, ao atentar para características físicas que apontam aspectos como serem “altos, de membros longos e cabeças estreitas”.¹⁶¹

Na primeira parte do primeiro artigo, publicado no volume 16, em 1933, E-P se dedica a discutir as condições do trabalho de campo, a “homogeneidade da nação nuer”, sua localização no conglomerado de povos nilóticos, além dos sistemas de tribo e de clã. O autor afirma que, antes da publicação de Jackson em 1923 sobre a descrição da vida nuer na própria *Sudan Notes and Records*, só existiam notas curtas a respeito desse povo, e desde então pouca coisa foi acrescentada aos dados coletados. E-P inicia o artigo afirmando que passou três meses e meio entre os nuer em 1930, e mais cinco meses em 1931, e que do ponto de vista antropológico, as condições do trabalho de campo foram limitadas e deprimentes.¹⁶² Isso se devia ao fato de que passou toda a primeira viagem e parte da segunda tentando dominar a língua o suficiente para conseguir trabalhar. Outra questão importante para a limitação de seu trabalho de campo foi a falta de transporte: ficou restrito a uns poucos campos de gado, confinado espacialmente a uma pequena área.¹⁶³ Agradece ainda o encorajamento e assistência do senhor A. G. Pearson, governador da Província do Alto Nilo, aos capitães A. H. A. Alban e H. A. Romilly, ao senhor J. F. Tierney, e à equipe da Missão Americana de Nasser, pela hospitalidade, tempo e conhecimento concedidos.¹⁶⁴ Na sequência, se dedica a uma descrição da localização e da organização nuer, que será discutida a seguir.

¹⁵⁹ COMAROFF e COMAROFF, op. cit., p.127.

¹⁶⁰ EVANS-PRITCHARD, E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 07.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² EVANS-PRITCHARD, E. The Nuer: tribe and clan I. In: *Sudan Notes and Records*, v. 16, 1933, p. 02.

¹⁶³ Ibid., p. 03.

¹⁶⁴ Idem.

E-P afirma que os nuer não teriam sido profundamente afetados por influências externas devido ao ambiente de sua localização geográfica – que em parte do ano está desértica e na outra parte pantanosa.¹⁶⁵ Atesta que por conta disso as relações dos nuer com o governo anglo-egípcio têm sido interrompidas e insatisfatórias, culminando inclusive em um estado de guerra.¹⁶⁶ Como consequência, teria sido estabelecida uma política de controle mais sistemática para a área, na qual foram estabelecidas unidades políticas separadas por seções territoriais, dividindo-os, em sua unidade oriental, nas seções thing, lou, lak, gaawar e jekany; e em sua seção ocidental, nas seções dok, jagel, nuong, bul, lek, kilual e jekany.¹⁶⁷ Argumenta que os nuer não possuem uma organização em funções sociais tais quais outras sociedades africanas, como os azande, por exemplo, sendo um exemplo fluido, dinâmico. Na segunda parte, publicada em 1934 no volume 17, versa a respeito dos grupos de clãs e suas localizações, de questões linguísticas, dos casamentos e do totemismo Já na terceira e última parte a respeito dos aspectos gerais dos nuer, publicada no volume 18, em 1935, discute a regulação da vida pública e a questão dos membros mais importantes da sociedade nuer, além de trazer um sumário a respeito de todos os três artigos, publicados em três partes – em função de reduzir a paginação de cada artigo.

Evans-Pritchard considerou o trabalho a respeito dos nuer extremamente difícil de ser realizado. Na última parte dessa série de três artigos, aponta

considero os nuer extremamente difíceis de se investigar. Parcialmente devido às condições de pesquisa, ausência de intérprete, e à dificuldade de me movimentar em seu território, ao esgotamento da maior parte da minha energia na luta para simplesmente existir, ao invés de fazer meus interrogatórios. Foi também devido à psicologia dos nuer, sua hostilidade com qualquer estranho, seu ressentimento com os europeus, seu orgulho extraordinário e sua oposição bem sucedida a todos os questionamentos a respeito de seus costumes que eu admirei bastante apesar da exasperação que me causou. Uma terceira dificuldade em tentar entender os princípios básicos da vida social dos nuer foi que as observações foram feitas em meio a um estado de transformação, uma mudança que está ocorrendo em toda a comunidade africana hoje, mas que pareceu a mim ser mais dolorosa para os conservadores orgulhosos nuer do que para a maioria dos povos com os quais tive contato. A mudança vem acontecendo de forma bastante rápida durante o último século. Primeiro, precisamos ter em mente a expansão dos nuer, especialmente no lado ocidental do Nilo, onde suas conquistas resultaram na dispersão dos clãs em uma escala incomum e na enorme absorção dos dinka, o que afetou profundamente sua vida social. Depois eles foram sujeitados às invasões árabes e, em partes da Nuerland, até mesmo à ocupações. De efeitos mais amplos e profundos tem sido a influência do domínio britânico, o qual já atingiu consequências de longo alcance, com destaque para as instituições políticas.¹⁶⁸

¹⁶⁵ Ibid., p. 06.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Ibid., p. 07.

A menção honrosa à influência britânica, bastante vaga e imprecisa, faz sentido quando consideramos que, na Introdução de *Os Nuer*, o *antropólogo-etnógrafo* evidencia que o trabalho a respeito dos nuer fora um pedido do governo colonial do Sudão, apontando que um estudo de tais grupos seria difícil devido à “sua região e caráter igualmente intratáveis”.¹⁶⁹ E-P esteve entre os nuer em diferentes momentos, entre 1930 e 1936, totalizando cerca de um ano de pesquisa em campo, o que considera um período inadequado para um estudo sociológico, especialmente quando se trata de um povo “difícil em circunstâncias desfavoráveis” (há pouco os nuer haviam sido considerados derrotados pelas forças coloniais), somando-se ao fato de E-P ter contraído malária em duas das ocasiões.¹⁷⁰

Os artigos publicados na sequência de anos que vai de 1933 a 1935, sob título de *The nuer, tribe and clan* nos revelam o objetivo de defender a pureza de seus dados, desligando-os dos contextos contaminantes dos quais foram extraídos. Ao anunciar que a pesquisa entre os nuer teria sido encomendada – e em partes, financiada – pelo escritório colonial, a contradição entre a autonomia relativa da ciência antropológica e os domínios políticos torna-se evidente. Apenas cinco anos depois, em 1940, quando da publicação de *African Political Systems*, a visão de Evans-Pritchard a respeito do aparelho colonial é outra, não exitando em permitir uma aproximação da pesquisa antropológica com as formas “administrativas”, uma vez que espera que a obra sirva de aparato para “aqueles que têm a tarefa de administrar os povos africanos”.¹⁷¹ Defende que o dever do antropólogo é apresentar os fatos e a teoria da organização social nativa como ele as vê, mas agora já não vê problemas em que este saber produzido seja associado, mais direta que indiretamente, aos administradores coloniais.

¹⁶⁸ EVANS PRITCHARD, E. The Nuer: tribe and clan III. In: **Sudan Notes and Records**, v. 18, 1935, p. 76. Do original: “I found the Nuer extremely difficult to investigate. This was partly due to conditions of research, absence of interpreter, difficulty of movement in their country, the expenditure of most of my energy in a struggle to exist at all rather than in making enquiries. It was also due to the psychology of the Nuer, their hostility to all strangers, their resentment towards the European, their extraordinary pride, and their successful opposition to all enquiry into their customs which I greatly admired in spite of the exasperation which it caused me. A third difficulty in trying to understand the main principles of Nuer social life was that observations had to be made while it was in a state of change, a change which, it is true, is going on in every African community today, but which seemed to me to be more painful among the proud conservative Nuer than among most peoples with which I had hitherto been acquainted. Change has been taking place rapidly during the last century. Firstly we have to bear in mind the expansion of the Nuer, especially on the eastern side of the Nile, where their conquests have resulted in dispersion of the clans on an unusual scale and in an enormous absorption of Dinka which must have profoundly affected their social life. Later they have been subject to Arab raiding and, in parts of Nuerland, even occupation. Of wider and deeper effect has been the influence of British rule which has already had far-reaching consequences, especially with regard to those political institutions with which this paper deals.”

¹⁶⁹ EVANS-PRITCHARD, op. cit., 2013, pp. 12-13.

¹⁷⁰ Ibid., pp. 19-20.

¹⁷¹ EVANS-PRITCHARD, E. E.; FORTES, M. **African Political Systems**. London: Oxford University Press, 1940, pp. VII-VIII.

Em *Economic life of the Nuer: cattle*, E-P afirma que um povo cuja cultura material é tão simples como os nuer, deve ser dependente da natureza e de suas estações.¹⁷² Descritos como agricultores e criadores de gado, afirma que os nuer precisam estar atentos às mudanças e ciclos naturais durante todo o ano, especialmente devido seu interesse particular pelo gado. Cultivam a agricultura pela sobrevivência, enquanto que o gado é central por outros motivos: não só para as necessidades básicas do cotidiano – carne e leite, carregamento de cargas, etc, mas também como forma de ver o mundo. Para E-P, os rebanhos de gado são os bens mais preciosos dos nuer, pois determinam questões de coesão e fissura política e social.¹⁷³ De acordo com E-P, os dois usos mais importantes do gado são a exploração econômica e o papel nos casamentos.¹⁷⁴

O próprio E-P indica que o gado vinha sendo a principal causa dos conflitos entre os nuer e o governo do Sudão anglo-egípcio. Durante vinte anos, as preocupações do governo a respeito dos nuer incluíam somente a pilhagem do gado de comunidades desavisadas, cuja resistência era respondida com tiros.¹⁷⁵ Indica ainda que nos últimos dez anos essa situação teria mudado, e o governo havia passado a tratar os nuer de forma “justa e paternal”, muito embora os nuer tenham continuado a agir com hostilidade.¹⁷⁶ E-P afirma ainda que para os europeus, a terra nuer não tem qualidades favoráveis,¹⁷⁷ o que não contradiz a cobiça pelo gado nuer. Ainda a respeito da noção de *idioma bovino*, E-P realiza uma descrição das atividades diárias de um nuer, sendo que ao se referir a um período do dia, será fazendo referência a uma tarefa da atividade pastoral. Dizem que farão algo na hora da ordenha,¹⁷⁸ depois que o gado for levado para o pasto, ou ainda quando as cabeças voltarem para o campo.

Já *Os Nuer* é dividido em duas partes, sendo a primeira a respeito da ecologia e a segunda sobre a estrutura social. A discussão sobre ecologia começa com uma detalhada descrição do gado e de suas relações com a população humana, que se ajusta aos modos de vida bovino em sua economia pastoril transumana. O capítulo seguinte diz respeito à geografia humana, através da análise do *habitat* e das variações sazonais. O terceiro é um

¹⁷² EVANS-PRITCHARD, E. Economic life of the Nuer: cattle I. In: **Sudan Notes and Records**, v. 20, 1937, p. 210.

¹⁷³ *Ibid.*, pp. 209-210.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 210.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 241.

¹⁷⁶ *Idem.*

¹⁷⁷ EVANS-PRITCHARD, E. Economic life of the Nuer: cattle.II. In: **Sudan Notes and Records**, v. 21, 1938, p. 31.

¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 68.

capítulo transicional a respeito das noções de tempo e espaço como um intermédio entre a ecologia e as atividades socialmente organizadas. Os últimos três capítulos do livro tratam dos sistemas políticos, da linhagem, entre outros temas que não cabem ser explorados aqui.¹⁷⁹

O objeto específico em questão, o conceito de tempo nuer para E-P foi escolhido tendo em vista que o tempo é considerado por este antropólogo como fator determinante para as relações estruturais nuer, e que joga portanto um importante papel no todo social deste grupo. Em *Nuer time-reckoning*, E-P aponta a dificuldade que tinha em contar o tempo nos termos nuer, e vice-versa, já que tanto a estrutura como as atividades sociais que regulam o tempo europeu e o tempo nuer são muito diferentes umas das outras, culminando em diferentes interesses e diferentes valores de tempo.¹⁸⁰ Para o autor, o tempo nuer é dividido em duas categorias: o *tempo ecológico* – que é reflexo das relações dos nuer com o ambiente, ocasionando um movimento ocupacional, e o *tempo estrutural*, que é determinado pelas relações de uns com os outros na estrutura social, e seu consequente movimento de caráter moral.¹⁸¹ Sustenta ainda que, apesar de serem de ordens diferentes, ambas as noções de tempo são sociais, elaboradas para se referir a uma sucessão de eventos de interesse para a comunidade. Segundo E-P, os maiores períodos de tempo são estruturais porque os eventos com que estão relacionados dizem respeito a mudanças no *status* social (o que explicaremos mais adiante), enquanto que o tempo relacionado às mudanças da natureza é limitado a um ciclo anual, não podendo ser utilizado para designar períodos maiores do que as estações nuer.¹⁸²

Evans-Pritchard afirma que

As limitações ecológicas e outras influenciam suas relações sociais [nuer], mas o valor atribuído às relações ecológicas é igualmente significativo para a compreensão do sistema social, que é um sistema dentro do sistema ecológico, parcialmente dependente deste e parcialmente existindo por direito próprio. A maioria – talvez todos – dos conceitos de espaço e tempo são determinados pelo ambiente físico, mas os valores que eles encarnam constituem apenas uma das muitas possíveis respostas a este ambiente e dependem também de princípios estruturais, que pertencem a uma ordem diferente de realidade.¹⁸³

O ciclo ecológico, de duração anual, tem por ritmo o movimento dos grupos de pessoas das aldeias aos acampamentos e vice-versa, regulados especialmente pelos contrastes

¹⁷⁹ CLIFFORD, J.; MARCUS, G. **Writing culture**: The poetics and politics of ethnography. London: University of California Press, 1986, pp. 87-88.

¹⁸⁰ EVANS-PRITCHARD, E. Nuer time-reckoning. In: **Africa: Journal of the International African Institute**, v. 12, n. 2, abr 1939, p. 189.

¹⁸¹ *Idem*.

¹⁸² *Ibid.*, p. 190.

¹⁸³ EVANS-PRITCHARD, E. Tempo e espaço. In: **Os Nuer**, op. cit., 2013, p. 107.

das estações de chuvas e secas (correspondentes a cerca de metade de um ano cada), e pelas necessidades do gado e da quantidade disponível de suprimento alimentício. O ano (*ruon*), teria duas principais estações: *tot* (que no nosso calendário equivale da metade de março à metade de setembro) e *mei* (do meio de setembro ao meio de março).¹⁸⁴ Em se considerando o tempo em relação às atividades realizadas, é esperado, para E-P, que ele tenha diferentes sentidos nas diferentes estações (chuvas/seca).¹⁸⁵ Portanto, os conceitos de tempo nuer são baseados especialmente no ritmo social, do movimento da *cieng* (vila) para o *wec* (acampamento) e de volta do *wec* para *cieng* no decorrer do ano.¹⁸⁶

Diferentemente da sociedade europeia, lembra E-P, os movimentos dos corpos celestes não são utilizados como ponto de referência na contagem do tempo nuer. Eles possuem nomes para planetas e estrelas mas não os utilizam para construir um sistema de contagem de tempo ou para organizar suas atividades.¹⁸⁷ O ano nuer também possui doze meses, e embora a maior parte dos adultos saibam listá-los, E-P garante que eles não utilizam os nomes dos meses como indicadores de tempo.¹⁸⁸ Para o autor, os nuer não possuem semanas ou outras unidades menores de tempo específicas, como horas ou minutos. Se desejam se referir a eventos que aconteceram há mais de dois ou três dias, se referem a algum outro evento, como o nascimento de um bezerro ou alguma atividade na agricultura, e se querem ser mais específicos, contam o número de “dormidas” (*nin*), ou o número de “sóis”, que corresponde a dias e noites (e. g. “nós devemos mover o acampamento depois de quatro noites dormidas” ou “nós devemos retirar o acampamento depois de quatro sóis”).¹⁸⁹ A contagem de distância também é realizada da mesma maneira: “É longe. Nós dormimos duas noites e então na manhã seguinte chegamos”.¹⁹⁰

Para E-P, o ano é a maior unidade de contagem de tempo nuer. Eles podem se referir ao ano passado (*mi thar*), esse ano (*waale*) e ano que vem (*ithar*). Para além de um ano, os nuer voltam a utilizar os eventos e as relações estruturais para a contagem do tempo.¹⁹¹ Também é possível contar o tempo em relação aos eventos ocorridos com o gado, como por exemplo, alguma praga que tenha infligido os rebanhos, uma epidemia de pneumonia, a morte

¹⁸⁴ EVANS-PRITCHARD, E., op. cit., 1939, p. 191.

¹⁸⁵ EVANS PRITCHARD, E., op. cit., 2013, p. 115.

¹⁸⁶ EVANS-PRITCHARD, E., op. cit., 1939, p. 193.

¹⁸⁷ Ibid., p. 194.

¹⁸⁸ Ibid., p. 202.

¹⁸⁹ Do original: we shall move camp after four sleeps” ou “we shall move camp after four suns.”

¹⁹⁰ Ibid., p. 204. Do original: “It is far. We sleep two sleeps and then in the morning we arrive.”

¹⁹¹ Ibid., p. 209.

de uma vaca por um leão, entre outros.¹⁹² Casamentos, cerimônias funerárias, cerimônias de honra a membros mortos por raios, lutas e invasões, todos esses são eventos que dão noções de tempo, embora ninguém saiba precisamente quantos anos se passaram entre um evento e outro, já que não há um sistema numérico de datação.

Já no que diz respeito ao tempo estrutural, sua relação com o futuro de um homem já está fixada e ordenada em diferentes períodos, de modo que o número de mudanças de *status* pelo qual passará – se viver o suficiente – pode ser previsto.¹⁹³ Os diferentes *status* são utilizados ainda para medir a idade dos nuer. Na primeira infância, existe um grande número de expressões para denotar os estágios de crescimento, ou as atividades de um indivíduo, como por exemplo, quando engatinha, quando fica de pé, etc. Após a puberdade, as principais mudanças de *status* são a passagem da infância para a vida adulta, no caso dos homens (marcado pela cerimônia de iniciação), e o casamento e o nascimento do primeiro filho, para ambos os sexos. Os pontos de referência entre o casamento e a morte são poucos.¹⁹⁴

Após uma extensiva descrição das formas de contagem de tempo nuer, aqui apenas resumida, E-P argumenta que embora tenha falado de tempo e unidades de tempo, os nuer não possuem tais conceitos, e conseqüentemente não logram de nenhum sistema de contagem de tempo “desenvolvido”. Também não têm nenhum equivalente à nossa palavra “tempo” (*time*), e que portanto não podem falar do tempo como algo real, que passa, que pode ser perdido, economizado, etc.¹⁹⁵ Segundo o etnógrafo, o tempo europeu é um *continuum*. Em qualquer ponto que começemos, cada geração sucessora aumenta sua distância em relação àquele ponto. Por outro lado, o sistema de linhagens nuer parece ser um sistema fixo, que possui um número constante de passos entre pessoas vivas e o fundador de seu clã.¹⁹⁶ Para exemplificar, E-P aponta que os principais clãs possuem de dez a doze gerações do presente dia aos ancestrais que deram origem a eles; entretanto, quando se pergunta a um nuer sobre sua linhagem, a resposta faz referência a um ancestral, o fundador da sua linhagem mínima, que é de três a seis, geralmente quatro ou cinco, passos na ascendência até o presente dia. Para E-P, a contagem é compreensível, já que cinco passos representam um homem, seu pai, seu avô e o pai e avô de seu avô, e que fica evidente que após cinco ou seis gerações os nomes dos ancestrais se perdem.¹⁹⁷

¹⁹² Ibid., p. 210.

¹⁹³ EVANS-PRITCHARD, op. cit., 2013, p. 107.

¹⁹⁴ EVANS-PRITCHARD, E., op. cit., 1939, p. 210.

¹⁹⁵ Ibid., p. 208.

¹⁹⁶ Ibid., pp. 212-213.

¹⁹⁷ Idem.

Com tais exposições, E-P argumenta que o tempo em anos é para os nuer uma sucessão de eventos de significância particular para o grupo em questão, podendo ser diferente em cada parte do extenso território nuer. A distância entre os eventos deixa de ser contada em conceitos de tempo que “entendemos”, e é contada em termos de distância estrutural, balizada pelas relações de grupos de pessoas com outros grupos. De tal modo, o tempo se torna relativo e estrutural.¹⁹⁸ A partir disso, E-P categoriza que

os nuer não podem, como nós podemos, falar do tempo como se fosse algo de concreto, que passa, que pode ser perdido, pode ser economizado, e assim por diante. Não creio que eles jamais tenham a mesma sensação de lutar contra o tempo ou de terem de coordenar as atividades com uma passagem abstrata do tempo, porque seus pontos de referência são principalmente as próprias atividades, que, em geral, têm o caráter de lazer. Os acontecimentos seguem uma ordem lógica, mas não são controlados por um sistema abstrato, não havendo pontos de referência autônomos aos quais as atividades devem se conformar com precisão. Os nuer têm sorte.¹⁹⁹

Uma vez que o sistema de contagem do tempo nuer está dentro do ciclo anual e das partes do ciclo, que consiste numa série de concepções das mudanças naturais, a escolha dos pontos de referência nesta série é determinada pelo significado que as mudanças naturais provocam nas atividades humanas.²⁰⁰ Portanto, conclui que os nuer têm meios bastante “limitados” de contar a duração relativa dos períodos de tempo entre eventos, já que possuem poucas, e “não bem definidas ou sistematizadas” unidades de tempo.²⁰¹

Voltemos agora à introdução de *Os Nuer*, e às implicações que o método de construção narrativa e discursiva de Evans-Pritchard tem no que diz respeito às elaborações de suas categorias canônicas e, por consequência, em suas relações com os domínios sociopolíticos do qual faziam parte. E-P pede ao leitor que não julgue seu trabalho com muito rigor, pois tem a noção de que seu relato é “insuficiente e desigual”, mas que a despeito das circunstâncias desfavoráveis à pesquisa, já citadas aqui, apresenta um “esboço verdadeiro de sua estrutura social”.²⁰² Afirma ainda que a organização social nuer é “simples e sua cultura pobre”.

Atesta que

ao contrário da maioria dos leitores, conheço os nuer e devo julgar meu trabalho com maior severidade do que eles, e posso afirmar que, se este livro revela muitas insuficiências, estou espantado que ele tenha chegado a surgir. Um homem deve

¹⁹⁸ Ibid., p. 211.

¹⁹⁹ EVANS-PRITCHARD, op. cit., 2013, p. 116.

²⁰⁰ Ibid., p. 120.

²⁰¹ EVANS-PRITCHARD, op. cit., 1939, p. 209.

²⁰² EVANS-PRITCHARD, op. cit., 2013, p. 21.

julgar suas obras pelos obstáculos que superou e as dificuldades que suportou, e, por tais padrões, não fico envergonhado dos resultados.²⁰³

E-P aparece aqui dotado de uma “modéstia calculada”,²⁰⁴ colocando-se como um aventureiro explorador, que se expõe a todo tipo de perigos e desconfortos em nome de um objetivo maior,²⁰⁵ estilo de descrição bastante semelhante ao do viajante típico do século XIX. O cálculo reside no fato de que E-P “esteve lá”, e seu leitor não, então somente ele pode descrever o estilo de vida nuer. Atesta sua autoridade ao lembrar a intimidade entre o investigador e seus objetos, com o fato de que os nuer o teriam obrigado a viver como um deles.²⁰⁶ Existe aqui uma contradição de E-P, apesar de assumir uma relativa diferença entre si e seu objeto, sempre acaba por procurar os tais elementos faltantes, como a exemplo da reclamação da impossibilidade de ter conversas privadas com informantes, como se esse tipo de situação fosse culturalmente natural em qualquer lugar.²⁰⁷ As dificuldades enfrentadas no trabalho de campo são traduzidas em uma rígida separação entre narrativa pessoal (sua introdução) e uma descrição impessoal (o restante do texto). E-P faz um esforço para esboçar uma imagem totalizante dos nuer, centrada no gado, mas é enfático, no começo e ao fim do livro, sobre as limitações de suas capacidades e de seu alcance.²⁰⁸

2.2. EVANS-PRITCHARD E A FORÇA DO CONVENCIMENTO: OS PRIVILÉGIOS DE UM HOMEM DO IMPÉRIO

O posicionamento do antropólogo em campo enquanto europeu, por si só, e de acordo com o *status* da academia britânica no momento, já possuía uma significação científica, faltando apenas atribuí-lo de uma justificação e legitimação formal, o que permitiria à antropologia se tornar a ciência capaz de analisar sociedades “remotas”, externas a suas fronteiras. O caminho escolhido pelos etnógrafos das décadas de 1920 e 1930, em contextos africanos foi, portanto, a análise e compreensão de sistemas políticos e sociais através de termos externos a eles, com a sua localização exterior – enquanto europeus – como uma condição para a produção do saber. E-P é exemplar deste caminho, pois via o antropólogo

²⁰³ Ibid., p. 15.

²⁰⁴ CLIFFORD e MARCUS, op. cit., p. 89.

²⁰⁵ Ibid., p. 39.

²⁰⁶ Ibid., p. 90.

²⁰⁷ Ibid., p. 41.

²⁰⁸ Idem.

como um *tradutor*.²⁰⁹ Em contraponto a este posicionamento, seria somente na década de 1960, com os processos de descolonização, que surgiria uma crítica epistemológica interna à produção científico-intelectual de autores africanistas. Somam-se a isto a estreita base política e intelectual traçada entre administradores e antropólogos, e o forte suporte institucional de grandes grupos capitalistas mundiais, tal qual o *Laura Spelman Rockefeller Memorial*, que será discutido nos capítulos seguintes, resultando na fórmula de um dos mais poderosos dispositivos discursivos já elaborados, ou seja, a etnografia do contexto colonial.

Através do estabelecimento de conexões entre autor e leitor, sejam elas sociais, culturais ou literárias, e profundamente institucionalizadas, o “teatro da linguagem” compartilhado pelos autores da antropologia britânica garantiu sua continuidade enquanto “escola”, de forma mais efetiva do que apenas um método em comum.²¹⁰ Dele compartilharam etnógrafos como E-P, Radcliffe-Brown, Fortes, Gluckman, Leach, Firth, Richards, Nadel, entre outros. A forma narrativa de E-P, em particular, construiu-se paulatinamente através de declarações assertivas, com pouco uso de questões interrogativas e condicionais.²¹¹ Seu poder persuasivo se dá através da linguagem unida a uma grande capacidade de construir representações visuais, com pouquíssima utilização de fotografias, característica típica de E-P, que apelava para gráficos, quadros de parentesco e esboços de mapas.²¹²

Este estilo leva a cabo o *being there* (estar lá) defendido por Malinowski como forma de convencimento. Ainda cabe lembrar que o trabalho de tradução feito por E-P não somente reforçava problemas de caráter “ocidental”, mas também procurava causar *impacto* nos leitores com a definição e determinação de categorias, efeitos ainda notados atualmente na leitura de suas obras.²¹³ Os maiores trabalhos de E-P têm como início a descoberta da ausência de algum elemento da “cultura ocidental” que estaria em falta na sociedade estudada. No decorrer do texto, e nas conclusões da obra, E-P estabelece relações entre este elemento faltante e um equivalente para aquela cultura, como por exemplo a causação moral para os zande, a lei e o controle pela violência ou o dogma religioso para os nuer.²¹⁴ Esse método de

²⁰⁹ PEIRANO, M. A favor da etnografia. In: **Anuário Antropológico**, 92. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1994, p. 206.

²¹⁰ GEERTZ, op. cit., p. 58.

²¹¹ Ibid., p. 60.

²¹² Ibid., p. 67.

²¹³ PEIRANO, op. cit., p. 207.

²¹⁴ GEERTZ, op. cit., p. 69.

elaboração discursiva conforma o que George Marcus e Dick Cushman chamaram *realismo etnográfico*.²¹⁵

Através da construção de discurso, *Bruxaria, oráculos e magia entre os azande* (1937) e *Os Nuer* (1940), suas maiores obras, emergiram a um lugar de destaque na antropologia social do século XX, como um modelo para a descrição e organização do texto etnográfico.²¹⁶ A força persuasiva que os textos alcançaram estava mais relacionada ao lugar do produtor, no caso, a hegemonia de narrativa da comunidade de E-P no momento de escrita, do que propriamente ao modo como as ideias estavam organizadas. As obras são exemplares de um poderoso modelo de persuasão, consolidando o valor heurístico da etnografia dentro e fora da antropologia.²¹⁷

Aqui, retomamos uma discussão a respeito da localização do imperialismo e do colonialismo que emerge especialmente após as lutas de emancipação do continente africano. É necessário lembrar que ele não é algo que aconteceu em “outro lugar”, como um ponto desagradável da história exterior à identidade ocidental. É importante pontuar que o imperialismo e a invenção da raça foram aspectos fundamentais para a modernidade industrial ocidental.²¹⁸ O argumento da domesticidade foi uma dimensão crucial na elaboração das identidades, tanto no âmbito do papel de gênero (identidades masculina e feminina), como no âmbito imperial e nas relações de poder e hierarquias dentro das colônias, indispensáveis para o fazer tanto do sistema capitalista como posteriormente da empresa colonial.²¹⁹

O homem branco, europeu e heterossexual é classificado como o representante máximo do império, sendo também o principal dirigente da política imperial. Entendemos as dinâmicas de gênero e sexualidade criadas com esse aparato como fundamentais para a manutenção da empresa colonial.²²⁰ Em vista disso, tudo aquilo que foge a esse padrão, imposto como o objetivo final de qualquer sociedade, é inserido automaticamente na categoria de marginalidade. Considerados ameaça, os marginais tornam-se passíveis de segregação e violência, empregadas pelo discurso colonial para garantir a manutenção do controle.²²¹ Assim como afirma McClintock

²¹⁵ Ibid., p. 22.

²¹⁶ STEIL E TONIOL, op. cit., p. 154.

²¹⁷ Ibid., p. 163.

²¹⁸ MCCLINTOCK, op. cit., p. 05.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Ibid., p. 06.

²²¹ Ibid., p. 25.

O homem imperial reinventou um momento de origem (masculina) puro, e o marcou visivelmente com um dos fetiches europeus: uma bandeira, um nome no mapa, uma pedra, ou mais tarde, quem sabe, com um monumento.²²²

Na Europa e nos Estados Unidos, a institucionalização da disciplina antropológica também significou uma especialização geográfica bastante limitada, cujo foco de análise passou a ser cada vez mais reduzido: um subcontinente, uma área cultural, uma única tribo. A consequência disso é que a especialização geográfica gerou também uma cegueira histórica.²²³ Quanto mais se produziam monografias dedicadas supostamente a grupos e culturas discretas, mais a etnografia enfatizava a cultura ou a estrutura às custas da história.²²⁴ Pensando nisso, nos cabe a análise a respeito da etnografia africanista em um momento no qual o império britânico já perdia sua força. A crítica à obra de E-P tem sido reforçada desde os anos de 1980, sendo mais comuns dois tipos de comentários à obra: i) a crítica à etnografia e às suas estratégias de elaboração de discurso e ii) a relação entre os dados etnográficos e os métodos analíticos.²²⁵ A segunda forma de discussão não nos interessa para o propósito deste trabalho, então focaremos no primeiro tipo de crítica. Aqui incluem-se também questões da discussão antropológica a respeito da racionalidade, e como o lugar das significações nativas e o problema do “pessoal” nas ciências sociais assumem uma posição problemática.²²⁶ A ideia é explorar de que modo as escolhas metodológicas estão associadas à forma como a ciência em si cria o conhecimento e organiza as ideias sobre pessoas e ações, problemas que se colocam diante da própria teoria antropológica, indo muito além de uma simples especulação filosófica. Esse debate se tornou axial na antropologia pós-colonial, colocando a importância da voz nativa como fonte para a descrição social.²²⁷

Fazemos coro ao argumento de Sharon Hutchinson a respeito da necessidade de rediscutir as monografias clássicas a fim de derrubar o caráter viricêntrico de sua elaboração.²²⁸ A esse movimento dá-se o nome *power shift* (virada no poder), do qual uma das consequências seria a releitura de casos etnográficos sob perspectivas que passaram a ser

²²² Ibid., p. 30. Do original: “...imperial men reinvent a moment of pure (male) origin and mark it visibly with one of Europe’s fetishes: a flag, a name on a map, a stone, or later perhaps, a monument”.

²²³ TROUILLOT, M-R. **Global transformations: Anthropology and the modern world**. New York: Palgrave MacMillan, 2003, p. 120.

²²⁴ Idem.

²²⁵ MCKINNON, S. Domestic Exceptions: Evans-Pritchard and the creation of Nuer patrilinearity. In: **Cultural Anthropology**, 15 (1), 2000, p. 35.

²²⁶ MILLS, M. The opposite of witchcraft: Evans-Pritchard and the problem of the Person. In: **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 19, 2013, p. 19.

²²⁷ Ibid., p. 20.

²²⁸ ROSA, op. cit., 2011, p. 341.

consideradas a partir da virada metodológica da antropologia pós-colonial.²²⁹ Consideramos essas questões ao pensar o fazer antropológico no contexto de E-P, especialmente se considerarmos as condições inerentemente contraditórias na construção de seu *realismo etnográfico*. Ao analisarmos essas contradições, procuramos pensar se o lugar declarado marginal ocupado por E-P no cenário intelectual realmente corresponde aos lugares ocupados por outros indivíduos e estudiosos também considerados marginais. A origem social de classe teve uma grande importância para a antropologia durante as primeiras décadas do século XX, sendo bastante circunstancial na formação das carreiras acadêmicas.²³⁰

Problemas relacionados ao gênero como dispositivo de poder acadêmico se mostram centrais na discussão, uma vez que o trabalho de campo realizado por mulheres acadêmicas era visto como “pesquisa feminina”, em oposição aos “dados que realmente importavam” das pesquisas dos homens.²³¹ E-P era contrário à presença de esposas no trabalho de campo,

não sei se é uma vantagem para o antropólogo ter sua esposa consigo no campo. Eles formariam uma pequena comunidade fechada, dificultando a ambos o aprendizado da língua e o processo geral de conversão que somente a necessidade de companhia e amizade pode forçar um homem a empreender. Contudo, suponho que um homem com a esposa no campo fique, pelo menos, melhor alimentado. De qualquer forma, como eu era solteiro quando fiz minhas pesquisas, esse não foi um problema para mim. Não consigo resistir contudo à observação de que o que arruinou nossas relações com os povos do Sudão meridional foram os automóveis e as esposas britânicas.²³²

Aconselhava ainda seus estudantes casados a não levar as esposas para o campo, embora em geral eles não seguissem o conselho. Por outro lado, mandou antropólogas mulheres para o campo na África – Eleanor MacHadden e Jean Buxton para o Sudão, e Mary Douglas para o Congo, além de apoiar Laura Bohannon a realizar sua pesquisa de campo entre os tiv acompanhada de seu marido.²³³

De acordo com o postulado por Tambascia,

Se considerarmos que o conhecimento antropológico não é neutro, tendo em vista as condições de sua produção, resta determinar de que forma as categorias sociais inscritas e constantemente redefinidas nos antropólogos e antropólogas em trabalho de campo iluminam as maneiras pelas quais os mesmos produziram ciência, como se relacionavam uns com os outros e galgavam os passos necessários para estabelecerem-se na academia.²³⁴

²²⁹ Ibid., p. 342.

²³⁰ TAMBASCIA, op. cit., p. 69.

²³¹ Ibid., p. 30.

²³² EVANS-PRITCHARD, op. cit., 2005, p. 250.

²³³ SCHUMAKER, L. **Africanizing Anthropology**. United States: Duke University Press, 2001, p. 291.

²³⁴ TAMBASCIA, op. cit., p. 35.

Tendo em vista essas questões, no quarto e último item deste capítulo exploraremos melhor as interseções já apontadas entre E-P e a *Sudan Notes and Records*, além de trazer novas colocações que ajudem a explicar nossos argumentos.

CAPÍTULO 3. O PASSADO DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O SUDÃO: RAÍZES HISTÓRICAS DE UMA DISCIPLINA E SUAS CONEXÕES COM O “PRESENTE ETNOGRÁFICO”

Em 1929 surgiu por parte da *Sudan Political Service* (SPS), agência responsável pela administração do Sudão anglo-egípcio, a ideia de contratar um antropólogo oficial para o governo anglo-egípcio, sob o argumento de que a antropologia seria uma “ciência de vital importância para o administrador europeu”.²³⁵ A defesa de Angus Gillian, sucessor de Harold MacMichael como governador-geral do Sudão, era a de que a pesquisa antropológica deveria estar relacionada às prioridades do governo, sendo aplicada ao contexto referido. No mesmo contexto, a historiadora Margery Perham passou a ministrar cursos para administradores coloniais e recrutas da SPS.²³⁶ A década de 1930 representou, de outra parte interessada, a ampliação dos fundos de pesquisas de instituições financeiras a pesquisas em contextos africanos: em 1932, o instituto *Rockefeller* concede financiamentos e pesquisa ao *International Anthropological Institute* (IAI); Nadel começa seus estudos a respeito dos nuba no Sudão em 1937; em 1938 Arkell passa o ano estudando com E-P e Radcliffe-Brown em Oxford.²³⁷ Estes são apenas alguns exemplos que ilustram o novo enfoque dado para a antropologia científica na África.

Entretanto, a dedicação de estudiosos de diferentes áreas em retratar a história do Sudão e dos povos sudaneses antecede em muito o contexto apontado. Neste capítulo, procuraremos refletir a respeito do histórico da produção de conhecimento a respeito do Sudão, além de entender a convergência entre desse elemento e a própria história da região. Nesse processo, entendemos como fundamental o papel da *Sudan Political Service* enquanto agência de administração política, além de fomentadora da possibilidade de pesquisas antropológicas no Sudão anglo-egípcio. A *Sudan Notes and Records* aparece nesse cenário como a transposição da possibilidade de pesquisas para a realidade concreta colonial.

A região que hoje pertence ao Sudão e ao Sudão do Sul foi ocupada por processos de imigração de povos nilotas por volta do século X e pelas migrações árabes, que começaram no século IX, atingindo seu máximo no século XIV.²³⁸ Com isso, houve uma imensa interação

²³⁵ BODDY, op. cit., p. 08.

²³⁶ Idem.

²³⁷ Ibid., p. 09.

²³⁸ IBRAHIM, H. O Sudão no século XIX. In: **História Geral da África: África do século XIX à década de 1880**, v. VI. Brasília: UNESCO, 2010, p. 411.

da cultura e religião muçulmanas com as sociedades cristãs sudanesas, que viriam a refletir imensamente nas questões políticas da região. No início do século XIX, conflitos locais deram abertura para a incursão de Muhammad Ali, então vice-rei do Egito, que procurava anexar o Sudão aos seus territórios. Esse período, iniciado em 1821 e conhecido como *Turkiyya*, foi responsável pela aceleração dos processos de urbanização e destribalização do Sudão,²³⁹ e colocou três dos principais territórios do Sudão sob controle desse governo turco-egípcio: os sultanatos de Funj, Darfur e a região sul.²⁴⁰

Durante os primeiros anos da *Turkiyya*, Muhammad Ali teria se aproximado – em diferentes aspectos, como no religioso e econômico, por exemplo – das formas de poder da França e de outras potências europeias, na tentativa de se igualar a eles e atingir uma autonomia inédita do Egito em relação aos impérios europeus.²⁴¹ Esse momento de dominação egípcia tentou rearranjar o Sudão e dar à região uma nova cara, vendo o Sudão como uma colônia dentro de um projeto mais amplo de ações imperiais tentadas pelo Egito, que seriam suprimidas mais adiante.²⁴² A intervenção turco-otomana modificou a sociedade sudanesa tradicional, suscitando descontentamento, mas por si só não conseguiu reverter ou reorganizar suas estruturas. A administração otomana minou aos poucos o prestígio dos seus dirigentes, especialmente ao incentivar o islã ortodoxo no Sudão. Este foi um dos principais fatores que incitaram grupos sudaneses a se revoltarem contra o governo a apoiar o *Mahdi* em derrubá-lo.²⁴³ Além disso, a *Turkiyya* implantou um sistema de impostos exploratório, que destruiu ou subordinou as antigas elites locais, e com o passar dos anos, gerou uma enorme ebulição social e revolta.²⁴⁴

Segundo Ibrahim,

A expansão dos imperialistas turcos desejosos de explorar os recursos sudaneses, assim como as inovações socioeconômicas e tecnológicas que eles tinham introduzido, abalaram profundamente a sociedade sudanesa tradicional e suscitaram muito descontentamento. Esta situação engendrou múltiplos levantes e revoltas [...]. No Sudão, como em outros lugares, o descontentamento não podia por si só criar uma situação revolucionária; seria necessário para isto ser acompanhado de uma ideologia revolucionária, de um exército revolucionário, e sobretudo ser dirigido por chefes revolucionários. Somente quando Mahdi trouxe estes elementos, em 1885, que os sudaneses se rebelaram em massa; a revolução madista pôs então um fim na *Turkiyya*, e deu lugar ao Sudão independente que foi imediatamente confrontado

²³⁹ MAMDANI, op. cit., p. 136.

²⁴⁰ Ibid., p. 08.

²⁴¹ SANTOS, P. T. **Fé, guerra e escravidão: uma história da conquista colonial do Sudão (1881-1898)**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013, p. 34.

²⁴² POWELL, E. apud. SANTOS, op. cit., p. 36.

²⁴³ IBRAHIM, op. cit., pp. 431-432.

²⁴⁴ Ibid., pp. 433-434.

com o surgimento do imperialismo britânico [...] No sul, todavia, os ataques para capturar escravos, as pilhagens e as rapinas continuavam sem descanso. [...] O que tinha sido uma estrutura de domínio socioeconômico, no vale do Nilo, tornou-se pouco a pouco uma estrutura de domínio racial que deu lugar a uma ideologia de resistência racial entre os africanos do Sudão Meridional.²⁴⁵

Guiadas por um homem considerado profeta, Muhammad Ahmad, conhecido popularmente como Al-Mahdi,²⁴⁶ as revoltas seguiam ideia da *jihad* muçulmana, que inspirava o movimento de resistência, espalhando-se pelas regiões norte e oeste do Sudão. A vitória do movimento mahdista sobre a *Turkiyya*, enquanto acontecimento político, é considerada emancipatória. No entanto, nos aspectos sociais, representou o recomeço de um período de repressão.²⁴⁷ Em 1881, inicia-se o período que ficou conhecido como *Mahdiyya*.²⁴⁸ Concordamos com Patricia Teixeira Santos a respeito da *Mahdiyya*, no sentido de que esse recorte representa um complexo cruzamento de universos histórico-culturais, e como um momento de articulação de diferentes realidades políticas.

Outro fator de considerável relevância foi a crescente entrada de estrangeiros no Sudão, principalmente europeus e americanos. Desde a conquista turca, o país passou a receber comerciantes, viajantes, missionários, consultores e funcionários do governo.²⁴⁹ Já nos anos que antecederam a *Mahdiyya*, estrangeiros passaram a cumprir funções administrativas no governo, o que viria a causar repercussões sobre a sociedade sudanesa. Distantes da população devido à língua, aos costumes e religião, criaram tensões com as massas. Por outro lado, as elites políticas sudanesas se ressentiam com o recrutamento de europeus para cargos para os quais costumeiramente não eram qualificados.²⁵⁰ A intenção declarada do *Mahdi*, então, passa a ser libertar o Sudão do domínio estrangeiro e cristão, encontrando apoio nas multidões ofendidas. O que havia sido uma estrutura de controle socioeconômico passaria a ser, pouco a pouco, uma estrutura de domínio racial que deu lugar a uma ideologia de resistência racial entre os africanos do Sudão Meridional.²⁵¹

²⁴⁵ Idem.

²⁴⁶ MAMDANI, op. cit., p. 137.

²⁴⁷ Ibid., p. 138.

²⁴⁸ Ibid., p. 09.

²⁴⁹ IBRAHIM, op. cit., p. 433.

²⁵⁰ Idem.

²⁵¹ Ibid., pp. 433-434.

3.1. O PROCESSO DE *RACIALIZAÇÃO* DURANTE O PERÍODO MAHDISTA (1881-1889)

Durante as décadas nas quais viveu a *Turkiyya*, a distinção através da categoria de raça passou a ser comum: os egípcios se referiam aos sudaneses como *abd* (que significa escravo/negro, ou núbio), iniciando um processo de diferenciação que segregava, produzindo um discurso de superioridade em relação ao “outro” construído.²⁵² As diferenças raciais baseavam-se na cor da pele, no comportamento sexual e nas atitudes religiosas. Esse processo de submissão, marcado pela diferenciação racial, cria também a submissão em relação ao trabalho, onde as populações não muçulmanas eram coagidas ao trabalho na lavoura de exportação, gerando nestas populações e lideranças locais um forte sentimento de descontentamento e revolta.²⁵³ É nesse contexto que se estabelece, em 1881, o *Mahdi* no Sudão. Estrategicamente, o mahdismo procurou criar alianças com os povos não-muçulmanos em torno de um inimigo comum, o domínio otomano-egípcio.

A estruturação do movimento mahdista, capitaneado por Muhammad Ahmad, criou um espaço de interação entre os povos sudaneses, fazendo convergir diferentes conflitos que, acompanhado da fragilidade do domínio otomano-egípcio, resultou em ações integradoras entre as diferentes populações, tornando os grupos étnicos fundamentais para os processos destacados.²⁵⁴ Os relatos dos missionários, assim como os dados etnográficos de Evans-Pritchard, que viam os “nativos” ora como “belicosos e não confiáveis”, ora como “atrevidos e guerreiros”,²⁵⁵ apontam para a ideia de que a empresa colonial não tinha certeza dos rumos para os quais seguia, assim como para a noção de que o domínio colonial não era inexorável. A importância destes grupos locais nos processos de resistência e de luta se mostrava ainda em outros casos, como por exemplo o papel dos nuer nas reações contra as *razias* otomano-egípcias, a proximidade maior dos povos dinkas com os missionários católicos, as redes de solidariedade que se estabelecia entre esses últimos contra outros povos, entre outras.²⁵⁶

Aqui, convergimos novamente com Santos ao apontar os estudos de Douglas Johnson, que afirma a necessidade de se redimensionar o papel dos líderes religiosos sudaneses, a fim de analisar como conseguiram possibilitar a inserção e a sobrevivência dos grupos nas três principais experiências políticas, religiosas e econômicas de controle sobre as populações: o

²⁵² SANTOS, op. cit., p. 39.

²⁵³ Idem.

²⁵⁴ Ibid., p. 77. Santos se refere às populações de origem *dinka*, *nuer*, *shilluk*, *niam niam*, *nuba* e *bari*.

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ Ibid., pp. 82-99.

domínio otomano, a *Mahdiyya* e o condomínio anglo-egípcio.²⁵⁷ É interessante pensar esses diálogos como uma forma de fugir à ideia generalizante de fundamentalismo, dando espaço às especificidades da região.²⁵⁸ Naquele cenário, as identidades étnicas e as relações de poder e de ocupação da terra ganharam diversas significações diante dos processos de interação, acomodação, sujeição e dos enquadramentos que foram realizados para a sobrevivência em contextos de grande interferência política como os aqui elencados.²⁵⁹ Ainda nesse sentido, as categorias reforçadas pelo condomínio anglo-egípcio podem ter como uma de suas primeiras manifestações as *zeribas*,²⁶⁰ que estabeleceram ou fortaleceram fronteiras entre diferentes povos do sul do Sudão, concorrendo amplamente com as missões cristãs que buscavam agrupar os grupos étnicos, principalmente os *dinka*, em torno do projeto civilizatório católico, que acabou por se desfazer devido à maior adesão desses povos à *Madiyya*, devido ao forte caráter da pregação que o *Mahdi* conseguiu estabelecer entre os povos não muçulmanos.²⁶¹

Parte dos grupos *nuer* e *nuba* recusavam o islamismo, uma vez que os *baggara*,²⁶² traficantes de escravos nômades, eram muçulmanos. De tal maneira, inicia-se um processo de consolidação de uma oposição, reforçada pelo missionarismo em sua prática cotidiana e em seus relatos: a de “povos negros” *versus* “povos islamizados”, levada adiante pelo condomínio anglo-egípcio e estendida até os dias atuais. Com o acesso às fontes missionárias, no final do século XIX, destaca-se o uso de “categorias como “bárbaro”, “ansar”, “negro”, “árabe”, “branco”, criando novas e singulares enunciações que marcaram o processo genealógico do racismo que as práticas normatizadoras da administração anglo-egípcia incorporaram e reforçaram a fim de construir uma ordem, através da gestão de uma hierarquia de distinções raciais baseadas em pressupostos biológicos, religiosos e “civilizacionais”.²⁶³ Cumprindo seu papel como mediadora desses processos, a igreja cria, dentro do espaço da educação, a possibilidade de hierarquizar as diferentes populações do Sudão nas categorias supracitadas –

²⁵⁷ Ibid., p. 84.

²⁵⁸ Mahmood Mamdani também se insere nessa discussão ao afirmar o erro das divisões coloniais, que categorizavam as populações sudanesas em grupos baseados na questão religiosa e de terra.

²⁵⁹ Ibid., pp. 87-88.

²⁶⁰ Idem. As *zeribas* eram fortificações utilizadas inicialmente para o estoque do marfim sudanês que seria levado para o Egito. Porém, com o aumento do tráfico de escravos, passaram a servir de local de pouso para os escravos, e com o rendimento desse negócio, os traficantes passaram a submeter as populações próximas aos impostos e ao trabalho nas *zeribas*.

²⁶¹ Ibid., p. 88. Santos destaca a relativa emergência das *zeribas*, as disputas regionais por mercado e poder e a deserção de soldados das tropas otomano-egípcias como fundamentais para uma maior adesão ao *Mahdi*, que conseguiu criar uma forma de organização social, a fim de suplantar os laços entre otomanos, egípcios e outros povos do Sudão.

²⁶² FLUEHR-LOBBAN, et. al., op. cit., p. 30. Os *baggara* são um grande grupo étnico sudanês de ascendência árabe, principalmente das regiões de Darfur e Kordofan. São essencialmente criadores de gado nômades.

²⁶³ SANTOS, op. cit., p. 303

às populações negras “não árabes” foram delegados os trabalhos manuais e agrícolas, e aos muçulmanos e cristãos do norte a integração na administração colonial, inserindo essa forma de controle na lógica do domínio colonial.²⁶⁴ A partir disso, pode-se pensar como essas categorias, estáticas e em grande parte pautadas em definições racistas, são utilizadas até hoje, para definir e “entender” as diferentes formas de relações políticas e sociais no Sudão e no Sudão do Sul. O processo de *racialização* passava a categorizar as populações no contraste estanque “árabes de pele clara violentando negros africanos”, resultando na criação de oposições entre “identidades tribais”.²⁶⁵

Dentro do contexto de transformações pelo qual passou o Sudão no período da *Mahdiyya*, sufis e cristãos europeus católicos conseguiram encontrar seu lugar em meio às disputas e interseções entre religião e economia no sul do Sudão.²⁶⁶ Essas interações se criavam de forma bastante porosa, permitindo movimentações e buscas de diferentes possibilidades, principalmente na negociação com o domínio otomano-egípcio.²⁶⁷ É necessário analisar o período do *Mahdi* como um momento que conseguiu congregar e estabelecer uma série de relações entre diferentes grupos, como traficantes, povos nômades, ordens sufis e grandes comerciantes do Sudão, levando à constituição de um Estado que produziu ele mesmo essas diferentes categorias de sujeitos. Isso possibilitou a integração de diversos elementos da experiência religiosa na política, ou seja, na criação de um estado islâmico que levou à produção de “novas concepções a respeito de fronteiras, do sagrado e da assimilação e reelaboração de experiências políticas e culturais europeias”.²⁶⁸

Apesar de sua imponente, o *Mahdi* não sobreviveu no governo por muito tempo: a batalha de Omdurman, em 1898, na qual um grande número de sudaneses perdeu a vida, marcou o fim do período mahdista.²⁶⁹ Em 1899, a resistência mahdista foi derrotada pelos britânicos, e os líderes do movimento, junto com seus governantes, foram executados ou aprisionados.²⁷⁰ No sul, houve grande resistência contra o estabelecimento do condomínio anglo-egípcio, principalmente dos povos nuer e azande. Os nuer, por exemplo, mantiveram forças de resistência armadas até os anos de 1920.²⁷¹

²⁶⁴ Ibid., passim.

²⁶⁵ MAMDANI, op. cit., p. 06.

²⁶⁶ SANTOS, op. cit., p. 297.

²⁶⁷ Idem.

²⁶⁸ Ibid., p. 299.

²⁶⁹ EYOH, D.; ZELEZA, P. *Encyclopedia of Twentieth-Century African History*. London: Routledge, 2003, p. 111.

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ Ibid., p. 112.

3.2. A *MAHDIYYA* E O MISSIONARISMO: AS SOMBRAS DO *MAHDI* E DO ACÚMULO RELIGIOSO DE CONHECIMENTO SOBRE O SUDÃO

A relação entre antropologia e missionarismo é antiga e tem sido foco de debate há décadas na história da antropologia. Especialmente depois daquilo que ficou conhecida como “revolução malinowskiana”, tal relação passou a ser marcada por tensões vindas de diferentes lados.²⁷² A partir das transformações a respeito do método etnográfico designadas a Malinowski, passou-se gradativamente a rejeitar a possibilidade de uma etnografia missionária, em favor de uma que, baseada no trabalho de campo, fosse “verdadeiramente científica”.²⁷³ Os estudantes de antropologia das escolas inglesas que foram para o trabalho de campo na década de 1920 estavam certos de que estavam contribuindo com um trabalho diferente, confiantes de que sua etnografia era mais segura e mais eficiente que aquelas feitas por viajantes, missionários e oficiais do governo que foram, paulatinamente, sendo colocados às margens da disciplina.²⁷⁴ Tomando o cuidado necessário para não marcar essas categorias com definições rígidas, lembramos que uma história do pensamento antropológico deve considerar a sensibilidade missionária, cujos relatos tornaram-se gradativamente mais volumosos a partir da segunda metade do século XIX.²⁷⁵

De acordo com Achille Mbembe, a ideologia da “missão civilizadora” que o cristianismo pregou em África, não se propunha a pensar o humano de maneira global, mas legitimar uma missão de imposição e reconhecimento do dito ocidente como centro universal do sentido, único capaz de elaborar discursos a respeito do humano e do divino.²⁷⁶ Para o autor, a incursão do cristianismo nas sociedades negras africanas inscreve-se numa lógica de conquista, apoiada na “antropologia do indígena”, transformado em objeto de maldição, capaz de alcançar a categoria de sujeito através do cristianismo e da submissão às tecnologias

²⁷² MACAGNO, L. Missionaries and the Ethnographic Imagination. Reflections on the Legacy of Henri-Alexandre Junod (1863-1934). In: **Social Sciences and Missions**, 22, 2009, p. 56. Para George Stocking Jr, a oposição entre o trabalho produzido por antropólogos profissionais e por missionários teria sido cunhada nos gabinetes de Malinowski, na Europa, e de Boas, nos Estados Unidos. STOCKING JR, G. **After Tylor: British Social Anthropology (1888-1951)**. United States: The University of Wisconsin Press, 1994, p. 20.

²⁷³ KUKLICK; STOCKING JR, op. cit., p. 05.

²⁷⁴ STOCKING JR, G. The ethnographic sensibility of the 1920s and the dualism of the anthropological tradition. In: STOCKING JR, G. **Romantic Motives: Essays on Anthropological sensibility**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1989, p. 209.

²⁷⁵ MACAGNO, op. cit., p. 57.

²⁷⁶ MBEMBE, A. **África insubmissa**. Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Angola: Edições Mulemba, 2013, p. 37.

coloniais de poder.²⁷⁷ Aponta ainda que, ao passo que permite a conservação e coleção de inúmeros objetos de cultura material que auxiliam na compreensão do passado de diferentes povos, a etnologia foi também responsável pela criação de um “fetichismo etnológico”, fascinado pelo material que recolhe.²⁷⁸

Pensando essas relações entre antropologia e missionarismo enquanto contingentes no cenário colonial, procuramos interpretar o caso específico do Sudão à luz das discussões sobre o papel da religião enquanto transformadoras da realidade colonial, sendo através do jugo pelo trabalho, seja pelo catecismo, entre outras formas de controle religioso. No Sudão, os missionários – especialmente italianos, organizaram-se diante de um tripé formado pelo apoio inglês, pelas colônias antiescravistas e pelo combate aos mahdistas, o que garantiu a inserção da igreja no processo colonial que se seguiria após o fim do período do *Mahdi*, além de contribuir para a expansão italiana à Etiópia.²⁷⁹

Ainda durante o período mahdista, observa-se que o apoio dos líderes religiosos catecúmenos ao *Mahdi* – conquistados pela oferta de terras e vantagens econômicas, além da obtenção de *status* social,²⁸⁰ fez com que os missionários cristãos passassem a perseguir tais líderes religiosos, tornados os maiores inimigos do cristianismo naquele contexto.²⁸¹ Os relatos missionários passam, então, a reforçar afastamento dos jovens e das famílias cristãs do “infecto ambiente islâmico”, dado que este “corrompia e esmorecia a força da perseverança obtida com ferrenha disciplina”.²⁸² Ao escrever a história do *Mahdi* e dos seus ansar, a igreja católica pôde estabelecer um “saber descritivo e contextualizador” dos povos sudaneses, reforçado pelo periódico missionário *Nigrizia*.²⁸³ O olhar dos missionários, embasado nas diferenciações que a *Mahdiyya* operava na vida cotidiana, e em um olhar racista próprio dos europeus,²⁸⁴ dão destaque a categorias como “bárbaro, ansar, negro, árabe, branco”, criando categorias que serão apropriadas pelo racismo das políticas de normatização da administração anglo-egípcia.²⁸⁵

No contexto do condomínio, a igreja cumpre um estratégico papel de mediação, sendo responsável pela elaboração de uma narrativa sobre o que teria sido a *Mahdiyya*, pois afinal

²⁷⁷ Ibid., p. 38.

²⁷⁸ Ibid., pp. 48-49.

²⁷⁹ SANTOS, op. cit., p. 255.

²⁸⁰ Ibid., p. 263.

²⁸¹ Ibid., pp. 263-264.

²⁸² Ibid., 266.

²⁸³ Ibid., p. 288.

²⁸⁴ Ibid., p. 301.

²⁸⁵ Ibid., pp. 301-303.

de contas era a única instituição “confiável” que presenciou o *Mahdi*. Isso possibilitou hierarquizar a inserção de diferentes populações na ordem colonial.²⁸⁶ A partir de 1899, o campo de ação do governo anglo-egípcio em conjunto com a atividade missionária, tem como ponto de partida a continuação e reelaboração de práticas disciplinares e de controle que operavam já no contexto mahdista.²⁸⁷ De acordo com Santos,

o discurso histórico embasado no “conflito de raças” que culmina no racismo é dotado, segundo Foucault, de um grande poder de circulação, de uma grande capacidade de metamorfose, de uma espécie de polivalência. Foi essa polivalência que permitiu aos missionários ordenar um mundo com uma grande diversidade cultural e social como era o Sudão após a *Mahdiyya* e a partir daí estabelecer a “administração daqueles povos” e o “governo daqueles mundos”.²⁸⁸

Cabe notar que foi através dos agentes que construíram o dia a dia do colonialismo – educadores, agentes, administradores, missionários. – e aqui incluímos os próprios antropólogos – que o racismo contribuiu para a afirmação da soberania do estado colonial anglo-egípcio.²⁸⁹ Santos ainda atesta que,

se durante a *Mahdiyya* as colônias antiescravistas de Gezirah, Helouan e Leão XIII foram importantíssimas para a constituição de espaços de contraponto e de instituição de disciplina que rivalizassem com o estado mahdista, na administração anglo-egípcia tornaram-se por sua vez possibilidades ímpares de estabelecimento de ações normativas que, baseadas no controle e no ordenamento de raças, aprofundaram os sentidos e distinções existentes do ser “negro”, “árabe” e posteriormente a categoria genérica e pouco precisa, pelo menos até a independência, nos anos 50, de “sudanês”.²⁹⁰

3.3. O SUDÃO COMO PEÇA DO *REPERTÓRIO IMPERIAL* BRITÂNICO

É com base no conceito de *repertório imperial* de Jane Burbank e Frederick Cooper que apontamos a especificidade do caso sudanês diante do aparato colonial britânico na África. Sabemos que a Inglaterra conformou o maior império do mundo no decorrer dos séculos de consolidação do capitalismo. Em 1860, sua extensão territorial espalhada pelo globo era de mais de 15 milhões de km², aumentando para quase 20,5 milhões de km² ao final

²⁸⁶ Ibid., p. 304. De acordo com Santos, a hierarquização da educação procurava preparar as populações negras e não árabes para os trabalhos manuais e agrícolas, e os muçulmanos e cristãos do norte para cargos na administração colonial.

²⁸⁷ Ibid., pp. 286-287.

²⁸⁸ Ibid., p. 290.

²⁸⁹ Ibid., p. 291.

²⁹⁰ Ibid., p. 292.

da primeira década do século XX.²⁹¹ A riqueza cada vez maior da Grã-Bretanha diante suas possessões também colocou à mesa um maior número de possibilidades político-administrativas: a do controle direto, ou a administração indireta, contando com as redes econômicas do capitalismo mundial para garantir sua influência e soberania.²⁹² Mas a variedade de possibilidades e a posse de territórios em diferentes partes do mundo impediu que o império britânico pudesse se transpor de maneira coerente até as diferentes realidades que enquadrava. Como bem apontam Burbank e Cooper, os diferentes colonizadores esperavam que os diferentes grupos de populações africanas ou asiáticas desempenhassem diferentes papéis: “o de trabalhador submetido, de cristão convertido, de chefe ‘tradicional’, de soldado conscrito e de lavrador forte”.²⁹³

As diferentes realidades colocadas sob jurisdição britânica claramente não poderiam dialogar de maneira tão coesa quanto esperava a administração das colônias: como veremos, a experiência histórica do caso indiano fora bastante diferente da do caso sudanês, que por sua vez não seria amplamente similar à relação britânica com os egípcios. Apesar disso, a linguagem britânica não se extinguiu com facilidade desses contextos, podendo ser vista ainda hoje sob diferentes formas. Na estrutura do império britânico, a Índia teve um papel importantíssimo, sendo o epicentro do império fora da Inglaterra: os tributos econômicos pagos pelo governo indiano acumularam uma enorme fortuna para os britânicos, o que possibilitou o financiamento da expansão do comércio com o dito oriente.²⁹⁴ Além do ópio, os ingleses comercializavam tecidos indianos com a Europa, África e com países da própria Ásia.²⁹⁵

No Egito, os otomanos já haviam contado com a ajuda dos ingleses ainda em fins do século XVIII para retomar a região das mãos dos franceses. No início do século XIX, o Egito era uma região dinâmica, sendo região estratégica das relações entre Europa e Ásia. A abertura do canal de Suez, em 1869, elevou as dívidas egípcias, tornando-se uma justificativa para a inserção de agentes britânicos no governo do Egito, em 1882, responsáveis pela transferência dos recursos para o pagamento da dívida.²⁹⁶ Embora tenha ocorrido de maneira informal, a incorporação do Egito ao império britânico foi bastante eficiente, e aumentou as

²⁹¹ FERGUSON, N. **Empire**: how Britain made the Modern World. United States: Penguin Books, 2004, p. 236.

²⁹² BURBANK, J.; COOPER, F. Repertorios imperiales y mitos del colonialismo moderno. In: **Imperios**: una nueva visión de la historia universal. Barcelona: Editorial Crítica, 2012, p. 292.

²⁹³ *Ibid.*, p. 394.

²⁹⁴ ERIKSEN, T.; WOLF, E. **Europe and the people without history**. California: University of California Press, 1982, p. 260.

²⁹⁵ *Idem.*

²⁹⁶ *Ibid.*, p. 413.

tensões entre egípcios e ingleses. A ocupação ficou restrita ao Egito até 1898, quando tropas lideradas pelos britânicos invadiram regiões do Sudão então liderado pelo Mahdi. A batalha de Omdurman consolidou a possessão do Sudão pelo império britânico, sendo vista por Ferguson como o zênite do imperialismo vitoriano tardio, como o apogeu da geração que passou a ver a dominação do mundo sob uma prerrogativa racial.²⁹⁷ De acordo com Eve Powell, essa relação colonial triangular – a que chamamos de condomínio anglo-egípcio – foi responsável pela formação de importantes ideologias de raça, de império e de nação, que seriam bastante relevantes para a história futura do Sudão, inclusive posteriormente a seu processo de independência.²⁹⁸

O Sudão encontrado por Evans-Pritchard no início de suas viagens de campo em muito se assemelha ao descrito, fazendo coro ao que Panikkar atesta ao afirmar que no início do século XX a Europa acreditava em sua supremacia e domínio no mundo, sendo sua intervenção uma espécie de “ordem divina”, na qual seria parte do destino do homem branco manter o Oriente sob sua submissão.²⁹⁹ Por outro lado, o período que corresponde à primeira guerra mundial representou também o declínio desses mesmos ideais imperialistas que o século XIX alimentou,³⁰⁰ tanto na Índia como em outras colônias, como o Sudão. Já entre as décadas de 1918 e 1938, período entreguerras, representa o declínio da autoridade inglesa na Índia,³⁰¹ o que contribuiria para o decréscimo gradual de sua soberania nas outras colônias, ao passo que a Índia era ao epicentro do império fora da Inglaterra.

3.4. *SUDAN POLITICAL SERVICE* E *SUDAN NOTES AND RECORDS* NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO COLONIAL: ENTRE INOVAÇÃO E APROPRIAÇÃO

A tarefa de analisar o imperialismo fica mais difícil sem entender os imperialistas em si mesmos. A *Sudan Political Service* foi muito importante no todo do império, pois contava com membros da elite da administração inglesa.³⁰² A partir do acordo do condomínio anglo-egípcio feito em 1899, o poder supremo civil e militar foi estabelecido no Sudão,

²⁹⁷ FERGUSON, op. cit., p. 266.

²⁹⁸ POWELL, E. **A different shade of colonialism**: Egypt, Great Britain and the mastery of Sudan. California: University of California Press, 2003, p. 05.

²⁹⁹ PANIKKAR, K. M. A guerra civil europeia e suas repercussões. In: **A dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1965, p. 09.

³⁰⁰ Ibid., p. 15.

³⁰¹ Ibid., p. 23.

teoricamente no controle daqueles dois países. De 1899 a 1956, o Sudão contou com oito governadores-gerais, e mais de 400 civis recrutados para serviço no país – sendo aproximadamente três quartos desse total, homens vindos do eixo *Oxbridge* de universidades.³⁰³ Para cada província, foi nomeado um governando, que era também seu comandante militar, tendo abaixo dele inspetores, que mais tarde passaram a ser chamados comissários de distrito.³⁰⁴

Na década de 1910, a questão sobre o treinamento antropológico de oficiais do governo do Sudão anglo-egípcio foi levantada pelo general Wingate, então governador-geral do país. Wingate esperava que as universidades inglesas concedessem “instrução em etnologia e religião primitivas” aos futuros funcionários do escritório colonial.³⁰⁵ No ano anterior, o governo do Sudão anglo-egípcio concedeu fundos de pesquisa aos Seligmans para a realização de trabalho etnográfico.³⁰⁶ Os anos de 1920 marcariam de forma mais profunda o aumento das possibilidades de pesquisa etnográfica em campo no Sudão. Evans-Pritchard é exemplar deste momento: no final de 1928 estava completando seu primeiro ano de estudo entre os *azande*, e escreveu a MacMichael informando-o a respeito de suas pretensões para o ano seguinte. Como resposta, recebeu a tensa suspeita de que o governo do Sudão anglo-egípcio via os *nuer* como um grande problema em um futuro imediato, e que E-P deveria considerar um estudo a respeito dos *nuer* como prioridade caso esperasse qualquer subsídio a suas pesquisas.³⁰⁷ EP via-se relutante em abandonar os estudos sobre os *azande*, mas no fim aceitou porque viu no pedido de MacMichael um favor pessoal a um amigo.³⁰⁸ Nos artigos publicados na *Sudan Notes and Records*, E-P dialoga com diferentes membros da *Sudan Political Service*, com seus artigos sendo complementados com notas dos próprios administradores, como Coriat, Corfield, e Alban, entre outros.³⁰⁹ Esse diálogo continua após 1935, e E-P incorporou essa experiência em seus últimos trabalhos.

Por outro lado, temos as preocupações político-administrativas de um novo governo, que era em muitos aspectos diferente do anterior. Os períodos correspondentes à *Türkiyya* e à

³⁰² COLLINS, R. The Sudan Political Service: A portrait of the “Imperialists”. In: **African Affairs**, v. 71, n. 284, 1972, p. 293.

³⁰³ Ibid., pp. 294-296.

³⁰⁴ Ibid., p. 295.

³⁰⁵ STOCKING JR, op. cit., 1994, p. 376.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ JOHNSON, D. Political intelligence, colonial ethnography, and analytical anthropology in the Sudan. In: GORDON, R.; TILLEY, H. **Ordering Africa: Anthropology, European imperialism, and the politics of knowledge**. Manchester: Manchester University Press, 2007. p. 232.

³⁰⁸ Idem.

³⁰⁹ Ibid., p. 240.

Mahdiyya haviam ficado marcados como *umm kwakiyya*, que significa “anos de miséria, queima e bandidagem”, pois estima-se que cerca de um terço da população do norte foi dizimada devido à violência política, fome e doenças.³¹⁰ Quando o *Mahdi* caiu, o objetivo do novo poder anglo-egípcio passou a ser remover qualquer indício do mahdismo da sociedade sudanesa, uma vez que ele era visto como mal “trans étnico”,³¹¹ mas nos resta investigar a custo de quê esse objetivo pôde ser concretizado. Após 1922, com a conquista de Darfur, último foco de resistência ao poder colonial, o poder anglo-egípcio passou a fragmentar as sociedades nativas em distintas etnicidades, “tribalizando” essas etnicidades, nas mãos de uma ou mais autoridades nativas, sancionando no Sudão a prática do *governo indireto*.³¹² Essa fragmentação pautava-se na ideia do *dividir para governar* (*divide and rule*):

o primeiro passo é mapear a população através de um censo, depois, conceder credibilidade a uma autoridade honorária, naturalizando-as, fazendo delas também um ponto de partida para a produção do passado (ao escrever a história) e as construtoras do futuro (através da força e da lei). No sudão, os administradores mapearam a população local através de duas grandes categorias: raça e tribo.³¹³

No condomínio anglo-egípcio, o papel de um administrador teve mais importância do que qualquer outro na produção de conhecimento sobre o Sudão: Harold MacMichael passou um total de 30 anos – de 1905 a 1934 na *Sudan Political Service*, transitando entre diferentes cargos nesse ínterim. Em 1922, coordena a realização de censo de natureza profundamente política, perceptível através do método utilizado para reunir os dados.³¹⁴ Começa com a categoria tribo – a cada pessoa foi perguntada a questão de com qual “tribo” se identifica, e a partir da resposta, a autoridade do censo classificava a tribo dentro de duas outras categorias: “grupos de tribos” e “raças”.³¹⁵ Os resultados dessa forma arbitrária de contagem populacional contam com os seguintes números: foram identificadas 450 “tribos”, classificadas em 57 “grupos de tribos”.³¹⁶

Para consolidar o controle no território do condomínio, sob os moldes do *governo indireto*, a administração britânica dividiu o Sudão em três categorias, a partir da imobilização do conceito de raça: i) “árabe”, ii) “sudanesa” (ou “ex-escrava”) e iii) “*fallata*” (“do leste africano”).³¹⁷ Durante o período inicial do governo anglo-egípcio, as políticas do escritório

³¹⁰ MAMDANI, op. cit., p. 142.

³¹¹ Ibid., p. 152.

³¹² Ibid., p. 153.

³¹³ Ibid., p. 146.

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ Idem.

³¹⁶ Ibid., p. 147.

³¹⁷ EYOH e ZELEZA, op. cit., p. 536.

colonial objetivavam sobrepor a turbulência que o século XIX havia representado. Nesse sentido, com base na ideia de “pacificação”, os projetos etnográficos e antropológicos começam a se estabelecer e contar com o apoio oficial.³¹⁸ O mapeamento então surgiu como uma estratégia administrativa para cumprir com esse objetivo, organizando a administração local de cada distrito com uma ampla base de dados de certa feita estáticos organizada pelos administradores, assumindo grupos étnicos como grupos fixos, e com base no direito consuetudinário,³¹⁹ sendo o trabalho de MacMichael ilustrativo desse movimento.

O governo colonial reteve muitas das instituições tradicionais sob a recém-configurada administração indireta ou nativa. A função primária desse administrador nativo era manter a lei e a ordem dentro do grupo identitário do qual fazia parte, e entre seu grupo e outros.³²⁰ Essa relativa autoridade dada a membros dos grupos étnicos serviu tanto para acomodar as tradições e a diversidade do país em moldes administrativos, como para manter o controle do todo através das lideranças locais.³²¹ Já a responsabilidade de “proteção da vida e da propriedade privada” era vista como uma função de o governo “moderno”, europeu, e ficava a cargo dos administradores britânicos.³²²

Em sua leitura a respeito das produções daquilo que chama etnografia colonial, Douglas Johnson lembra que o general Wingate foi responsável pela elaboração de um modelo de relatório de inteligência que os administradores e militares deveriam entregar para o escritório colonial.³²³ Os relatórios, publicados pelo *Sudan Intelligence Report* (SIR), cumpriu um importante papel durante os anos iniciais do condomínio: a maior parte do material era puramente administrativo: diários de patrulhas punitivas, relatórios a respeito de revoltas e motins, descrições dos turnos de inspeção, etc,³²⁴ mas também colaborou para a disseminação de informação etnográfica, uma vez que era o único material de circulação na colônia.³²⁵ Com o aparecimento da SNR, em 1918, administradores, educadores e missionários, além dos profissionais em etnografia, ganharam um veículo semioficial para

³¹⁸ JAMES, W. Strategic movement: a key theme in Sudan anthropology. In: ASSAL, M. ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015, p. 58.

³¹⁹ Ibid., p. 59.

³²⁰ ABDUL-JALIL, M. A. From native administration to native system: the reproduction of a colonial model of governance in post-independence Sudan. In: ASSAL, M. ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015, p. 227.

³²¹ AL-SHASI, A. Pluralism and governance in Sudan: reflections on the local and national perspectives. In: ASSAL, M. ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015, pp. 181-182.

³²² ABDUL-JALIL, op. cit., p. 227.

³²³ JOHNSON, op. cit., 2007, p. 309.

³²⁴ Ibid., p. 316.

³²⁵ Ibid., pp. 315-316.

registrar seus dados etnográficos, que à altura eram de diferentes formatos.³²⁶ Tal utilidade foi bastante relevante, levando a SNR a servir como modelo de inspiração para outras publicações coloniais na África, como o *Uganda Journal* ou o *Tanganyika Notes and Records*.³²⁷

De acordo com Johnson, o departamento de Educação do Sudão anglo-egípcio foi o primeiro a promover o conhecimento etnográfico, sendo seus membros, como Crowfoot, apoiador do *Wellcome Tropical Research Laboratories* (WTRL), além de responsáveis pela promoção de treinamento antropológico para estagiários da administração colonial na Inglaterra.³²⁸ Além disso, o primeiro comitê editorial da SNR era dominado pelo referido departamento, como pelo próprio Crowfoot e por Hillelson, além de membros da WTRL, além de outros departamentos do governo central, como a secretaria do serviço civil e os departamentos de abastecimento e inteligência.³²⁹ De início, alguns materiais foram enviados tanto para a SNR quanto para a SIR, como por exemplo a descrição do capitão Fergusson a respeito dos nuer do grupo nyong em 1921.³³⁰ Johnson procura ilustrar a forma com que um relatório altamente político poderia ser transformado em “etnografia” pela simples inclusão na SNR quando cita o artigo *The cult of deng* escrito por Willis, então governador da província do Alto Nilo. O artigo era originalmente um relatório político e militar, cujo propósito era a obtenção de poderes extraexecutivos, o que foi negado pela administração central. Considerado inutilizado para os fins iniciais, Willis publicou o relatório como um artigo de descrição etnográfica na SNR.³³¹

O vão entre antropologia e administração não pode ser considerado infinito, bem como não era muito pequeno. Os antropólogos poderiam ter um efeito educativo nos administradores, seja na tentativa de “humanizar” a política, seja na simples exposição do administrador ao estilo de escrita antropológica ou ao ensino em instituições especializadas.³³² Parte do contato entre antropólogos e administradores do Sudão teve lugar na SNR, sendo E-P importante nesse processo, direta ou indiretamente. Após a publicação das três partes de sua tese a respeito dos nuer na SNR, entre 1933 e 1935, houve uma mudança geral no tipo de material etnográfico publicado na SNR. Antes de *The Nuer*, os administradores não tinham

³²⁶ Ibid., p. 309.

³²⁷ Ibid., pp. 310-311.

³²⁸ Ibid., p. 312.

³²⁹ Ibid., p. 319.

³³⁰ Ibid., p. 320.

³³¹ Ibid., p. 321.

³³² Ibid., pp. 323.

um modelo acadêmico a ser seguido, passando a copiar a forma de E-P. Na década de 1940, os administradores passaram a escrever como os antropólogos, sobre temas como religião e parentesco.³³³ Passaram ainda a estudar de antropologia. Lewis e Howell, por exemplo, colaram grau no instituto de antropologia social Oxford, sob a supervisão de E-P. No entanto, o interesse pela formação profissional representa uma exceção na SPS, pois dos 350 civis recrutados para funções administrativas no Sudão no período de 1899 a 1952, somente cinco se tornaram antropólogos profissionais.³³⁴ Ainda nesse sentido, as transformações na escrita e no ensino da antropologia na Inglaterra tiveram impacto na influência na forma como os administradores escreviam sobre os povos sudaneses. Esse assunto será discutido no último capítulo.

³³³ Ibid., p. 324.

³³⁴ Idem.

CAPÍTULO 4. A ORGANIZAÇÃO DA “ANTROPOLOGIA BRITÂNICA”, A FORMAÇÃO DA FIGURA DO ANTROPÓLOGO E A CONSOLIDAÇÃO DA ANTROPOLOGIA COMO ÁREA FORMAL DO CONHECIMENTO

Partindo da relação discutida entre a antropologia e a elaboração de um saber colonial no período tratado, é necessária uma sustentação contextual dos campos acadêmicos em formação e consolidação pelos quais circulavam E-P e seus pares, a fim de entender os caminhos que os levaram a escolhas intelectuais e políticas em seus projetos. Pensamos o contexto da virada metodológica ocorrida nas primeiras décadas do século XX, cuja maior intensidade se deu a partir da década de 1920.³³⁵ Neste momento, a antropologia começou a se colocar como discurso científico na onda de novas disciplinas institucionalizadas, momento no qual ainda começam a se consolidar tradições nacionais e internacionais.³³⁶

De acordo com Talal Asad e George Stocking Jr., esse período evocou origens calcadas no iluminismo europeu, raízes estas que continuariam existindo em períodos posteriores dessa incipiente “tradição antropológica”. A fim de entender a importância da antropologia no momento de escrita de E-P e o contexto da virada metodológica, se torna imprescindível um breve retorno às correntes antropológicas europeias de fins do século XIX e início do XX. No período anterior a 1900, tanto na tradição britânica como nas outras tradições europeias, a antropologia foi realizada através de um pano de fundo essencialmente diacrônico, representado através de dois paradigmas: por um lado, o do desenvolvimento progressivo, resultado da crença na origem grega da civilização, expresso pelos evolucionistas do XIX; por outro, o difusionista, derivado da genealogia bíblica das nações, recuperado no século XIX como uma tradição “etnográfica”.³³⁷

Paralelamente a esse processo, ainda no século XIX, vê-se o contexto de expansão sistemática do colonialismo, acompanhada da consolidação do “racismo científico” como uma teoria social hegemônica. Até o início do século XX, os trabalhos antropológicos eram realizados por um variado corpo de profissionais, como linguistas, médicos, geógrafos, entre outros. Utilizavam-se de descrições e diários documentados por viajantes, missionários e administradores coloniais, interpretando-os como “fatos puros” à luz da teoria vigente.³³⁸ Não

³³⁵ ASAD, op. cit., p. 84. Além de Talal Asad, outros autores e autoras também sustentam a noção de virada tanto teórica quanto metodológica da antropologia nas primeiras décadas do século XX. Para mais a esse respeito, ver Kuklick, op. cit., 1983.

³³⁶ STOCKING JR., op. cit., 1989, p. 03.

³³⁷ STOCKING JR., op. cit., 1984, p. 136.

³³⁸ DOUGLAS, op. cit., pp.35-36.

se pensava, portanto, a possibilidade de um trabalho de campo sistemático. Em contrapartida, nas primeiras décadas do século XX, os antropólogos buscaram se distanciar do saber produzido por esses outros profissionais, na tentativa de legitimar o fazer antropológico através de seu método científico – o do “observador neutro e imparcial”.³³⁹

Esse período foi marcado pela ascensão de novas tradições antropológicas: o funcionalismo britânico, o estruturalismo francês e, posteriormente, o culturalismo americano.³⁴⁰ No que diz respeito aos círculos internos ao Reino Unido, a *London School of Economics* (LSE) tornou-se abrigo para estudantes que buscavam fugir da hegemonia antropológica das universidades de Oxford e Cambridge – o eixo *Oxbridge*,³⁴¹ ou para aqueles que de alguma forma não conseguiam se estabelecer no circuito conservador das duas universidades. Os anos de 1920 foram notadamente marcados pelo destaque da escola funcionalista, guiada por Malinowski e Radcliffe-Brown, que tiveram como discípulos representativos E-P e Meyer Fortes.³⁴² Outros nomes de destaque desse período são Audrey Richards, Lucy Mair, S. F. Nadel, Raymond Firth, Isaac Schapera e Max Gluckman.³⁴³

Desta forma, a profissionalização e especialização da disciplina antropológica abria espaço para a meritocracia do saber, em detrimento das posições aristocráticas. Como mencionado anteriormente, o marco da antropologia social britânica do século XX se deu através da escola funcionalista, e é impossível falar de E-P sem citar duas de suas grandes influências: Bronislaw Malinowski e Alfred Radcliffe-Brown. A inovação da proposta de Malinowski estava no estudo e pesquisa intensiva *in loco*, e na necessidade de adotar uma visão interna à cultura como ferramenta de legitimar a nova forma de abordagem das sociedades estudadas. Sua observação participante foi criticada pela geração futura de antropólogos, que a partir dos anos de 1930 ajustam o método em favor da teoria do funcionalismo estrutural de Radcliffe-Brown.³⁴⁴

Independentemente das críticas, o método malinowskiano acabou por cunhar a tradição de campo. Já a preocupação com questões históricas teria começado com Radcliffe-

³³⁹ TAMBASCIA, op. cit., p. 29.

³⁴⁰ FABIAN, op. cit., p. 20.

³⁴¹ TAMBASCIA, op. cit., p. 66.

³⁴² KUKLICK, op. cit., p. 69.

³⁴³ TAMBASCIA, op. cit., p. 68-70. Christiano Tambascia contrapõe os círculos formados por *Oxbridge*, por um lado, e Londres, por outro, apontando a marginalidade das figuras componentes do último: estrangeiros, mulheres, socialistas, profissionais vindos de classes mais baixas – que não teriam espaço no circuito conservador da primeira, para o qual a origem social ainda era determinante da posição acadêmica, fruto de uma tradição aristocrática da antropologia do XIX.

³⁴⁴ *Ibid.*, p. 53.

Brown e seu estudo a respeito das linhagens segmentárias, reorientando a corrente antropológica britânica,³⁴⁵ e provendo um importante arcabouço teórico para a tradição da disciplina no Reino Unido.³⁴⁶ A versão do estruturalismo funcional de E-P se realiza através de um processo sincrético dessas características: une a teoria do contato cultural de Malinowski (trabalho de campo) à investigação de problemas sociológicos sincrônicos de orientação histórica (teoria) de Radcliffe-Brown.³⁴⁷ Entretanto, é importante ressaltar que este processo não ocorreu de maneira orgânica, e E-P teceu críticas e ponderações significativas a respeito do trabalho desses dois marcos da antropologia. Questões vinculadas ao mérito do especialista na obtenção de prestígio acadêmico e posições de respeito nos círculos intelectuais britânicos levantam outras questões fundamentais para o entendimento da etnografia africanista britânica do período analisado. A formação de grupos em torno de figuras específicas aponta para o conceito de *doxa*, explorado por Lygia Sigaud, no qual se produz uma hegemonia de obras “legítimas” de determinados autores, gerando cânones representativos, “escolas”, conceitos quase que atemporais e institutos especializados.³⁴⁸

Na cronologia linear criada para a história da antropologia, a figura do novo antropólogo aparece, no final do século XIX, como substituto do primeiro arquétipo, aquele do etnógrafo amador, materializado nas figuras do viajante, do missionário e do administrador colonial.³⁴⁹ Este segundo arquétipo, o do “antropólogo de gabinete”, ficaria marcado pela geração dos assim conhecidos evolucionistas Edward Tylor e James Frazer, e dariam início a uma “tradição antropológica britânica”.³⁵⁰ Esse “modelo” de antropologia serviria como base crítica para os primeiros antropólogos de campo, que transformariam tanto a metodologia como a teoria de acordo com os contextos e objetos de estudo.

³⁴⁵ STOCKING JR., op. cit., 1984, p. 134.

³⁴⁶ Ibid., p. 156.

³⁴⁷ Ibid., p. 138.

³⁴⁸ SIGAUD apud. TAMBASCIA, op. cit., pp. 50-51.

³⁴⁹ STOCKING JR., op. cit., 1989, p. 208.

³⁵⁰ Ibid., p. 209. George Stocking Jr. chama atenção para uma descrição que aparece, em 1870, na *Notes and Queries* do que orientaria a atividade do referido antropólogo de gabinete: “para promover a observação antropológica precisa por parte dos viajantes, e para permitir que aqueles que não sejam antropólogos obtenham a informação necessária para o estudo científico da antropologia de suas casas.” STOCKING JR., op. cit., 1983, pp. 71-72.

4.1. A ESTRUTURAÇÃO DA “ANTROPOLOGIA BRITÂNICA” NAS DÉCADAS DE 1910 E 1920 E A AUTORIDADE DO *ANTROPÓLOGO-ETNÓGRAFO*

A visão antropológica anterior aos anos 1900 era guiada a partir de um pano de fundo essencialmente diacrônico, tanto entre os estudiosos britânicos como em outros grupos da Europa.³⁵¹ Essa visão pode ser vista como a alternância entre dois fenômenos: o paradigma do desenvolvimento progressivo, que coloca as origens especulativas da civilização humana na Grécia, expressado especialmente pelos humanistas do século XVI, pelos progressistas do XVIII e pelos evolucionistas do XIX;³⁵² e por outro lado o paradigma derivado das hipóteses bíblicas sobre a genealogia das nações, a qual foi expressa na cristandade medieval europeia e no XVII, recuperada no século XIX como uma tradição “etnográfica”.³⁵³ Partido dessa ideia, lembramos do argumento de Jean Copans, que afirma que o período anterior a 1860 diz respeito ao momento a que autor chama “descoberta da África” pela antropologia, através do “exotismo” das viagens e das aventuras, percebendo o continente africano através da literatura, da filosofia e das narrativas de viagem, por exemplo.³⁵⁴

No período que transpassa os anos de 1860 a 1920, correspondente ao momento de dominação colonial, o uso da teoria evolucionista e passa pela possibilidade de desenvolvimento de etnografias a respeito da África. Já no decorrer da década de 1920, especialmente com a criação do *International African Institute*, fundado em 1926, há uma consolidação dos novos temas de pesquisa, das formas de pesquisar e dos conceitos utilizados.³⁵⁵ Faz-se valer o interesse em problemas “concretos” da ordem política, econômica ou social, daí o desenvolvimento de institutos, universidades e grupos de pesquisa, como o RLI por exemplo.³⁵⁶

A exigência do trabalho de campo foi a principal motivadora para a inflexão ocorrida nos estudos antropológicos nas primeiras décadas do século XX. Uma expedição organizada por Alfred Haddon, realizada pela universidade de Cambridge, ainda no ano de 1889, para o estreito de Torres, na Austrália, contou com estudiosos como William Rivers, Mayer e o futuro tutor de E-P, Charles Seligman.³⁵⁷ Como visto, Seligman teria papel central não

³⁵¹ STOCKING JR., op. cit., 1984, p. 136.

³⁵² Idem.

³⁵³ Idem.

³⁵⁴ COPANS, op. cit., p. 24.

³⁵⁵ Ibid., pp. 94-95.

³⁵⁶ Ibid., p. 95.

³⁵⁷ KUPER, op. cit., 1978, p. 16.

somente no contato inicial de E-P com o método etnográfico, mas também para toda a geração de antropólogos da década de 1920. Seligman fora precursor na orientação de monografias baseadas no trabalho intensivo de campo na Melanésia, assim como inaugurando os estudos de campo no Sudão, inflexionando o *loci* de análise para contextos africanos.³⁵⁸

O período anterior à segunda guerra mundial pode ser analisado de maneira esquemática no que diz respeito à antropologia, uma vez que o círculo intelectual dedicado à disciplina no período era particularmente restrito.³⁵⁹ A década de 1920 foi marcada pelo desafio à abordagem histórica clássica, e pela aceitação da pesquisa de campo intensiva, como as bases da carreira do novo *antropólogo-etnógrafo*.³⁶⁰ Assim sendo, no que diz respeito à espécie de mitologia da antropologia, o momento definidor do antropólogo de campo é, no decorrer da década de 1920, para alguns autores, visível através de uma miscelânea de alguns estudiosos: Malinowski, Rivers, Boas, Cushing, Maclay.³⁶¹ No entanto, o que aqui nos interessa é perceber de que modo essas alterações no que colocaremos como sendo uma linha do tempo da antropologia alteram ou influenciam nas formas de análise e percepção de seus objetos de estudo. Stocking Jr. chama atenção para o fato de que o trabalho de Malinowski em *Os Argonautas do Pacífico* ofereceu a imagem de um antropólogo que procura, nas sociedades estudadas, um conhecimento “exótico/exotérico” de valor para seus estudos.³⁶² Essa é uma informação de importante valor para nossa análise, uma vez que aponta para a especialização acadêmica do antropólogo em pesquisa de campo, que passou a ser incentivada e apoiada financeiramente por grupos filantrópicos no período posterior à primeira guerra mundial.³⁶³

Aqui fazemos consonância com a perspectiva de Martin Bulmer, que afirma que durante esse período não é possível falar de centros de pesquisa consolidados no caso britânico, mas que o equivalente mais próximo a uma “escola” seria o grupo de estudantes de antropologia de Malinowski na LSE.³⁶⁴ Portanto, relacionamos a essa incipiente e cada vez mais forte especialização o início de um olhar interessado por parte dos institutos de financiamento de pesquisas, como o da Fundação Rockefeller, que subsidiou, além de estudos

³⁵⁸ STEIL e TONOL, op. cit., p. 155.

³⁵⁹ KUPER, op. cit., 1978, p. 82.

³⁶⁰ Ibid., p. 83.

³⁶¹ STOCKING JR, op. cit., 1989, p. 209.

³⁶² Idem.

³⁶³ Idem.

³⁶⁴ BULMER, M. *Essays on the history of british sociological research*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 08.

dos oceanistas vinculados a Radcliffe-Brown, pesquisas de estudiosos africanistas do grupo de Malinowski, como veremos adiante.³⁶⁵

Este contexto caracteriza o período que se convencionou chamar nos estudos da área “período clássico da antropologia britânica moderna”, representado pela imersão de especialistas no trabalho de campo, mais forte a partir da segunda metade dos anos de 1920. Esse processo se deveu principalmente à consolidação de centros de estudo em antropologia, e no que diz respeito à Inglaterra, do eixo *Oxbridge* e da LSE, especialmente.³⁶⁶ Neste momento, a antropologia começa a se estabelecer gradualmente nas universidades mais antigas, obtendo reconhecimento sem muito custo. Para Martin Bulmer, isso se deveu ao fato de que os antropólogos estavam ligados às elites nacionais e mais próximos ao sistema de valores central da sociedade britânica, o que justifica, por exemplo, a criação de um Instituto Real de Antropologia.³⁶⁷ As principais características desse período estão na crítica ao evolucionismo social e ao difusionismo histórico anteriores,³⁶⁸ na valorização do campo como constituinte do conhecimento antropológico e do antropólogo como figura privilegiada na construção deste conhecimento.³⁶⁹ A especialização e a consolidação de centros e grupos de estudo vai dar espaço ao que Stocking Jr caracteriza como *my people syndrome* (síndrome de “meu povo”), ou seja, o reforço de uma territorialidade regrada pelo grupo do qual se faz parte ou da sociedade que se estuda.³⁷⁰ Como veremos, esse argumento vai pautar boa parte da produção de monografias antropológicas, e o caso de E-P não é diferente.

As personagens centrais para a consolidação do que chamamos aqui de período clássico da antropologia moderna – sendo a virada metodológica sua base, são as figuras de Radcliffe-Brown e Malinowski. Os dois haviam sido contemporâneos, na década de 1910, na LSE, aproximando-se um do outro no que diz respeito à epistemologia e metodologia. Buscavam alcançar uma maior cientificidade no trabalho de campo. Malinowski procurou respeitar aquilo que considerava fundamental: o “estar lá” (*being there*), enquanto Radcliffe-Brown mantinha uma relação de maior distanciamento e de certa superioridade em relação aos seus objetos de estudo.³⁷¹ Ainda,

³⁶⁵ BARTH, F. The golden age (1945-1970). In: _____. op. cit., 2005, p. 39.

³⁶⁶ STOCKING JR, op. cit., 1989, p. 209.

³⁶⁷ BULMER, op. cit., 1985, pp. 12-13.

³⁶⁸ O difusionismo histórico é um modelo derivado da paleontologia, que se baseava na crença de que traços físicos e comportamentais estariam correlacionados, e definiriam a perpetuação da cultura de uma geração à outra como um processo biológico. KUKLICK, H., op. cit., p. 66.

³⁶⁹ STOCKING JR, op. cit., 1989, p. 210.

³⁷⁰ Ibid., p. 211.

³⁷¹ PEREIRA, op. cit., p. 96.

os dois antropólogos dividem o mesmo patamar de cânones da moderna antropologia, [...] além disso, os dois são lembrados por terem rompido com a maneira clássica de tratar os sistemas sociais, colaborando para consolidar a escola funcionalista no campo da Antropologia, influenciados de forma marcante pelas ideias de Émile Durkheim.³⁷²

Deste modo, os dois antropólogos assumem, junto com Boas e Mauss, o lugar de “pais da antropologia moderna”,³⁷³ sendo responsáveis nesse caso específico por uma renovação do que se firmaria como a tradição britânica.³⁷⁴ Para além disso, a “escola” fundada por essa transformação do período expandiu sua influência por toda a Europa e para fora dela.³⁷⁵ Malinowski estabeleceu, pela primeira vez, o trabalho de campo de forma intensiva, fazendo com que um grande número de estudantes que almejavam realizar trabalhos etnográficos com base em dados coletados em campo fossem à sua procura para estágios de aprendizado.³⁷⁶

Os seminários de Malinowski eram frequentados especialmente pelos próprios membros do corpo docente da LSE, além de administradores e missionários vindos das colônias, e alguns estudantes estrangeiros.³⁷⁷ O período de “estágio” destes estudantes foi marcado pela transferência dos temas de estudo do Pacífico para a África e suas instituições políticas, vistas aos olhos dos estudiosos como dotadas de grande complexidade. O trabalho de campo passa a ser central para a abordagem antropológica, focando-se na observação participante, que se tornaria elemento medular da antropologia social britânica.³⁷⁸

Durante a década de 1930, o funcionalismo representado por Malinowski e seus estudantes começa a perder força, destacando-se o funcionalismo estrutural guiado por Radcliffe-Brown.³⁷⁹ Por isso, Oxford começava a ganhar visibilidade, deslocando o centro da produção antropológica da LSE para si. Seguindo a tendência geral da antropologia britânica, E-P se aproxima de Radcliffe-Brown, afastando-se de Malinowski.³⁸⁰ Após seu segundo momento de incursão em campo, transfere seus estudos para o instituto de antropologia social da universidade de Oxford, criado por Radcliffe-Brown.³⁸¹

³⁷² Ibid., p. 97.

³⁷³ ERIKSEN, T; NIELSEN, F. Four founding fathers. In: _____. **A history of anthropology**. London: Pluto Press, 2001, passim.

³⁷⁴ MAGNANI, op. cit., p. 110.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ KUPER, 1973, apud. MAGNANI, op.cit., 2015, p. 110.

³⁷⁷ Ibid., p. 87.

³⁷⁸ Ibid., p. 90.

³⁷⁹ STEIL e TONIOL, op. cit., p. 156.

³⁸⁰ Idem.

³⁸¹ Idem.

A preocupação da antropologia com questões históricas teria começado com o funcionalismo de Radcliffe-Brown em seus estudos de linhagens segmentárias.³⁸² Esse pensamento tem prognósticos de origem distintos: nos aponta a influência dos trabalhos de Durkheim, assim como a ideia de que Radcliffe-Brown teria se voltado às questões históricas em oposição a Rivers,³⁸³ já durante a década de 1910, ainda que fosse relutante em ver seu ponto de vista como um fenômeno histórico.³⁸⁴ Deste modo, o trabalho de Radcliffe-Brown é importante devido ao fato de ter sido o primeiro antropólogo a romper de fato com os paradigmas diacrônicos discutidos anteriormente, reorientando a corrente antropológica britânica a problemas sincrônicos.³⁸⁵

A partir disso, Radcliffe-Brown passa a se preocupar com elementos como o totemismo e a exogamia,³⁸⁶ contribuindo para o corpo teórico da antropologia britânica. Para Radcliffe-Brown, a noção de estrutura em forma de sistema tinha valor central na análise social. Ao mesmo tempo, fixava-se a ideia de Malinowski de que era necessária uma análise da ação do grupo em termos individuais.³⁸⁷ Isso em mente, podemos pensar a “escolha” de E-P dos nuer como objeto de estudo, por exemplo, como uma população de interesse etnológico. Tal escolha marca a antropologia daquele contexto, uma vez que com os estudos na África os antropólogos deixam de se dedicar a grupos “isolados”, “primitivos”, voltando-se a “sociedades em transição”, diretamente interpeladas pela ação colonial.³⁸⁸

Stocking Jr. nos exprime a perspectiva de George Murdock, que atribui ao funcionalismo a negligência com a história e os processos de mudanças das sociedades no tempo, somada a uma indiferença à psicologia, o que teria levado a um fracionamento inconsistente dentro da própria teoria funcional, uma vez que para ele estes antropólogos tentavam encontrar leis gerais válidas através de uma amostra muito pequena e não-aleatória.³⁸⁹ Isso teria gerado problemas metodológicos e incapacitado a validação

³⁸² STOCKING JR, op. cit., 1984, p. 134.

³⁸³ Radcliffe-Brown havia sido o primeiro aluno de William Rivers no treinamento na área de antropologia. Formado em Medicina, Rivers mudou para a área da psicologia no início dos anos de 1890, lecionando psicologia fisiológica e experimental em Cambridge. Foi a partir daí e de sua familiaridade com o trabalho de Francis Galton e de seu “método genealógico” que Rivers iniciou seu contato com a ideia da antropologia, uma vez que tinha a intenção de aplicar seus “novos experimentos psicológicos” em “populações primitivas”. STOCKING JR, op. cit., 1984, p. 138.

³⁸⁴ Ibid., pp. 134-135.

³⁸⁵ Ibid., p. 137.

³⁸⁶ Ibid., p. 145.

³⁸⁷ Ibid., pp. 156-157.

³⁸⁸ STEIL e TONIOL, op. cit., p. 156.

³⁸⁹ STOCKING JR., op. cit., 1984, p. 131.

transcultural de suas ideias, causando outros problemas como a abstração e a possibilidade de variação em relação aos dados encontrados.³⁹⁰

4.2. A CONSOLIDAÇÃO DA DISCIPLINA ANTROPOLÓGICA COMO ÁREA FORMAL DO CONHECIMENTO

A virada metodológica dos últimos anos da década de 1920 e principalmente no decorrer da década de 1930 proveu uma grande e nova abrangência de temas de trabalhos etnográficos, tais como trabalho, economia, religião, parentesco e família, ritual, contato cultural e mudança, crença e cosmologia. As novas problemáticas de pesquisa sofreram forte influência de Durkheim, ao se preocuparem com as instituições sociais no “aqui e agora”, e não em sua reconstituição histórica.³⁹¹ Destacam-se antropólogos, antropólogas e trabalhos como Audrey Richards e seu *Hunger and work in a savage tribe* [*Alimentação e trabalho em uma tribo selvagem*, 1932]; R. F. Fortune e o trabalho *Manus Religion* [*A religião dos manu*, 1935]; Raymond Firth com *We the Tikopia* [*Nós, os tikopia*, 1936]; Gregory Bateson e *Naven* [*Naven: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas da cultura de uma tribo da Nova Guiné*, 1936]; Monica Hunter e o livro *Reaction to conquest* [*Reação à conquista*, 1936]; e Evans-Pritchard com *Witchcraft, oracles, and magic among the azande* [*Bruxaria, oráculos e magia entre os azande*, 1937].³⁹²

Neste período, o corpo teórico dos evolucionistas já deixara de responder às perguntas da antropologia, uma vez que sua tese não dava conta dos novos objetos e novas temáticas, sendo então relegados a um passado superado da disciplina.³⁹³ Dois eventos ocorridos ainda na década de 1920 são cruciais para o entendimento da inflexão no escopo de estudos da antropologia do período. Em primeiro lugar a fundação do *International Institute of African Languages and Cultures* (IILC), em 1926, inicialmente dominado pelas sociedades missionárias, ligado à linguística e à tradução da bíblia para fins educacionais.³⁹⁴ Em um segundo momento, a partir da afirmação de Malinowski em um artigo publicado em 1929, de que a antropologia deveria se voltar aos “nativos em transformação”,³⁹⁵ o professor recebe o

³⁹⁰ MURDOCK apud. STOCKING JR., op. cit., 1984, p. 133.

³⁹¹ KUPER, op. cit., 2005, p. 48.

³⁹² BARTH, op. cit., 2005, p. 39.

³⁹³ Idem.

³⁹⁴ KUPER, op. cit., 2005, p. 52.

³⁹⁵ Idem. Se trata do artigo intitulado *Practical Anthropology*, publicado pelo periódico *Africa*.

apoio do então diretor do IIALC, J. H. Oldham, conseguindo fundos do *Laura Spelman Rockefeller Memorial* (LSRM) para seus estudantes na LSE.³⁹⁶

Em 1937, Malinowski, até então figura centralizadora da pesquisa de campo e das maiores etnografias produzidas, se muda para os Estados Unidos, transferindo as atenções para Radcliffe Brown – que assume a cadeira de antropologia em Oxford, e seu grupo.³⁹⁷ Alguns autores apontam que a publicação de *African Political Systems* [*Sistemas políticos africanos*], de Evans-Pritchard e Meyer Fortes, em 1940, dá um passo para a remodelação da antropologia britânica sob os eixos do funcionalismo de Radcliffe-Brown,³⁹⁸ assumindo características fortemente marcadas pela comparação e sistematização, o que viria a influenciar de maneira efetiva o trabalho de Evans-Pritchard.³⁹⁹

A década de 1940 acompanha a renovação dos quadros acadêmicos que estavam à frente das disciplinas em cada instituto: Raymond Firth assume a cadeira de antropologia da LSE em 1944, Evans-Pritchard a de Oxford em 1946, Max Gluckman a de Manchester em 1949 e Meyer Fortes a de Cambridge em 1950.⁴⁰⁰ Essas mudanças consolidaram uma preferência que acompanhava a antropologia desde fins dos anos de 1920: a predileção pelo estudo de sociedades “acéfalas”, sem um estado organizado tal qual o modelo britânico, e a consequente glorificação de seus modos de vida. Outro apontamento fundamental diz respeito ao fato de que essas sociedades eram mais comumente alheias à autoridade do colonial – o aparelho do governo não conseguia, pelo motivo que fosse, chegar a essas regiões – e portanto inexplorada pela pesquisa antropológica, funcionando como uma mina de ouro para o *status* e satisfação pessoais dos estudiosos em questão.⁴⁰¹ É este o caso do estudo de E-P a respeito dos nuer, por exemplo.

Quando Radcliffe-Brown volta dos Estados Unidos, em 1937, Malinowski encontrava-se relativamente isolado, e a dependência criada pelo mercado da grande depressão estava deixando de existir.⁴⁰² De tal forma, os financiamentos a Malinowski foram restritos, e já em 1938 o trabalho antropológico fora de sua órbita institucional começava a aumentar, especialmente com a fundação do RLI, e uma pequena expansão do trabalho antropológico

³⁹⁶ Idem.

³⁹⁷ PEREIRA, op. cit., p. 95.

³⁹⁸ Além de Fredrik Barth e colegas, Henrika Kuklick também afirma que *African Political Systems* sumariza a antropologia britânica do período, e colabora para a consolidação de um modelo antropológico que viria a ter espaço durante todo século XX. KUKLICK, op. cit., p. 71; BARTH, op. cit., p. 30.

³⁹⁹ BARTH, op. cit., 2005, p. 41.

⁴⁰⁰ Ibid., p. 43.

⁴⁰¹ KUKLICK, op. cit., p. 71.

⁴⁰² STOCKING JR., op. cit., 1984, p. 177.

nas universidades britânicas e coloniais.⁴⁰³ Com o início da segunda guerra mundial, os antropólogos mais jovens receberam atribuições em assuntos ligados ao conflito, e ao seu fim, Radcliffe-Brown aposentou-se. E-P, como seu sucessor imediato, complementa neste momento sua alçada ao cânone da antropologia britânica. De acordo com Stocking Jr., a publicação de *African Political Systems* sumariza a abordagem dessa nova era da antropologia, representando as sociedades que estudam como a realização de um ideal cultural.⁴⁰⁴

No período que segue, os três principais departamentos de antropologia fora de Londres estavam todos solidamente dominados pelos pontos de vista de seus professores. Em Oxford, E-P abandonara muito da teoria de Radcliffe-Brown, e aproximava-se cada vez mais de uma posição que Kuper chama historicista. De acordo com seu próprio entendimento, seu papel consistia na tradução de valores culturais para a linguagem da cultura do antropólogo – atividade que considerava “essencialmente mais humanista do que científica”.⁴⁰⁵ A perspectiva histórica acabou tomando conta da escola de Oxford e, resgatando *L'Année Sociologique*, acabou por desenvolver uma posição idealista, fato que Kuper relaciona à inusitada informação de que muitos professores de Antropologia de Oxford tenham se convertido ao catolicismo nesse mesmo período, incluindo o próprio E-P.⁴⁰⁶

Além dos motivos que garantiram o privilégio da LSE como foco de financiamento de grandes institutos de pesquisa, como o *Laura Spelman Rockefeller Memorial* (LSRM), por exemplo, que serão discutidos no próximo item, o destaque para a antropologia pode ser entendido como uma ressonância do lugar que a disciplina ocupava no cenário europeu do período: a “tradição” da antropologia britânica teria sido mais consolidada devido a sua associação inicial com a antropologia física e a biologia. Além disso, a figura pessoal de Malinowski impunha respeito nas universidades europeias da década de 1920, possibilitando que a antropologia alcançasse naturalmente seu lugar nas universidades mais antigas e tradicionais, o que não aconteceu com a sociologia britânica, por exemplo.⁴⁰⁷ Tal relevância foi vinculada ao contexto político do momento, que estendia a antropologia à esfera colonial. Já em 1926, com fundos do LSRM, Malinowski tornou-se o primeiro professor titular de Antropologia da LSE, tornando possível ainda que seus estudantes combinassem os métodos

⁴⁰³ Idem.

⁴⁰⁴ Ibid., pp. 71-72.

⁴⁰⁵ KUPER, 1978, op. cit., p. 153.

⁴⁰⁶ Ibid., pp. 153-154.

⁴⁰⁷ BULMER, op. cit., 1985, pp. 8-13.

da pesquisa de campo com a atenção específica aos problemas teóricos, muito caros ao mestre.⁴⁰⁸

4.3. OS INSTITUTOS DE PESQUISA E O FINANCIAMENTO DE UMA ETNOGRAFIA AFRICANISTA EM CONTEXTO: A REDE DE POSSIBILIDADES DE EVANS-PRITCHARD

Em muitos momentos, os trabalhos de E-P publicados pela SNR faz menções às instituições que patrocinaram seu trabalho de campo: o Governo do Sudão anglo-egípcio, o *Royal Institute* e o *Laura Spelman Rockefeller Memorial*, entre outros. Na ocasião em que um texto fora publicado erroneamente sem os devidos agradecimentos a tais instituições, E-P encaminhou uma correspondência aos editores da revista com pedido de errata a respeito da omissão, que foi feita na edição seguinte.⁴⁰⁹ A partir dos anos de 1930, os institutos foram os principais meios de obtenção de recursos para os trabalhos antropológicos britânicos de campo, através de parcerias feitas com o escritório colonial e instituições como a Corporação Carnegie, a Fundação Ford, e principalmente a Fundação Rockefeller. Essas ligações inauguraram os estudos sobre o contexto colonial na África, marcando as políticas das instituições e da antropologia britânica até a década de 1960.⁴¹⁰ Com a profissionalização da disciplina antropológica nas primeiras décadas do século XX, alguns passos pareciam obrigatórios para receber a chancela do mérito acadêmico: a pesquisa de campo nos moldes de Malinowski, a elaboração de uma monografia com uma bibliografia estabelecida, e a formação de uma série de relações interpessoais que envolviam discussões teóricas e posições nos centros de pesquisa e a obtenção de recursos financeiros para todo esse trabalho.⁴¹¹

A possibilidade de pesquisa de campo para E-P está diretamente relacionada aos fundos do LSRM dedicados à LSE.⁴¹² O impacto da filantropia americana é especialmente importante nas ciências sociais britânicas, demonstrando sua função como portadora da capacidade de desenvolvimento e direcionamento do conhecimento científico.⁴¹³ Laura

⁴⁰⁸ Ibid., p. 20.

⁴⁰⁹ SUDAN NOTES AND RECORDS, v. 12, 1930, p. 114.

⁴¹⁰ KUPER, op. cit., 1978, p. 65.

⁴¹¹ TAMBASCIA, op. cit., p. 66.

⁴¹² KUPER, op. cit., 2005, p. 07.

⁴¹³ FISHER, D. American philanthropy and the social sciences in Britain, 1919-1939; the reproduction of a conservative ideology. In: **Sociological Review**, v. 28, n. 2, 1980, pp. 277-278.

Spelman, filantropa e esposa de John Rockefeller, grande capitalista petroleiro estadunidense, morreu em 1915, e seu memorial foi fundado em 1918, voltado a auxílios filantrópicos nas áreas em que Spelman mais atuava, quais sejam, a formação de crianças e ações relacionadas à maternidade, entre outras.⁴¹⁴ Sob o lema de “bem-estar da humanidade ao redor do mundo”⁴¹⁵ criado para a *Rockefeller Foundation*, durante os anos de 1920, com a ascensão de Beardsley Ruml à diretoria do LSRM, procurou-se uma inflexão nas áreas de apoio filantrópico. O Memorial, como era conhecido, passou a apoiar o fortalecimento da sociologia, antropologia, psicologia, e em menor parte da economia, ciência política e história. A nova base da política do LSRM, que possuía um capital de 74 milhões de dólares, defendia a necessidade de explicações adequadas das questões sociais embasadas teoricamente, que somente as ciências sociais poderiam produzir.⁴¹⁶

Entre os anos de 1919 a 1940, três fundações – *Rockefeller Foundation*, *Carnegie* e *Harkness* – proveram cerca de 690 mil libras para as ciências sociais britânicas, e mais cerca de 360 mil libras para instituições independentes que estavam de alguma forma estreitamente vinculadas às universidades.⁴¹⁷ Sendo a mais importante doadora de fundos para as universidades britânicas, a *Rockefeller Foundation*, sob a representação do LSRM, foi responsável por aproximadamente 95 por cento do total de financiamentos de pesquisas. Voltados principalmente à LSE, esses financiamentos garantiram, de 1923 a 1939, cerca de 340 mil libras somente para esta instituição.⁴¹⁸ Tal interesse devia-se a três principais fatores: i) a LSE era, no início dos anos de 1920, o principal centro de ciências sociais britânico, podendo ser considerada um modelo para outras instituições; ii) o conceito de William Beveridge (diretor da LSE) para o caminho que as ciências sociais deveriam seguir era bastante parecido com a política da *Rockefeller Foundation*; e iii) a localização da LSE, em Londres, garantia a influência para o restante do mundo, principalmente para o resto do império britânico.⁴¹⁹

⁴¹⁴ O *Laura Spelman Rockefeller Memorial* foi o quarto dos cinco institutos filantrópicos da família Rockefeller. Os outros são: *Rockefeller Institute for Medical Research* (1901), *General Educational Board* (1903), *Rockefeller Foundation* (1913) e o *International Educational Board* (1923). BULMER, J and M. *Philanthropy and social science in the 1920s: Beardsley Ruml and the Laura Spelman Rockefeller Memorial, 1922-29*. In: *Minerva*, v. 19, n. 3, set. 1981, pp. 351-352.

⁴¹⁵ Do original: “the well being of mankind throughout the world”, citado por Joan e Martin Bulmer, op. cit., p. 348.

⁴¹⁶ BULMER, M. Support for sociology in the 1920s. In: *The American Sociologist*, v. 17, 1982, p. 186.

⁴¹⁷ BULMER, op. cit., 1985, p. 284.

⁴¹⁸ FISHER, op. cit., p. 285.

⁴¹⁹ Ibid., p. 286.

Para alguns autores, como Fisher ⁴²⁰ e Copans,⁴²¹ além da LSE, as fundações Rockefeller garantiram fundos para apoio de pesquisa e ensino em antropologia e administração colonial em Oxford, e para a leva de novas instituições como o *Royal Anthropological Institute*, o *International African Institute*, o *International Institute of African Languages and Cultures*, e a *London School of Oriental Studies*. No que diz respeito aos pesquisadores que receberam apoio de pesquisa ou ocuparam cargos de ensino que foram endossados pelos Rockefeller estão, além de Malinowski e Evans-Pritchard, nomes conhecidos como Firth, Schapera, Mair, Fortes e Nadel. Em se considerando a inserção no campo como um mecanismo de obtenção de prestígio no cenário intelectual dentro e fora do ambiente colonial, pensamos as disputas por financiamento de pesquisas como estratégicas do mundo acadêmico. Isso em vista, entendemos a constituição do especialista de área em pesquisa antropológica como resultado da relação estabelecida entre as escolas de antropologia das universidades britânicas e os institutos de pesquisa e, em partes, da negociação do último com os governos e órgãos da administração colonial.⁴²²

Na década de 1920, o IAI estava certo de que a antropologia funcionalista seria fundamental para o entendimento do impacto da colonização, sendo capaz ainda de fornecer os meios para um melhor conhecimento e administração, que colaborariam para a promoção do desenvolvimento do continente africano.⁴²³ Em 1929, em um dos primeiros números do periódico do IAI, Malinowski discute os objetivos de uma “antropologia prática” no continente para “estimular o desenvolvimento econômico e beneficiar as ‘raças nativas’”.⁴²⁴ A escolha de Malinowski pode ser vista como orientação no sentido de estabelecer bases entre o etnógrafo e o “homem prático” (o administrador).⁴²⁵

A criação da ASA, em 1946, como já apontado, contou com a participação de E-P, Gluckman, Fortes, Radcliffe-Brown, Richard, Nadel, Firth, Forde e Leach.⁴²⁶ A organização propunha se libertar dos resquícios da antropologia evolucionista e difusionista que alguns antropólogos da velha geração ainda carregavam. A especialização e a modernização da disciplina foram importantes para esse objetivo – a agora obrigatoriedade do título de doutor para ocupar cargos de docência estreitou ainda mais as bases do método da antropologia

⁴²⁰ Ibid., p. 313.

⁴²¹ COPANS, op. cit., p. 94.

⁴²² TAMBASCIA, op. cit., p. 66.

⁴²³ Ibid., p. 55.

⁴²⁴ Idem.

⁴²⁵ Ibid., p. 57.

⁴²⁶ Ibid., p. 67.

social.⁴²⁷ Até o período posterior à segunda guerra mundial, antropólogos e outros profissionais circulavam nos mesmos espaços institucionais, o que a partir da transformação do antropólogo em perito, começa gradualmente a se tornar menos comum.⁴²⁸

Em comparação com outros profissionais, em especial as antropólogas – como Mary Douglas, por exemplo, E-P conseguiu se inserir nos grupos africanistas compostos nas universidades britânicas da primeira metade do século XX. Diante de vários fatores constitutivos da identidade – origem social, oportunidades, encontros com outros antropólogos – além das próprias escolhas individuais, somados às trajetórias das instituições que financiavam os estudos africanistas, levam à criação de toda uma rede de possibilidades, guiando cada caso a um caminho bastante particular.⁴²⁹

⁴²⁷ Idem.

⁴²⁸ Ibid., p. 68.

⁴²⁹ Ibid., p. 36.

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO DISCURSO ETNOGRÁFICO DO MACHO IMPERIAL

Algumas das interpretações de Evans-Pritchard são estratégicas no sentido de que estava determinado a prevenir a “subversão” das instituições tradicionais pelos governos coloniais da *Sudan Political Service*, a exemplo da prática do *governo indireto*.⁴³⁰ Com base nisso, este item buscará analisar as interpretações realizadas por Evans-Pritchard sobre o Sudão colonial como exemplo do processo descrito, a imbricação entre a consolidação do discurso antropológico na SNR e a prática de governo colonial. E-P sistematizava tão bem suas expedições, de maneira que um aspecto da vida analisado em detalhe contribuía para entender outro, organizando de maneira encadeada as informações que precisaria recolher em campo.⁴³¹ Por isso, pôde realizar apenas seis viagens ao Sudão, número considerado baixo em comparação a outros etnógrafos do período. Como parte de seu método, afirmava a necessidade de que o antropólogo “deve ser, física e moralmente, parte da comunidade”.⁴³² Para E-P, diferente do missionário e do administrador colonial, o antropólogo não tem autoridade a ser mantida, portanto deve assumir uma posição neutra, de aprendiz, e não de modificador da realidade que encontra na comunidade em que se insere.⁴³³

A partir da experiência vivida por E-P durante seu trabalho de campo, em 1940, publica duas das grandes obras de sua carreira, que remodelam a antropologia social europeia. Em parceria com seu colega do departamento de antropologia de Oxford, Meyer Fortes, publica o livro *African Political Systems*, fruto dos dados adquiridos por ambos em suas pesquisas sobre diferentes sociedades africanas, o que possibilitou considerar a antropologia social como uma sociologia comparativa e sistemática.⁴³⁴ Já *Os Nuer e Bruxaria, oráculos e magia* tornaram-se modelos de descrição etnográfica na Inglaterra e na Europa.⁴³⁵ Ainda hoje são textos de referência nas escolas de antropologia do mundo todo.⁴³⁶ Desde sua descrição a respeito da linhagem segmentária dos nuer, por exemplo, esse modo de pensamento se fixou na antropologia social. E-P não só elaborou uma resposta à questão das identidades

⁴³⁰ POWDERMAKER apud KUKLICK, op. cit., p. 75.

⁴³¹ DOUGLAS, op. cit., 1980, p. 41.

⁴³² Idem. Do original: “the anthropologist must live as far as possible in their villages and camps, again as far as possible, physically and morally part of the community.”

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ BARTH, et. al., op. cit., 2005, p. 41.

⁴³⁵ STEIL e TONIOL, op. cit., p. 154.

⁴³⁶ Ibid., p. 44.

segmentárias, como também indicou que lealdades conflitivas tendem a reduzir tensões e prevenir conflitos entre linhagens.⁴³⁷

Talvez a maior contribuição de E-P tenha sido a inovação teórica sobre os nuer – a separação de três domínios analíticos: um político-jurídico primário de grupos unilineares, um doméstico subestrutural de parentesco e casamento bilateral, e uma esfera superestrutural cultural de religião e ritual.⁴³⁸ No entanto, a remoção das coisas “domésticas” e “religiosas” do domínio político-jurídico criou uma imagem do sistema político nuer como uma relação abstrata entre clãs e tribos.⁴³⁹ Em seu modelo, E-P nos passa uma imagem extremamente clara de uma sociedade patrilinear e igualitária, deixando o leitor com uma noção indubitável de igualdade,⁴⁴⁰ mas suprime a significância político-social das relações afinais e matrilineares (que em seu esquema pertencem ao âmbito do doméstico), suportando essa relação hierárquica com as dinâmicas da vida política nuer.⁴⁴¹

Para E-P, a incursão colonial do início de seu século era causal para a dificuldade de lidar com os nuer, justificando por si só o enfoque que deu às instituições tradicionais,⁴⁴² pois estava convencido de que a dita belicosidade nuer explicava que fossem eles próprios representantes do passado pré-colonial, além das questões geográficas que os tornavam mais isolados do que outros povos.⁴⁴³ De tal maneira, viu no gado o valor material e simbólico da consciência nativa, e na vida social a capacidade de unir o “idioma bovino” e o “relógio de gado”, ponte entre as condições ecológicas e a significação coletiva.⁴⁴⁴

Notamos ainda na SNR o diálogo de E-P com importantes autores da literatura africanista, como Brenda e Charles Seligman – que não escondiam sua contribuição para com o governo colonial⁴⁴⁵ – e Siegfried Nadel (que ao final da década de 1930 começaria seus estudos a respeito dos povos nuba); com os reverendos missionários C.R. Lagae e Santandrea, e com representantes do governo colonial no Sudão, como Anthony Arkell, que passou o ano

⁴³⁷ ERIKSEN, T. **Ethnicity and nationalism**. London: Pluto Press, 2010, p. 209.

⁴³⁸ MCKINNON, op. cit., p. 38.

⁴³⁹ Ibid., p. 43.

⁴⁴⁰ Ibid., p. 46.

⁴⁴¹ Idem.

⁴⁴² ROSA, op. cit., 2011, p. 350.

⁴⁴³ Ibid., p. 349.

⁴⁴⁴ COMAROFF e COMAROFF, op. cit., p. 127.

⁴⁴⁵ BODDY, op. cit., p. 07. Em *Pagan tribes of the nilotic Sudan*, publicado em 1932, com auxílio de E-P, os Seligman afirmam que mantêm “constantemente diante deles as necessidades dos oficiais, para o bom entendimento do administrador a respeito da perspectiva político-religiosa da raça estudada...”

de 1938 em Oxford estudando Antropologia sob a supervisão de E-P e do recém-chegado Radcliffe-Brown, a fim de assumir o cargo de antropólogo do governo colonial.⁴⁴⁶

Neste sentido, cabe apontar o surgimento do *Rhodes-Livingstone Institute* (RLI), em 1938, e do *Colonial Social Science Research Council*, em 1944, dedicados a problemáticas consideradas mais concretas, de ordem política e econômica, além de outras instituições e universidades.⁴⁴⁷ Em mais de um momento na *Sudan Notes and Records*, em suas muitas notas de rodapé, E-P cita o *Rhodes-Livingstone Institute Papers* e outros divulgadores de estudos africanistas como a *British Association, Africa, African Studies*, e *Man*, reforçando a possibilidade e a necessidade de publicação e diálogo entre os estudiosos da área.⁴⁴⁸ Nos primeiros parágrafos de seu prefácio para a emblemática obra *Os Nuer*, E-P aponta que o estudo que fez dos nuer foi “empreendido por solicitação e, em sua maior parte, por financiamento do governo do Sudão anglo-egípcio, o qual também contribuiu generosamente para a publicação de seus resultados”.⁴⁴⁹ Agradece a Charles e Brenda Seligman pelas pesquisas etnográficas entre os shilluk e dinka; a John Maffey, governador-geral; MacMichael, secretário civil; Sr e Sra Hillelson, C. A. Willis, E. G. Coryton, B. A. Lewis e F. D. Corfield, todos os quais, além de seus cargos na administração, foram contribuidores frequentes da *Sudan Notes and Records*. Em seguida, agradece uma série de funcionários de missões religiosas, a quem também dedica a obra e com quem dialoga na SNR. Presta agradecimentos aos colegas de profissão Charles Seligman, Radcliffe-Brown, Fortes e Gluckman. Por fim, aponta que “uma parte considerável dos fatos relatados neste livro foi anteriormente registrada, principalmente em *Sudan Notes and Records* e em *Africa*”,⁴⁵⁰ indicando mais uma vez a vinculação entre seu pensamento e as vias de comunicação acadêmica e intelectual.

Ao pensarmos as aparentes contradições no discurso de E-P, lembramos da necessidade de sustentarmos certo ceticismo no que diz respeito à produção e reprodução de valores ocidentais, já que sua localização no tempo e no espaço é variável, fruto de construção social, logo passível de mudança.⁴⁵¹ Deste modo, nos vêm o fato de que as categorizações de E-P são apenas um lado da moeda, sendo necessário dar o devido peso ao passado não

⁴⁴⁶Ibid., p. 09.

⁴⁴⁷Ibid., p. 96.

⁴⁴⁸Ver SUDAN NOTES AND RECORDS, v. 16, 1933, p. 01; SUDAN NOTES AND RECORDS, v. 28, 1947, p. 115.

⁴⁴⁹EVANS-PRITCHARD, E. *Os Nuer*, op. cit., 2013, p. 01.

⁴⁵⁰Ibid., p. 02.

⁴⁵¹GOODY, J. Quem roubou o quê? Tempo e espaço. In: **O roubo da história: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23.

européu, analisando criticamente as produções e teorias consideradas canônicas e hegemônicas. Um dos vieses de análise de Goody é justamente o conceito de tempo: a contagem que tem como baliza o nascimento de Cristo, ou seja, a contagem cristã do tempo é hegemônica, e outras formas de percepção são relegadas às margens, tanto da história como da historiografia.⁴⁵² Outra categorização arbitrária é a semana de sete dias pautada nos horários do relógio, respondendo às necessidades dos mercados do sistema capitalista.⁴⁵³ Deste modo, há um desprezo pelo “tempo africano”, visível no discurso de E-P ao indicar a organização social do tempo nuer como simples e por consequência a ocorrência de uma cultura pobre, como já apontado.

O “roubo” do tempo, do espaço e também dos períodos históricos por parte do ocidente, especialmente pelo recorte europeu,⁴⁵⁴ indica uma tendência mas não uma obrigação, o que torna imprescindível uma análise mais demorada de aspectos específicos ao contexto da antropologia do século passado, no qual se encaixa nosso autor de análise. Em *O tempo e o Outro*, Johannes Fabian tece uma rica análise das formas com que a antropologia se apropriou e se apropria do conceito de tempo de forma a consolidar-se autoridade neste tipo de problema. Para o autor, o estudo das formas de uso do tempo foi fundamental para a construção do objeto da disciplina antropológica de início do século XX, tornando possível o estabelecimento do *Nós* em oposição ao *Outro* – o “selvagem”, “primitivo”.⁴⁵⁵ A partir da secularização e universalização do tempo linear ocidental judaico-cristão, balizado pelo nascimento de Cristo, constroem-se todos os opostos indesejados, daí a construção de um presente inautêntico, no qual se encontra o *Outro*.⁴⁵⁶

Cabe na crítica de Fabian o exemplo de E-P, pelo esforço de sua antropologia em construir relações comparativas com o *Outro*, o que acaba resultando na afirmação da existência de uma diferença, e de uma consequente distância.⁴⁵⁷ Conceitos como o de civilização, evolução, desenvolvimento, aculturação, modernização, em sua aplicação comparativa, tornam o *Outro* “primitivo”, sendo este um conceito temporal, não um objeto em si.⁴⁵⁸ O problema do tempo não era do interesse dos antropólogos da geração evolucionista, tornando-se objeto de estudo somente com as transformações da antropologia nas primeiras

⁴⁵² Ibid., p. 24.

⁴⁵³ Ibid., p. 27.

⁴⁵⁴ Ibid., p. 32.

⁴⁵⁵ FABIAN, op. cit., p. 01.

⁴⁵⁶ Ibid., p. 11.

⁴⁵⁷ Ibid., p. 16.

⁴⁵⁸ Ibid., pp. 17-18.

décadas do século XX, especialmente com a ascensão do funcionalismo estrutural. O estudo etnográfico passa a considerar o tempo e suas diferentes conceitualizações, reconhecíveis na linguagem, nos símbolos, nas normas de comportamento e na cultura material.⁴⁵⁹ Na tentativa de atestar sua abordagem comparativa, em suas análises, os etnógrafos teciam contrastes entre o tempo linear ocidental e o tempo primitivo, muitas vezes considerado cíclico, ou entre o “tempo moderno centrado” e a “atemporalidade arcaica”.⁴⁶⁰ Essas estratégias de construção do objeto e da narrativa etnográfica funcionavam como uma forma de manipular os conceitos – dentre eles o de tempo – para acomodá-los aos moldes de uma história única de progresso, de desenvolvimento e de modernidade.⁴⁶¹ O “objeto” não tem lugar de fala na etnografia, as figuras presentes são somente a do *Eu*, que produz o relato, e o *Você*, que recebe o relato.⁴⁶² Para E-P, a ausência de instituições políticas próximas ao modelo de estado, de classes sociais, leis e lideranças políticas, torna o povo nuer simples, em oposição à complexidade ocidental.

A relação entre o tempo – e consequentemente seu sistema político – com questões voltadas à natureza física, fizeram com que E-P definisse os nuer como dependentes direta e estruturalmente da natureza.⁴⁶³ Entretanto, E-P peca em não relacionar o todo social às práticas que têm ligações com aspectos ecológicos. A relação tempo ecológico/tempo estrutural, tal como foi concebida pelo autor, demonstra por si uma complexidade maior que a admitida nas conclusões do mesmo. Em outro momento de sua trajetória intelectual, quase uma década depois, Evans-Pritchard afirma que, para entender os conceitos de tempo nuer, é necessário entender em primeiro lugar sua estrutura social, o que pode indicar uma inflexão no posicionamento acerca da suposta simplicidade da sociedade nuer.⁴⁶⁴

O consequente efeito comparativo das análises de categorias de tempo nuer concebidas por Evans-Pritchard cabem na crítica feita por Dipesh Chakrabarty, convergindo ainda com os argumentos de Fabian, de que com o fenômeno da “modernidade política”, e suas regras a respeito das instituições como o estado, a burocracia, e da empresa capitalista, tornou-se impossível pensar o *Outro* sem evocar tais categorias e conceitos, quase que como genealogias.⁴⁶⁵ Deste modo, conceitos como estado, sociedade civil, esfera pública e privada, igualdade perante a lei, a ideia de sujeito, democracia, justiça, racionalidade, entre outros, são

⁴⁵⁹ Ibid., p. 41.

⁴⁶⁰ Idem.

⁴⁶¹ Ibid., p. 144.

⁴⁶² Ibid., p. 85.

⁴⁶³ CLIFFORD e MARCUS, op. cit., p. 95.

⁴⁶⁴ EVANS-PRITCHARD, op. cit., 1951, p. 108.

⁴⁶⁵ CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference**. New Jersey: Princeton University Press, 2000, p. 04.

todos “fardos do pensamento e história europeus”.⁴⁶⁶ Situamos os conceitos de tempo nuer elaborados por E-P neste contexto de pensamento, somado a um contexto de necessidade de afirmação da disciplina antropológica, em se fazer acreditar meio ao ambiente colonial. Daí obtemos respostas como o *estar lá*,⁴⁶⁷ que implica em uma supremacia diante dos questionamentos acerca do método e dos resultados. Quando não chegamos às mesmas conclusões que o autor da obra, desconfiaremos mais da nossa habilidade do que da dele, ou simplesmente concluiremos que houve modificações nas estruturas do próprio povo em questão.⁴⁶⁸ A escrita assertiva de E-P demonstra essa qualidade de convencimento, de afirmação de seus argumentos diante do amadorismo de seu leitor, ao que Geertz chama “transparências antropológicas”.⁴⁶⁹

Dentre essas estratégias de convencimento, a mais explorada por E-P é a de afirmar coerência nas crenças e práticas dos povos que estuda, antes de desmistificá-las e considerá-las errôneas. Exemplo disso encontra-se em seu sintomático estudo sobre a bruxaria azande: argumenta que suas “estranhas crenças” não podem ser consideradas irracionais, e que são coerentes e válidas; por outro lado, a cosmologia zande era para ele errônea.⁴⁷⁰ Segundo suas próprias palavras: “bruxos, como os azande os concebem, claramente não existem”.⁴⁷¹ Essa visão de E-P nos indica seu embasamento no conceito de racionalismo científico aplicado à antropologia moderna ocidental e pós-frazeriana, que para ele não estaria interessada em apelos estranhos, alegres e interesses românticos, mas endossava “investigações *factuais* sobre instituições sociais”.⁴⁷² Esse objetivo culminou na apresentação de monografias baseadas em um modelo que trazia um lugar “exótico” a seu público – surgidas como uma comparação não explícita entre duas culturas ou sociedades,⁴⁷³ para a qual se utilizam como ferramentas moldes, códigos e estruturas.⁴⁷⁴

Elemento constante na tese de E-P sobre os azande, que não aparece com a mesma frequência nos trabalhos a respeito dos nuer é a magia. Lembramos que a categoria de tempo foi, na antropologia moderna, um conceito fundamental para as análises dos rituais religiosos e práticas mágicas, uma vez que, de acordo com Hubert e Mauss, “os ritos periódicos estão,

⁴⁶⁶ Idem.

⁴⁶⁷ GEERTZ, op. cit., pp. 04-05.

⁴⁶⁸ Ibid., p. 05.

⁴⁶⁹ Ibid., p. 64.

⁴⁷⁰ WEST, H. **Ethnographic sorcery**. London: The Chicago University Press, 2007, p. 22.

⁴⁷¹ Ibid., p. 55. Do original: “witches, as the azande conceive them, clearly cannot exist.”

⁴⁷² STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 183.

⁴⁷³ Ibid., p. 152.

⁴⁷⁴ Ibid., pp. 154-155.

por definição, associados a datas fixas do calendário ou à recorrência regular de certos fenômenos”.⁴⁷⁵ Portanto, não nos fica claro, na leitura das obras em questão, de que forma o conceito temporal interpreta seu papel no que diz respeito aos eventos mágico-religiosos, já que E-P apenas pontua a contagem do tempo em relação aos eventos cerimoniais.

Ao relacionar o tempo ecológico e o tempo estrutural como conceitos “sociais”, E-P obscurece a teoria geral do tempo social de Durkheim, da qual se utilizou para realizar sua abordagem a respeito do tema.⁴⁷⁶ O tempo macrocósmico (ou estrutural) tecido por E-P, vinculados às gerações, ou seja, à organização por idade, *status* e ascendência genealógica, estão associados a processos que são “abstratos” e não têm, portanto, nenhum correspondente no mundo real, mesmo que sejam vinculados a eventos do mundo real, tal como os nascimentos e mortes.⁴⁷⁷ Afirma ainda que estes são sistemas de contagem do tempo comuns ao leste da África, no qual se incluem os nuer, e que têm, portanto, membros vivos de três ou quatro gerações ao mesmo tempo.⁴⁷⁸

Retomamos o argumento de que as repetitivas confrontações entre o *Eu* e o *Outro*, elementos constituintes do trabalho de campo, são também sintomas de uma luta maior entre o “Ocidente” e os seus “*Outros*”.⁴⁷⁹ No que tange o problema do tempo, a maior dessas confrontações é a relação do tempo linear e escatológico – que tem seu começo, meio, e fim, através da salvação – com as outras possibilidades de manifestação do tempo com que se deparam os etnógrafos quando do contato com outras culturas. Neste sentido, é preciso lembrar da relação entre a ideia de salvação e o conceito de evolução, e sua consequente ligação com a empresa colonial. Os antropólogos ditos evolucionistas mantinham um vínculo muito mais direto e franco com o colonialismo, debruçados no objetivo do “progresso humano”. Com seu declínio, a relação passou a ser negada e, quando possível, ocultada. Assim, cunhou-se o esforço de mostrar que não havia nada de excepcional nas vidas descritas pelas etnografias,⁴⁸⁰ feito através dos relatos do funcionalismo estrutural.

É neste meio que aparece a figura de Evans-Pritchard, para os quais o tempo ritual se torna mais afastado de um tempo “verdadeiro”, e há a negação de um tempo compartilhado.

Ao passo que a negação de elementos em comum visa atuar como um mecanismo de

⁴⁷⁵ BENTHIEN, R., TURIN, R., PALMEIRA, M. (orgs.). HUBERT, H. **Estudo sumário da representação do tempo na religião e na magia**. São Paulo: Editora USP, 2016, pp. 31-33.

⁴⁷⁶ GELL, A. Evans-Pritchard. In: **A antropologia do tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 24.

⁴⁷⁷ Ibid., p. 26.

⁴⁷⁸ Ibid., p. 25.

⁴⁷⁹ GEERTZ, op. cit., p. 134.

⁴⁸⁰ STRATHERN, M., op. cit., p. 185.

distanciamento, na tentativa de compreensão pura das dimensões analisadas, funciona também como meio de exotização e propagação de certos lugares-comuns a respeito do povo estudado, além da produção do relativismo histórico das imagens dos espelhos voltados para dentro. Novamente, deparamo-nos com os traços contraditórios da antropologia do século XX, em seu sentido tanto metodológico quanto prático, dos seus usos cotidianos e políticos.

Procuramos pensar os conceitos determinados por Evans-Pritchard como paralelos e relacionais à construção de seus objetos de estudo. Consideramos um viés de estudo que explorasse as margens dos fatos e relatos e que, para além de descobrir se E-P estava “falando a verdade”, buscasse entender os caminhos percorridos por ele na elaboração de suas narrativas discursivas. Neste processo, consideramos inúmeras possibilidades, como as de exotização e construção da imagem do *Outro*, assim como a de que o *antropólogo-etnógrafo* tenha considerado a sociedade descrita como “tão pura” a ponto de ser enganado por ela. Apesar do caráter acadêmico e intelectual, procuramos considerar a dimensão política das publicações de E-P para a *Sudan Notes and Records* em sua relação especialmente com as próprias estruturas conceituais, e para além destas, também suas estruturas políticas contextuais, a do condomínio anglo-egípcio em África.

Em 1929, MacMichael escreve à secretaria de finanças,

a antropologia é uma ciência de vital importância para o administrador europeu de povos primitivos. Ela diz respeito ao estudo da estrutura social, costumes, crenças e modos de pensamento das raças humanas. A compreensão destes elementos pode ser vista como um aparato essencial ao administrador responsável pela tutela de raças primitivas cujos processos mentais não são como os nossos. Entre a mente do europeu educado, com sua herança de alguns séculos da civilização ocidental e a do selvagem primitivo existe um grande abismo, no qual o selvagem pode ser entendido somente através de um estudo paciente e duro. A menos que esse abismo seja superado, há pouca esperança de uma administração do primitivo pelo europeu que seja realmente construtiva. Essa questão é um grande axioma, tanto que o mais bem intencionado administrador tem sido compelido pela força das circunstâncias a se tornar um antropólogo amador, ainda que possivelmente inconscientemente.⁴⁸¹

O apontamento de MacMichael ganha coro com seu sucessor, Angus Gillian, que afirma que E-P vinha contribuindo com informações bastante valiosas, mas adverte que a

⁴⁸¹Do original: “is a science of vital importance to the European administrator of primitive peoples. [It] is concerned with the study of the social structure, customs, beliefs and ways of thought of the races of mankind. Some understanding of these will be conceded to be an essential equipment of the administrator responsible for the tutelage of primitive races whose mental processes are not as ours. Between the mind of the educated European with its heritage of some centuries of occidental civilization and that of the primitive savage a great gulf is fixed which the former can bridge hardly and with patient study only. But unless that gulf is bridged with at least a slender span, there is little hope of really constructive administration of the primitive by the European. So much is this an axiom, that the well-intentioned administrator has at all times been compelled by force of circumstance to become an amateur though possibly unconscious anthropologist.” Ibid., p. 08.

pesquisa antropológica precisa ser melhor aplicada, ligada às prioridades do governo.⁴⁸² Janice Boddy lembra ainda os cursos ministrados por Margery Perham – historiadora de Oxford, para administradores coloniais da SPS e recrutas do *Colonial Service*.⁴⁸³

Neste sentido, o conhecimento considerado de caráter científico dos antropólogos e etnógrafos não deveria ignorar um fato tão importante como o da colonização, condições concretas que se expressavam diariamente enquanto faziam suas observações em campo.⁴⁸⁴ A *situação colonial* apresenta como característica sistemática a dominação racial ou étnica, por uma minoria estrangeira culturalmente diferente, de uma maioria autóctone materialmente inferior, pautada em uma suposta superioridade da primeira.⁴⁸⁵ É preciso, então, analisar o colonialismo historicamente, como um sistema e em sua totalidade, compreendendo-o em sua *situação colonial*, levando em consideração aspectos conflituosos como os existentes entre as culturas autóctone e importada, a dominação e a submissão, a heterogeneidade das sociedades e as culturas em contato.⁴⁸⁶ Se falamos do Sudão, a análise assume ainda características particulares, posto que o caso sudanês foi o único representante de um condomínio – governado por Inglaterra e Egito, como vimos – em todo o colonialismo em África.

O fazer antropológico comprometido deve, deste modo, favorecer a existência de estudos especializados que levem em consideração essa dupla realidade entre “colônia” e a *situação colonial* criada por ela.⁴⁸⁷ Portanto, por detrás da profissionalização da antropologia e da relação intelectual com a empresa colonial, haveria o reflexo da organização de um segmento da sociedade branca e patriarcal a serviço da continuidade de seu grupo. Os trabalhos de campo profissionais teriam, então, contribuído voluntária ou involuntariamente para a consolidação da posição dessa sociedade frente a outras.⁴⁸⁸ Ao mesmo tempo, possibilitaram o reforço do caráter de uma história única de progresso, desenvolvimento e modernidade, e suas imagens negativas no espelho: estagnação, subdesenvolvimento e tradição – realizados através da manipulação dos conceitos de oposição aqui elencados.

De certo modo, os antropólogos passaram a se beneficiar da relação com as autoridades coloniais, em termos de oportunidade de pesquisa e financiamento, como o suporte governamental ao treinamento dos estudantes de antropologia – ainda que estes agora

⁴⁸² Idem.

⁴⁸³ Idem.

⁴⁸⁴ BALANDIER, G. A situação colonial: Abordagem teórica, 1951. Trad. Bruno Matangrano. In: **Cadernos Geru**, v. 25, n. 01, 2014, pp. 33-34.

⁴⁸⁵ Ibid., p. 55.

⁴⁸⁶ Ibid., p. 58.

⁴⁸⁷ Ibid., p. 56.

⁴⁸⁸ FABIAN, op. cit., p. 122.

mostrassem grande preocupação com o valor acadêmico e científico de seus trabalhos de campo.⁴⁸⁹ Os antropólogos viam-se entre admitir o domínio colonial como necessário ou realizar a crítica aos efeitos da dominação colonial, o que culminou, direta ou indiretamente, na “contaminação” de seus trabalhos.⁴⁹⁰ Além disso, havia a referida resistência por parte dos antropólogos de assumirem que se encontravam dentro de uma estrutura de poder.⁴⁹¹

Além da relação política estabelecida entre os institutos e o escritório colonial, cabe ressaltar que, muitas vezes, em busca de trabalho na área da etnografia – considerando-se o contexto de afirmação que estes profissionais estavam vivendo – os antropólogos recorriam aos governos coloniais, que os encaminhavam para áreas nas quais não havia informação suficiente para o governo, ou onde os administradores eram considerados insuficientes.⁴⁹² Isso culminou em consequências tais como a manipulação dos dados etnográficos de modo a beneficiar a autoridade acadêmica e consolidar posições de destaque nas universidades europeias, e também em tentativas de utilizá-los como meio de corroborar a força da administração colonial.⁴⁹³

A retirada das tropas egípcias do Sudão e a formação da *Sudan Defense Force*, em 1924, e o passo definitivo para o separatismo sudanês do Egito, tiveram como consequência a adoção do governo no Sudão de uma política de não interferência nas estruturas político-sociais da vida local, especialmente durante o final da década de 1920.⁴⁹⁴ Durante a década de 1930, o governo evitou os líderes tribais, e começou a estabelecer uma reaproximação com a *intelligentsia* sudanesa. Essa transformação faz-se visível também na SNR: enquanto chefes tribais contribuíram para o periódico antes de 1925, nenhum dos membros das elites intelectuais o fez antes de 1938.⁴⁹⁵ O debate sobre as formas de governo no Sudão ganhou relevância e força na área da antropologia em 1940, com a publicação de *Os Nuer*, emblemática obra de Edward Evans-Pritchard, analisando o caso dos povos nuer que, segundo o autor, não possuíam instituições políticas próximas ao modelo do estado, de classes sociais, leis e lideranças políticas conhecidas na política europeia, exemplares do que constitui o “modelo ocidental” de política. A princípio, E-P entendeu a forma de organização nuer como exemplo de uma “anarquia ordenada”, ou como a inexistência de organização política,

⁴⁸⁹ Idem.

⁴⁹⁰ KUPER, op. cit., 1984, p. 207.

⁴⁹¹ ASAD, op. cit., p. 17.

⁴⁹² AHMAD, op. cit., 1973, p. 262.

⁴⁹³ LITTLE, 1960, apud. TAMBASCIA, op. cit., p. 56.

⁴⁹⁴ HAMAD, op. cit., p. 266.

⁴⁹⁵ Idem.

entretanto, no decorrer de sua leitura do contexto em questão, percebeu o que reconheceu como equivalentes aos elementos europeus na cultura nuer. A ausência dessas instituições por ele consideradas mais complexas entre os nuer, tais como a dos britânicos, tornava-os simples, em oposição à dita complexidade ocidental. A antropologia africanista da qual fazia parte E-P teve seu escopo ampliado justamente graças ao advento da antropologia política, que incluía agora em seu corpo de objetos sistemas políticos considerados “exóticos”.⁴⁹⁶ A contradição face às novas formas de organização política encontradas tornou concreta a necessidade de dissociação da teoria política da teoria do estado, no caso da antropologia.⁴⁹⁷

Já no que tange os aparatos administrativos coloniais, essa dissociação não ocorreu; pelo contrário: as formas de governo tradicionais tornaram-se imersas no estado moderno colonial e nas suas burocracias, devido às pressões e manipulações pela modificação de seus sistemas nativos.⁴⁹⁸ No que respeito ao caso do Sudão, a manipulação de identidades e formas de cidadania foi uma das estratégias primordiais do escritório colonial britânico. Os censos realizados pelas empresas coloniais no Sudão contribuíram para pensar os critérios de *racialização* e *tribalização* adotados na região, uma vez que trataram de dotar esses critérios de respaldo legal, promovendo sua utilização por muito tempo, delegando-os à posteridade da história dos países africanos.⁴⁹⁹

No caso do Sudão, é bastante relevante para pensar o atravancar nas relações e o reforço das divergências entre os grupos que opôs. Em determinadas situações, os regimes coloniais buscavam ações de transformação total das sociedades ditas tradicionais, como lembram Frederick Cooper e Jane Burbank. Entretanto, tiveram de abandoná-las, uma vez que foram rechaçadas pelos grupos locais, assumindo a necessidade de intermediários nas relações que travavam com as sociedades africanas.⁵⁰⁰ Essas designações exaltavam a figura da *autoridade tradicional*, garantindo determinados direitos aos grupos, principalmente como forma de potencialização do domínio e de fortalecimento do poder colonial.⁵⁰¹ Para Mamdani, a forma de *governo indireto* institucionalizou a diferenciação tribal durante o período colonial. Mamdani aponta a *tribalização* como instrumento e estratégia política do projeto colonial britânico após a conquista do *Mahdi*, adotada com duplo sentido de discriminação:

⁴⁹⁶ BALANDIER, G. **Antropología Política**. Barcelona: Ediciones 62, 1969, p. 05.

⁴⁹⁷ Ibid., p. 06.

⁴⁹⁸ Ibid., p. 179.

⁴⁹⁹ MAMDANI, op. cit., passim.

⁵⁰⁰ BURBANK, J.; COOPER, F.; op. cit., p. 416.

⁵⁰¹ MAMDANI, op. cit., p. 50.

cultural e administrativo.⁵⁰² No caso do Sudão, ainda serviu como forma de atacar quaisquer resquícios da *Mahdiyya*, marginalizando grupos que eram dominantes no período, reestabelecendo os poderes dos chefes locais e reforçando identidades tribais.⁵⁰³

A propósito das identidades sudanesas, são diversos os seus aspectos constituintes. A língua aparece como um critério central para um estado que busca criar uma cultura homogênea. No projeto colonial para o Sudão, através de práticas que amalgamavam o árabe, o islã e a identidade política, a ideologia linguística foi aplicada como forma de constituir um “Sudão do norte” e sua contraparte sulina,⁵⁰⁴ levando à politização do árabe e à arabização da política, desde o domínio colonial britânico até os tempos dos acordos de paz, funcionando como precursores da separação do sul. Desta forma, o inglês foi introduzido no sul como uma ferramenta de resistência à arabização. Já no período pós-colonial, as políticas árabes islâmicas sustentaram esse regime sociolinguístico por interesses próprios.⁵⁰⁵ Para além dos aspectos linguísticos, é importante apontar que, até o período posterior à segunda guerra mundial, o sul se manteve subdesenvolvido em relação ao norte, o que foi justificado pelo governo colonial britânico como um despreparo interno para a exposição ao “mundo moderno”.⁵⁰⁶ Desta forma, foi visto tanto por parte dos governos colonial como pós-coloniais em termos raciais e tribais, utilizando-se, por exemplo, dos termos “autóctone” e “indígena” como classificações pejorativas.⁵⁰⁷

No processo de construção do cidadão sudanês, o estado colonial debruçou-se sobre as visões dos antropólogos das primeiras décadas do século XX, tanto para designar políticas como para legitimar determinados pontos de vista. O principal objetivo era estabelecer estruturas administrativas que pudessem reforçar a submissão e manter a segurança e a ordem das “sociedades primitivas”, especialmente no sul, que tendia à “insubmissão” e aflorava em um processo revoltoso contra os aparatos coloniais.⁵⁰⁸ O Sudão foi então dividido em duas regiões opostas em termos de história, cultura e identidade: “o norte árabe” e “o sul africano”. O estado colonial adotou a ideologia racista do século XIX, de que o sul era inferior ao norte e de que os árabes e muçulmanos eram civilizados, enquanto que os africanos não-islamizados

⁵⁰² Ibid., p. 148.

⁵⁰³ Ibid., p. 152.

⁵⁰⁴ ABDELHAY et. al. The sociolinguistics of nationalism in Sudan. In: **Current Issues in Language Planning**, v. 12, n. 4, 2011, pp. 457-461.

⁵⁰⁵ AYERS, A. Sudan's uncivil war: the global-historical constitution of political violence. In: **Review of African Political Economy**, v. 37, n. 124, 2010, p. 166.

⁵⁰⁶ ABDELHAY, op. cit., p. 467.

⁵⁰⁷ Ibid., p. 489.

⁵⁰⁸ IDRIS, A. **Identity, citizenship and violence in two Sudans**. United States: Palgrave MacMillan, 2013, p. 53.

não o eram.⁵⁰⁹ Os nuer, dinka e os shilluk, por exemplo, resistiram ao governo britânico em suas terras. A resistência do sul forçou o estado colonial a mudar o tipo de política da administração direta e centralizada no Sudão.

Em 1923, o tipo de *governo indireto* (*indirect rule*) com administração nativa estava implantado, funcionando através dos chefes tradicionais no sul, e dos *sheiks* muçulmanos no norte.⁵¹⁰ A nova política do governo indireto adotou a concepção antropológica da “sociedade primitiva”, fundamentalmente diferentes, social e politicamente, das europeias.⁵¹¹ Através do *governo indireto* a política britânica no Sudão pôde dividir vários grupos culturais em comunidades políticas estáticas, cada uma em suas terras. Criou também a distinção entre nativos e não-nativos.⁵¹² Essas políticas exacerbaram as diferenças culturais existentes e etnicizaram os diversos grupos culturais no Sudão. A diferença cultural foi transformada em diferença política. Os administradores britânicos e os missionários cristãos aplicaram suas visões coloniais sobre o “*Outro*” e começaram a mapear e a reconstruir o Sudão de acordo com o seu projeto colonial e receberam para isso o conhecimento antropológico, principalmente sobre o sul.⁵¹³ O *governo indireto* permitiu a construção de uma distância social entre os chefes burocratizados – as elites dotadas de uma subcultura especial, que futuramente viriam a ser os governantes nacionais do estado independente – e os “indígenas” (“aldeanos”).⁵¹⁴ Portanto, é importante lembrar que as modificações políticas não são somente produto de uma relação recente, mas mudam de natureza e manifestam-se com maior força e generalizam-se no decorrer de todo um processo histórico.⁵¹⁵

Com base nisso, pensamos que os processos históricos acelerados pelo colonialismo no Sudão encadeiam uma série de eventos e condições, qual seja a desigualdade de poder, a diminuição do prestígio das autoridades tradicionais, entre outros. Ainda criam novas instâncias de pensamento e de localização, como os já referidos processos de *racialização*, *eticização* e *tribalização*. Diferenças pautadas nos critérios de raça e etnicidade são identidades políticas produzidas no processo de formação do estado, ou seja, durante o período colonial sudanês.⁵¹⁶

O exposto aponta para a complexidade dos sistemas de governo e formas de

⁵⁰⁹ Idem.

⁵¹⁰ EL-BATTAHANI, A. A complex web: politics and conflict in Sudan. In: **Accord**, n. 18, 2006, p. 11.

⁵¹¹ IDRIS, op. cit., p. 54.

⁵¹² Ibid., p. 55.

⁵¹³ Ibid., p. 56.

⁵¹⁴ BALANDIER, op. cit., 1969, p. 182.

⁵¹⁵ Ibid., pp. 179-180.

⁵¹⁶ IDRIS, op. cit., p. 94.

organização africanas pré-coloniais, assim como para a ideia de agência dos povos sudaneses durante o pouco mais de meio século do condomínio anglo-egípcio. Finalmente, localizamos os diferentes atores da sociedade colonial sudanesa enquanto agentes no processo de elaboração do estado moderno sudanês, baseado nos moldes europeus, mais especificamente britânico. Enquanto que o colonizador – estrangeiro – atua de modo a garantir a soberania do aparato colonial em domínios “estranhos”, o colonizado age de modo a perpetrar – como no caso das elites educadas pela administração colonial – ou rechaçar o sistema de governo em vigência, como demonstra o caso dos grupos étnicos nuer, dinka e shilluk do sul do Sudão colonial. Esta breve retomada caminha no sentido de apontar as complexidades dos processos referidos, além da dinamização da lógica de dominação e exploração, as quais definições estanques e dualistas não são capazes de compreender adequadamente.

A partir disso, entendemos que o vasto material antropológico focado nos territórios africanos dominados pelos britânicos contribuiu, direta ou indiretamente, para a formulação e aplicação de políticas coloniais, como a do *governo indireto*, particularmente importante no caso sudanês, e consequentemente para melhores e mais eficientes formas de dominação e exploração.⁵¹⁷ Já a relação com institutos de financiamento de pesquisa como o LSRM pode estar vinculada à contribuição que territórios africanos estáveis tinham no fortalecimento das economias europeias, que auxiliariam também na afirmação do capitalismo ocidental e imperialista do século XX como um todo.⁵¹⁸

Finalmente, percebemos a *Sudan Notes and Records* como uma plataforma de acesso a saltos maiores para E-P. Através das publicações na revista, o *antropólogo-etnógrafo* pôde, de um modo mais rápido e dialogável, perceber a recepção de seus escritos por seus pares, além de retificar informações ou acrescentar dados indisponíveis à altura da pesquisa ou da primeira publicação de alguma obra. Ainda entendemos a associação de E-P com a SNR em uma perspectiva que dialoga com a consolidação de um saber colonial produzido e reproduzido pelos *repertórios imperiais*⁵¹⁹ em que se inseria e dos quais fazia parte, em uma relação de duas vias. Entendemos, deste modo, a construção discursiva de Evans-Pritchard como parte de um processo de constante (re)elaboração, na medida em que se renovavam debates e demandas, sejam no sentido intelectual, sejam no político, caminhos estes, a nosso ver, considerados indissociáveis.

⁵¹⁷ FISHER, op. cit., p. 313.

⁵¹⁸ Ibid., p. 305.

⁵¹⁹ BURBANK e COOPER, op. cit., pp. 391-446.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

SUDAN NOTES AND RECORDS. Khartum: Sudan Press, 1927-1950. Disponível em: <<http://sfdas.com/publications/ouvrages-specialises-en-ligne-ouvrages/article/sudan-notes-and-records-131?lang=en>>. Último acesso em: 27 fev. 2020.

EVANS-PRITCHARD, E. Economic life of the Nuer: cattle I. In: **Sudan Notes and Records**, v. 20, 1937.

_____. Economic life of the Nuer: cattle II. In: **Sudan Notes and Records**, v. 21, 1938.

_____. Mani, a zande secret society. In: **Sudan Notes and Records**, v. 14, 1931.

_____. Oracle-Magic of the Azande. In: **Sudan Notes and Records**, v. 11, 1928.

_____. The Nuer: tribe and clan I. In: **Sudan Notes and Records**, v. 16, 1933.

_____. The Nuer: tribe and clan III. In: **Sudan Notes and Records**, v. 18, 1935.

_____. Witchcraft (mangu) amongst the azande. In: **Sudan Notes and Records**, v. 12, 1930.

_____. Zande witchcraft. In: **Sudan Notes and Records**, v. 12, 1930.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABDELHAY et. al. The sociolinguistics of nationalism in Sudan. In: **Current Issues in Language Planning**, v. 12, n. 4, 2011.

ABDUL-JALIL, M. A. From native administration to native system: the reproduction of a colonial model of governance in post-independence Sudan. In: ASSAL, M. ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015.

AHMAD, A. Sir Edward Evans-Pritchard and the Sudan. In: **Sudan Notes and Records**, v. 55, 1974.

_____. The state of anthropology in the Sudan. In: ASSAL, M.; ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015.

AL-SHASI, A. Pluralism and governance in Sudan: reflections on the local and national perspectives. In: ASSAL, M. ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015.

ASAD, T. Introduction. In: ASAD, T. **Anthropology and the colonial encounter**. Estados Unidos: Ithaca Press, 1975.

ASSAL, M.; ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015.

AYERS, A. Sudan's uncivil war: the global-historical constitution of political violence. In: **Review of African Political Economy**, v. 37, n. 124, 2010.

BALANDIER, G. A situação colonial: Abordagem teórica, 1951. Trad. Bruno Matangrano. In: **Cadernos Geru**, v. 25, n. 01, 2014.

_____. **Antropología Política**. Barcelona: Ediciones 62, 1969.

BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: _____. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.

_____. The golden age (1945-1970). In: **One discipline, four ways: british, german, french, and american anthropology**. London: The University of Chicago Press, 2005.

BARTH, F; GINGRICH, A; PARKIN, R; SILVERMAN, S. **One discipline, four ways: british, german, french, and american anthropology**. London: The University of Chicago Press, 2005.

BAYART, J. F. **El estado en África: la política del vientre**. Barcelona: Edim, 1999.

BENTHIEN, R., TURIN, R., PALMEIRA, M. (orgs.). HUBERT, H. **Estudo sumário da representação do tempo na religião e na magia**. São Paulo: Editora USP, 2016.

BODDY, J. Anthropology and the civilizing mission in colonial Sudan. In: **Association of Social Anthropology**, 2008.

- BONTE, P.; IZARD, M. **Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- BULMER, M. **Essays on the history of british sociological research**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. Support for sociology in the 1920s. In: **The American Sociologist**, v. 17, 1982.
- BULMER, J e BULMER, M. Philanthropy and social science in the 1920s: Beardsley Ruml and the Laura Spelman Rockefeller Memorial, 1922-29. In: **Minerva**, v. 19, n. 3, set. 1981.
- BURBANK, J.; COOPER, F. Repertorios imperiales y mitos del colonialismo moderno. In: **Imperios: una nueva visión de la historia universal**. Barcelona: Editorial Crítica, 2012.
- CHABAL, P. Violence, Power and Rationality: A Political Analysis of Conflict in Contemporary Africa. In: _____. et al. **Is violence inevitable in Africa?** Theories of Conflict and Approaches to Conflict Prevention. Leiden: Brill Academic Publisher, 2005.
- CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference**. New Jersey: Princeton University Press, 2000.
- CLASTRES, P. **A sociedade contra o estado**. São Paulo: UBU Editora, 2006,
- CLIFFORD, J.; MARCUS, G. **Writing culture: The poetics and politics of ethnography**. London: University of California Press, 1986.
- COLLINS, R. The Sudan Political Service: A portrait of the “Imperialists”. In: **African Affairs**, v. 71, n. 284, 1972.
- COMAROFF E COMAROFF. **Ethnography and the historical imagination**. Estados Unidos: Westview Press, 1992.
- COPANS, J. **Críticas e políticas da antropologia**. Lisboa: Edições 70, 1974.
- DOUGLAS, M. **Edward Evans-Pritchard**. Great Britain: Fontana Paperbacks, 2003.
- EL-BATTAHANI, A. A complex web: politics and conflict in Sudan. In: **Accord**, n. 18, 2006.
- ENGELKE, M. The problem of belief: Evans-Pritchard and Victor Turner on “The Inner Life”. In: **Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, v. 18 n. 6, 2002.
- ERIKSEN, T. **Ethnicity and nationalism**. London: Pluto Press, 2010.

- ERIKSEN, T; NIELSEN, F. Four founding fathers. In: _____. **A history of anthropology**. London: Pluto Press, 2001.
- ERIKSEN, T., WOLF, E. **Europe and the people without history**. California: University of California Press, 1982.
- EVANS-PRITCHARD, E. E.; FORTES, M. **African Political Systems**. London: Oxford University Press, 1940
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. Correspondence. In: **Sudan Notes and Records**, v. 31, 1950.
- _____. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____. Nuer time-reckoning. In: **Africa: Journal of the International African Institute**, v. 12, n. 2, abr 1939.
- _____. Review on Les azande on Niam-Niam by C. R. Lagae. In: **Sudan Notes and Records**, v. 12, 1930.
- _____. **Social Anthropology**. Glasgow: The University Press, 1951.
- _____. Some zande texts. In: SCHAPER, I. **Studies in kinship and marriage**. London: Royal Anthropological Institute, 1963.
- _____. Tempo e espaço. In: **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____. The Bongo. In: **Sudan Notes and Records**, v. 12, 1930.
- EYOH, D.; ZELEZA, P. **Encyclopedia of Twentieth-Century African History**. London: Routledge, 2003.
- FABIAN, J. **Time and the Other: How Anthropology makes its objects**. Estados Unidos: Columbia University Press, 1983.
- FARDON, R. **Mary Douglas: an intellectual bio**. London: Routledge, 1999.
- FERGUSON, N. **Empire: how Britain made the Modern World**. United States: Penguin Books, 2004, p. 236.
- FISHER, D. American philanthropy and the social sciences in Britain, 1919-1939; the reproduction of a conservative ideology. In: **Sociological Review**, v. 28, n. 2, 1980.

FLUEHR-LOBBAN, C.; LOBBAN-JR, R., VOLL, J. **Historical dictionary of the Sudan**. London: Scarecrow Press, 1992.

GEERTZ, C. **Works and lives: the anthropologist as author**. California: Stanford University Press, 1988.

GELL, A. Evans-Pritchard. In: **A antropologia do tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOODY, J. Quem roubou o quê? Tempo e espaço. In: **O roubo da história: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente**. São Paulo: Contexto, 2008.

HAMAD, B. Sudan Notes and Records and sudanese nationalism, 1918-1956. In: **History in Africa**, v. 22, 2014.

IBRAHIM, H. O Sudão no século XIX. In: **História Geral da África: África do século XIX à década de 1880**, v. VI. Brasília: UNESCO, 2010.

IDRIS, A. **Identity, citizenship and violence in two Sudans**. United States: Palgrave MacMillan, 2013.

JAMES, W. Strategic movement: a key theme in Sudan anthropology. In: ASSAL, M. ABDUL-JALIL, M. **Past, present and future: fifty years of anthropology in Sudan**. Bergen: Chr. Michelsen Institute, 2015.

JOHNSON, D. Evans-Pritchard, the nuer and the Sudan Political Service. In: **African Affairs**, 81/323, 1982.

_____. Political intelligence, colonial ethnography, and analytical anthropology in the Sudan. In: GORDON, R.; TILLEY, H. **Ordering Africa: Anthropology, European imperialism, and the politics of knowledge**. Manchester: Manchester University Press, 2007.

KUCLICK, H. Tribal exemplars: images of political authority in british anthropology, 1885-1945. In: STOCKING JR, G. **Functionalism Historicized**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1984.

KUPER, A. **Antropologia e antropólogos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978.

_____. Function, History, Biography: Reflections on fifty years in the british anthropological tradition. In: STOCKING JR, G. **Functionalism Historicized: Essays on british social**

- anthropology, v. 2. Estados Unidos: The University of Wisconsin Press, 1984.
- MACAGNO, L. Missionaries and the Ethnographic Imagination. Reflections on the Legacy of Henri-Alexandre Junod (1863-1934). In: **Social Sciences and Missions**, 22, 2009.
- MAGNANI, J. Bronislaw Malinowski (1884-1942). In: FRID, M; ROCHA, E. (orgs). **Os antropólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.
- MAMDANI, M. **Saviours and survivors: Darfur, politics and the War on Terror**. Cidade do Cabo: HSRC Press, 2009.
- MBEMBE, A. **África insubmissa**. Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Angola: Edições Mulemba, 2013.
- _____. **Necropolítica**. Espanha: Editorial Melusina, 2011.
- MCCLINTOCK, M. **Imperial leather: Race, gender and sexuality in the colonial contest**. Nova York: Routledge, 1995.
- MCKINNON, S. Domestic Exceptions: Evans-Pritchard and the creation of Nuer patrilinearity. In: **Cultural Anthropology**, 15 (1), 2000.
- MILLS, M. The opposite of witchcraft: Evans-Pritchard and the problem of the Person. In: **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 19, 2013.
- OLBRECHTS-TYTECA, L.; PERELMAN, C. **Tratado da argumentação: A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PANIKKAR, K. M. A guerra civil europeia e suas repercussões. In: **A dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1965.
- PEIRANO, M. A favor da etnografia. In: **Anuário Antropológico**, 92. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1994.
- PEREIRA, C. Radcliffe-Brown (1881-1955). In: FRID, M; ROCHA, E. (orgs). **Os antropólogos: de Edward Tylor a Pierre Clastres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- POWELL, E. **A different shade of colonialism: Egypt, Great Britain and the mastery of Sudan**. California: University of California Press, 2003.
- ROSA, F. O fantasma de Evans-Pritchard: diálogos da antropologia com a sua história. In: **Etnográfica**, v. 15, n. 2, 2011.

- _____. “Un point de rencontre”: les Sudan Notes and Records entre anthropologie et colonialisme. In: **Bérose**. Paris, 2018.
- SANDERSON, G. Sudan Notes and Records as a vehicle of research on the Sudan. In: **Sudan Notes and Records**, v. 45, 1964.
- SANTOS, P. T. **Fé, guerra e escravidão: uma história da conquista colonial do Sudão (1881-1898)**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- SCHUMAKER, L. **Africanizing Anthropology**. United States: Duke University Press, 2001.
- SILVA, C. Edward Tylor (1832-1917). In: FRID, M; ROCHA, E. (orgs). **Os antropólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.
- STEIL, C; TONIOL, R. Evans-Pritchard (1902-1973). In: FRID, M; ROCHA, E. (orgs). **Os antropólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.
- STOCKING JR, G. **Functionalism Historicized: Essays on british social Anthropology**, v. 2. Estados Unidos: The University of Wisconsin Press, 1984.
- _____. Introduction. In: _____. **Functionalism Historicized: Essays on british social Anthropology**, v. 2. Estados Unidos: The University of Wisconsin Press, 1984.
- _____. The ethnographic sensibility of the 1920s and the dualism of the anthropological tradition. In: STOCKING JR, G. **Romantic Motives: Essays on Anthropological sensibility**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1989.
- STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- SUDAN NOTES AND RECORDS, v. 12, 1930.
- SUDAN NOTES AND RECORDS, v. 16, 1933.
- SUDAN NOTES AND RECORDS, v. 28, 1947.
- TAMBASCIA, C. **Estrutura e sentido no africanismo de Mary Douglas: A etnografia no Congo belga e o campo acadêmico britânico**. 2010. Tese. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.
- TROUILLOT, M-R. **Global transformations: Anthropology and the modern world**. New York: Palgrave MacMillan, 2003.
- WEST, H. **Ethnographic sorcery**. London: The Chicago University Press, 2007.

WERBNER, R. Comment on The opposite of Evans-Pritchard. In: **Journal of the Royal Anthropological Institute**, n. 19, 2013.

WINGATE, F. R. Foreword. In: **Sudan Notes and Records**, n. 1, v. 1, 1918.

ANEXOS

ANEXO 1 – TABELA DE ARTIGOS VOLTADOS À ANTROPOLOGIA

Tabela 7: Artigos dedicados à antropologia/etnografia independente da formação profissional do autor

AUTOR	ARTIGO	AUTOR ESPECIALISTA
A. J. A.	The Southern Route to Kufra – told by Bibi Awdi the guide	
Adams, W. Y.	Continuity and change in Nubian cultural history	X
Anderson, J. N. D.	Recent developments in Shari'a law in the Sudan	
Arber, H. B.	The Baramka	
Arkell, A. J.	Throwing-sticks and throwing-knives in Darfur	X
Arkell, A. J.	Beads made in Darfur and Wadai	X
Arkell, A. J.	The Baza festival in Jebel Meidob	X
Beaton, A. C.	The Bari: clan and age-class systems	
Beaton, A. C.	Fur dance songs	
Beaton, A. C.	Youth organisation amongst the Fur	
Beaton, A. C.	Tigri Folk tales (Digam)	
Beaton, A. C.	The Fur	
Bedri, I.	More notes on the Padang Dinka	
Bell, G. W.	Nuba agricultural methods and beliefs	
Bolton, A. R. C.	El Menna Ismail-Fiki and Emir	
Bolton, A. R. C.	The Dubab and Nuba of Jebel Daier	
Bond, W. R. G.	Karama	
Bonham-Carter, Sir E.	Note on Frazer's, Folklore of the Old Testament	
Boyce, A. A. R.	Daylight hunting lions	

Broadbent, P. B.	Reminiscences of a Berber merchant	
Cann, Capt. G. P.	A day in the life of an idle Shilluk	
Chataway, J. D. P.	Notes on the history of the Fung	
Clark, W. T.	Manners, customs and beliefs of the Northern Bega	
Cooke, Capt. R. C. e Beaton, A. C.	Bari and Fur rain cults and ceremonies	
Corfield, F. D.	The Koma	
Coriat, P.	Gwek the witch-doctor and the pyramid of Dengkur	
Corkill, N. L.	Snake stories from Kordofan	
Corkill, N. L.	The Kambala and other Nuba festivals	
Corkill, N. L.	A game trap in the Upper Nile Province	
Cottam, R. e L.	Some native superstitions about the Gecko Lizard	
Crawford, O. G. S.	The strange adventure of Zaga Christ	X
Crove, Capt. E. T. N.	Customs of the Acholi	
Crowfoot, G. M.	Spinning and weaving in the Sudan	
Crowfoot, G. M.	The handspinning of cotton in the Sudan	
Crowfoot, G. M.	The Sudanese camel girth in double weave	
Crowfoot, J. W.	Angels of the Nile	
Crowfoot, J. W.	A note on the date of the Towers	
D'Almasy, L. E.	By motor car from Waadi Halfa to Cairo	
D'Almasy, L. E.	Bir Bidi	
Daniel, N. A.	Bishop Gwynne and general Gordon	
Davies, R.	A system of sand divination	
Davies, R.	Some Arab games and puzzles	

Driberg, J. H.	A preliminary account of the Didinga	
Driberg, J. H.	Lafon Hill	
Driberg, J. H.	Didinga customary law	
el-Hag Ali, N.	Shaykh Babiker Badri's autobiography: Ta'Rikh Hayati	
Evans-Pritchard, E. E.	Preliminary account of the Ingassana	X
Evans-Pritchard, E. E.	Oracle-magic of the Azande	X
Evans-Pritchard, E. E.	The Bongo	X
Evans-Pritchard, E. E.	Zande witchcraft	X
Evans-Pritchard, E. E.	The Mberidi and Mbegumba of the Bahr el-Ghazal	X
Evans-Pritchard, E. E.	Mani, a Zande secret society	X
Evans-Pritchard, E. E.	Ethnological observations in Dar Fung	X
Evans-Pritchard, E. E.	The Nuer, tribe and clan part I	X
Evans-Pritchard, E. E.	Nuer, tribe and clan part II	X
Evans-Pritchard, E. E.	Nuer, tribe and clan part III	X
Evans-Pritchard, E. E.	Zande theology	X
Evans-Pritchard, E. E.	The Nuer: age sets	X
Evans-Pritchard, E. E.	Economic life of the Nuer: cattle	X
Evans-Pritchard, E. E.	Economic life of the Nuer: cattle part II	X
Evans-Pritchard, E. E.	Folk stories of the Sudan part I	X
Evans-Pritchard, E. E.	The relationship between the Anuak and the Fori	X
Evans-Pritchard, E. E.	Folk stories of the Sudan part III	X
Evans-Pritchard, E. E.	Further observations on the political system of the Anuak	X
Evans-Pritchard, E. E.	A note on courtship among the Nuer	X
Evans-Pritchard, E. E.	The Nuer family	X

Evans-Pritchard, E. E.	Some Zande texts about family and kin	X
Evans-Pritchard, E. E. e Beaton, A. C.	Folk stories of the Sudan part II	X
Faris, J.	Some aspects of clanship and descent amongst the Nuba of South-Eastern Kordofan	X
Ferguson, V. H.	The Nuong Nuer	
Fergusson, Capt. V.	Nuer beast tales	
Ghawi, J. B.	Notes on the law and custom of the Jur tribe in the Bahr el-Ghazal	
Hawkesworth, D.	The Nuba proper of Southern Kordofan	
Hawley, D. F.	Zanneia	
Hill, R. L.	An unpublished itinerary to Kordofan	
Hillelson, S.	Notes on the Dago	
Hillelson, S.	Nubian origins	
Hillelson, S.	David Reubeni, an early visitor to Sennar	
Hilleslon, S.	Arabic Nursery Rhymes	
Hills-Young, E.	Charms and customs associated with child-birth in the Northern Sudan	
Hodson, A.	An incident with lion	
Howell, P. P.	The Shilluk settlement	
Howell, P. P.	The age-set system and the institution of Nak among the Nuer	
Howell, P. P.	Notes on the Ngork Dinka	
Howell, P. P. e Lewis, B. A.	Nuer ghouls: a form of witchcraft	
Huddleston, C.	Catching white ants in Jebel Marra	
J. A. de C. H.	The “Nahas” of the Kababish	
Jackson, H. C.	The Nuer of the Upper Nile Province	

Jennings-Bramley, W. E.	Tales of the Wadai slave trade in the nineties	
Jungfleisch, M.	Hasan Suliman, Kashif of Nubia	
Kauczor, Rev. P. D.	The Affiti Nuba of Gebel Dair and their relation to the Nuba proper	
Kendrick, J. W.	A Nuba age-grade initiation ceremony	
Kennedy-Cooke, B.	The Red Sea Coast	
Lampen, E.	A short account of Meidob	
Lampen, G. D.	The Baggara tribes of Darfur	
Larken, Major P. M.	An account of the Zande	
Larken, Major P. M.	Impressions of the Azande	
Larken, P. M.	Impressions of the Azande	
Leach, T. A.	The Selima Oasis	
Lewis, B. A.	Murle Folk tales	
Lewis, B. A.	Nuer spokesman	
Lyall, C. B.	Rights, dues and customs prevailing among Arab tribes in the White Province	
Lyth, R. E.	The Suri tribe	
MacIntosh, E. H.	A note on the Dago tribe	
MacMichael, H. A.	Nubian Elements in Darfur	
MacMichael, H. A.	A seasonal festival at Gevel Midob	
MacPhail, J. G. S.	The Bandala method of hunting elephant on foot	
Macro, E.	Frank Miller Lupton	
Matthew, J. M.	Land customs and tenure in Singa District	
Mills, Rev. W. L.	A Dinka witch-doctor	
Milward, G. R.	The birth of a dhow	
Mitford, Major-General B. R.	Diary of a subaltern on the Nile in the eighties and nineties part III	

Mitford, Major-General B. R.	Diary of a subaltern on the Nile in the eighties and nineties part I	
Mitford, Major-General B. R.	Diary of a subaltern on the Nile in the eighties and nineties part II	
Nadel, S. F.	A shaman cult in the Nuba mountains	X
Nadel, S. F.	The hill tribe of Kadero	X
Nalder, L. F.	Animism in Islam	
Nalder, L. F.	Tales from the Fung Province	
Newbold, D.	A desert odyssey of a thousand miles	X
Newbold, D.	The white Nuba of Jebel Haraza and white races in North Africa	X
Owen, T. R. H.	Notes on the Arab stellar calendar	
Oyler, D. S.	Shilluk notes	
Oyler, D. S.	Examples of Shike Folk-lore	
Palmer, H. R.	A Bornu Mahram and the pre-Tunjur Rulers of Wadai	
Palmer, H. R.	The white races of North Africa	
Paul, A.	Notes on the Beni Amer	
Penn, A. E. D.	Traditional stories of the Abdullah tribe	
Pumphrey, M. E. C.	The Shilluk tribe	
R. D. e S. H.	Two texts from Icordofan	
Reid, J. A.	Some notes on the tribes of the White Nile Province	
Reisner, Prof. G. A.	Outline of the Ancient History of the Sudan part II	X
Resiner, Prof. G. A.	Outline of the Ancient History of the Sudan part I	X
Richardson, J. N.	Bari notes	
Rowley, J. V.	The Madi of Equatoria Province	
Sagar, J. W.	Notes on the history, religion and customs of the Nuba	

Salmon, R.	The story of Sheikh Abdullahi Ahmed Abu Gelaha	
Sandars, G. E. R.	The Bisharin	
Santandrea, Rev.	Little-known tribes of the Bahr el-Ghazal	
Santandrea, Rev.	The Belanda, Ndogo, etc	
Santandrea, Rev.	Minor Shilluk sections in the Barh el-Ghazal	
Santandrea, Rev.	Gleanings in the Western Bahr el-Ghazal	
Schuster, C.	Modern parallels for ancient Egyptian tattooing	
Seligman, C. e B.	Social organization of the Lotuko	X
Seligman, C. e B.	Note on the history and present condition of the Beni Amer	X
Seligman, C. G.	Note on dreams	X
Shaw, Rev. A.	Dinka animal stories (Bor dialect)	
Stevenson, R. C.	The Nyamang of the Nuba mountains of Kordofan	
Stigand, Major G. H.	The story of Kir and the White Spear	
Stubbs, Capt. J. N.	Beliefs and customs of Malwal Dinka	
Tame, G. B.	Tales of the Halawin	
Thomson, W. P. G.	Notes on the death of a reth of the Shilluk	
Titherington, Major G. W.	The Raik Dinka of Bahr el-Ghazal Province	
Tothill, B.	An expedition in Central Africa by three dutch ladies	
Tucker, Dr. A. N.	The tribal confusion around Wau	
Ucin, F.	The Bviri tribe	
Whalley, Capt. R. C. R.	Southern Sudan game	
White, Major R. F.	Notes on the Turkana tribe	
Whitehead, G. O.	Social change among the Bari	

Whitehead, G. O.	André Melly's visit to Khartoum	
Whitehead, G. O.	Mansfield parkyns	
Willis, C. A.	Religious confraternities of the Sudan	
Willis, C. A.	The cult of Deng	
Yunis, Y. N.	Notes on the Baggara and Nuba of Western Kordofan	
Yunis, Y. N.	The Kuku and other minor tribes of the Kajo Kaji District	
Zenkovsky, S.	Marriage, customs in Omdurman	
Zenkovsky, S.	Customs of the women of Omdurman	
Zenkovsky, S.	Zar and Tambura in Omdurman	